

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**MIGRANTES CONTADORES DE ESTÓRIAS – INTEGRAÇÃO E INTERCULTURALIDADE**

**VALTER MANUEL LINHARES PERES**

**Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais**

**2019**



**UNIVERSIDADE ABERTA**



**MIGRANTES CONTADORES DE ESTÓRIAS – INTEGRAÇÃO E  
INTERCULTURALIDADE**

**VALTER MANUEL LINHARES PERES**

**Mestrado em Relações Interculturais**

**Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Ana Paula Beja Horta**

**2019**



## RESUMO

Imigrantes que contam estórias, que criam empatia, que dão a conhecer a sua cultura de origem e, por isso, se tornam ferramentas de interculturalidade. Ser, em contexto migratório, contador de estórias, pode constituir um fator importante para a sua integração na sociedade de acolhimento. Os imigrantes contadores de estórias promovem, ou podem promover, na sociedade de acolhimento, espaços de interação, ou mais especificamente, de mediação intercultural. Numa análise aos percursos de vida, à arte da narração oral e à própria história do imigrante narrador, surge a noção de que também ele se pode consubstanciar, através da sua arte, como uma ferramenta que contribua para sua integração na sociedade de acolhimento, isto é, ser contador de estórias pode ser uma vantagem para um imigrante, quando se aborda o processo de integração. As narrativas de vida destes imigrantes contadores de estórias enquadram a sua relação com a sociedade de acolhimento e colocam em evidência as competências que eles utilizaram e ainda utilizam como instrumentos de integração, sobressaindo a sua arte de contar, a sua ação junto de um público e a empatia que com ele criam, de forma a dar a conhecer a sua cultura de origem, logo a serem compreendidos, eles e as suas práticas culturais. A multiculturalidade é uma certeza nas sociedades contemporâneas e deverá ser um propósito caminhar-se para a interculturalidade no seio delas. Uma das estratégias para se atingir esse desígnio pode estar na narração oral, com a intervenção e ação direta de imigrantes contadores de estórias, que narram contos, que colocam em evidência uma pluralidade de culturas, enfim, que podem ser verdadeiros mediadores para a interculturalidade.

**Palavras chave:** Imigrante, Contador de estórias, Integração, Empatia, Interculturalidade, Portugal.

## **ABSTRACT**

Immigrants who tell stories, who create empathy, who make their native culture be known, and therefore become tools of interculturality. In a migratory context, being a storyteller can be an important factor in the process of integration in the host society. Storytelling migrants promote (or may promote) spaces for interaction, more specifically for intercultural mediation, in their host societies. When analyzing their life courses, from the art of oral narration to the narrator's own history, one would perceive the notion that he too can be embodied, through his art, in a tool that contributes to its integration into the host society, that is to say, being a storyteller can be an advantage for the immigrant when addressing the integration process. The life narratives of these storytelling immigrants frame their relationship with the host society and highlight the tools they have used and may still use as instruments of integration, emphasizing their art of storytelling, their action towards a public and the empathy they create with them, in order to make their native culture and cultural practices be known, thus, better understood. Multiculturality is the evidence of contemporary societies and it should be a purpose for us to move towards interculturality within them. One of the means to achieve this goal is oral narration, with the intervention and direct action of storytelling immigrants, who tell tales, who highlight a plurality of cultures, who can be true mediators for interculturality.

**Key Words:** Immigrants, Storyteller, Integration, Empathy, Interculturality, Portugal.

***Aos meus filhos, Gonçalo e Maria***

## **AGRADECIMENTOS**

Chegado ao final desta etapa, agradeço a quantos me acompanharam neste caminho.

À minha família, a origem e o objetivo de todas as ações que resultam da minha existência.

À minha orientadora, a Professora Doutora Ana Paula Beja Horta.

Aos imigrantes contadores de estórias que generosamente aceitaram participar na pesquisa, pela sua disponibilidade e interesse colocados no projeto.

## ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VI</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>VIII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>5</b>
1.1    O CONTADOR DE ESTÓRIAS .....	6
1.2    TRADIÇÃO ORAL.....	12
1.3    NARRAÇÃO ORAL .....	14
1.4    NARRAÇÃO ORAL, UMA REDE DE TRANSMISSÃO .....	17
1.5    NARRAÇÃO ORAL, ARTE E PERFORMANCE.....	18
1.6    MEMÓRIA.....	19
1.7    AFEIÇÃO E EMPATIA .....	20
1.8    CULTURA, IDENTIDADE CULTURAL, MULTICULTURALISMO, INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS.....	21
<b>CAPÍTULO II - ITINERÁRIO METODOLÓGICO .....</b>	<b>26</b>
2.1    TEMÁTICA E QUESTÕES DE PARTIDA.....	27
2.2    ITINERÁRIO.....	28
2.3    OPÇÕES METODOLÓGICAS .....	29
2.4    QUESTÕES ÉTICAS .....	32
2.5    APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	34
2.6    COMUNIDADE ALVO DA PESQUISA .....	35
<b>CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>38</b>
3.1    PERCURSO MIGRATÓRIO .....	39

3.2	PROCESSO DE INTEGRAÇÃO .....	44
3.2.1	Regularização .....	44
3.2.2	Integração. Dificuldades e fatores de facilitação .....	46
3.2.3	Perceção das atitudes da sociedade portuguesa face ao imigrante ....	53
3.2.4	Políticas portuguesas de integração.....	56
3.2.5	Integração e transnacionalismo .....	57
3.2.6	Práticas culturais.....	58
3.2.7	Língua, barreira e ferramenta de trabalho .....	63
3.3	MIGRANTES CONTADORES DE ESTÓRIAS. INTEGRAÇÃO E INTERCULTURALIDADE.....	66
3.3.1	Trajetória dos imigrantes contadores de estórias.....	66
3.3.2	Contar estórias como ferramenta intercultural .....	76
3.3.3	Empatia .....	82
3.3.4	Contador de estórias, instrumento de interculturalidade .....	86
3.3.5	Contador de estórias como mediador intercultural.....	89
3.4	POLÍTICAS DE INTERCULTURALIDADE.....	92
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>103</b>
	<b>ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>111</b>
	<b>ANEXO II - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>	<b>117</b>
	<b>ANEXO III - EXCERTO DO MAPA DE ANÁLISE DE CONTEÚDOS DE UMA DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>119</b>



## INTRODUÇÃO

“A humanidade vem contando estórias de forma ininterrupta desde que adquiriu a fala ou antes disso, desde que aprendeu a gesticular e se comunicar” (Terra [s.d.], online). O contador de estórias exerce, pois, uma atividade ancestral. O homem conta estórias desde que comunica. No entanto, a arte de contar tem vindo, nas últimas décadas, a ser enquadrada como um ato performativo e entendida como atividade lúdica, apresentada em sessões de contos organizadas para diversos tipos de público.

Hoje é visível, na programação cultural de bibliotecas, associações, cafés, bares, teatros e centros culturais, nas atividades curriculares e extracurriculares de escolas e infantários, e de um variado leque de iniciativas, um interesse crescente pelos “contos”, ou seja, por sessões com um “contador de histórias”.

(Carmelo, 2016:9)

Nas sociedades contemporâneas, de há algumas décadas a esta parte, tem havido um relevante crescimento do movimento da narração oral como ato performativo, consubstanciado em sessões de contos realizadas por um, ou mais, contadores de estórias, para públicos diversos. Este movimento foi causa e consequência da criação de uma comunidade de contadores de estórias, que, embora longe ainda do *mainstream*, tem já uma central importância, sobretudo junto de bibliotecas, escolas, centros culturais e diversos espaços informais que organizam eventos de narração oral.

“Os contos surgiram de uma necessidade intrínseca do homem em explicar a sua origem” (Busatto, 2001:21). Assim, e porque é intrínseco ao indivíduo essa tentativa de mostrar a sua ancestralidade, relevante se torna perceber a forma, ou o veículo como isso pode acontecer. Para os imigrantes contadores de estórias, a sua arte e performance em sessões de narração oral pode constituir-se como uma ferramenta para tal.

Em Portugal é já considerável o número de imigrantes que trabalham na área da narração oral e, entendemos, por isso, ser pertinente pesquisar e refletir sobre o papel da narração oral na sua integração na sociedade de acolhimento.

Nesse sentido, enveredámos por pesquisar e aferir a forma como o imigrante contador de estórias, pode utilizar a arte de as narrar para um público desconhecido, de forma a dar a conhecer as suas origens, a sua cultura ancestral, as pertenças que traz consigo da sociedade que o enformou culturalmente.

“Aprender a conhecer e a compreender o sentido de normas e valores, os quadros de referência do Outro e os códigos culturais respetivos e tomar consciência das diferenças e especificidades culturais” (Ramos, 2013:354). A competência na comunicação intercultural elencada por Ramos (2013), esse aprender a conhecer, acontece quando se tem contacto com algo, quando se vê, quando se ouve, quando se sente.

O conhecimento e a compreensão potenciam a empatia e permitem ao indivíduo colocar-se no lugar do outro, constituindo, assim, uma importante ferramenta para um diálogo intercultural.

A empatia criada com os migrantes contadores de estórias, quando estes narram os seus contos, quando expõem em sessões públicas as suas estórias, a sua performance, a sua tradição, a sua ancestralidade, enfim, a sua cultura de origem, permite que a audiência possa aprender e compreender as suas especificidades culturais.

Nesta dissertação pretende-se examinar as dinâmicas socioculturais dos imigrantes contadores de estórias em Portugal. Mais especificamente, este trabalho visa analisar o papel que estes atores sociais, os *Griots* da atualidade, desempenham nos processos de integração intercultural na sociedade de acolhimento.

Neste contexto, definimos os seguintes objetivos de investigação, que passamos a enunciar:

I) identificar a forma como os imigrantes contadores de estórias utilizam os contos e a arte de os contar para potenciar a sua integração;

II) aferir, a partir da história de vida de imigrantes contadores de estórias, se podem, ou não, constituírem-se eles próprios como ferramentas de interculturalidade;

III) investigar a relevância da empatia criada nas sessões públicas de narração oral para criação de vínculos com a sociedade de acolhimento;

IV) investigar a relevância da empatia criada nas sessões públicas de narração oral para divulgação da cultura ancestral do contador de histórias imigrante.

Na recolha de dados foi utilizada a metodologia qualitativa e, através de entrevistas em profundidade, foram recolhidas narrativas de vida de onze imigrantes contadores de histórias que escolheram Portugal como sociedade de acolhimento e neste país exercem a arte de narrar contos.

Este trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. Após a Introdução que explicita a pertinência da pesquisa, os objetivos da mesma, as opções metodológicas e a estrutura capitular, procedemos ao Capítulo I que visa a análise dos principais paradigmas teóricos e conceptuais subjacentes ao contador de histórias, como sejam, a tradição oral, a narração de histórias, a transmissão, a performance e memória, a empatia, a cultura, a multiculturalidade e as práticas culturais interculturais.

No Capítulo II descrevemos o itinerário metodológico e conceptual, onde mencionamos todo o processo desde o seu início, passando pelas metodologias, técnicas utilizadas e pela caracterização da comunidade pesquisada.

No Capítulo III procedemos à análise e à discussão dos resultados da pesquisa realizada. A análise foi dividida em quatro dimensões: migrantes contadores de histórias e percursos migratórios; processos de integração; integração e interculturalidade; políticas de interculturalidade.

Na primeira dimensão, a nossa análise versou sobre os percursos que os migrantes entrevistados fizeram até ao país de acolhimento, analisando as razões para a migração e as expectativas iniciais. A segunda dimensão de análise teve como principal enfoque a forma como se processou a sua integração, nomeadamente as dificuldades sentidas, mas também os fatores que a facilitaram, a sua relação com o país de origem, bem como a sua avaliação à forma como os portugueses se relacionam com as comunidades de imigrantes.

Na terceira dimensão, abordámos o que se consubstancia como o centro da pesquisa, que por essa razão, intitulámos de *Migrantes Contadores de Estórias, Integração e Interculturalidade*. Passamos a examinar o percurso que os contadores de estórias fizeram em Portugal, que estórias contam, para quem contam e onde habitualmente exercem a atividade de narrador oral. Analisámos, ainda, três questões que reportamos de nucleares: a empatia que o narrador cria com a audiência e a sua importância na criação de vínculos e aceitação da sua cultura ancestral; a forma como as estórias e a arte de as contar podem ser um importante fator na promoção da interculturalidade; a possibilidade que os contadores de estórias têm de serem eles próprios, tanto quanto as suas estórias, ferramentas para a interculturalidade. Na última dimensão de análise, abordamos as sugestões de políticas que permitam a utilização de contadores de estórias imigrante como veículo de interculturalidade.

Finalmente, em considerações finais, apresentamos um resumo sucinto dos resultados da pesquisa realizada, apontando novas pistas para futuras investigações.

## **CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **CONTADORES DE ESTÓRIAS, TRADIÇÃO ORAL, PERFORMANCE, EMPATIA E PRÁTICAS CULTURAIS**

O enquadramento teórico no qual entendemos suportar este estudo girou em torno das áreas que se prendem com a narração oral, como sejam a tradição oral, a arte de contar histórias, a performance do contador, a memória, a transmissão e a empatia. Julgámos, no entanto, ser relevante alargar também o enquadramento a conceitos como a cultura, o multiculturalismo, a interculturalidade e as práticas culturais.

### **1.1 O CONTADOR DE ESTÓRIAS**

Ele recebeu vários nomes através dos tempos: era o rapsodo para os gregos; o griot para os africanos; o bardo para os celtas; ou simplesmente o contador de histórias [...] era um sujeito que se valia da narração oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte.

(Busatto, 2011 apud Luciano, 2014:8)

Quando falamos de contadores de histórias, ou narradores, como também são conhecidos, vem-nos ao pensamento os contadores que povoam o nosso imaginário, ou seja, os familiares que contavam na hora de serão, ou de dormir, ou o ancião que se constituía como “perpetuador das memórias” (Luciano, 2014:30) e “guardião do património imaterial” (Luciano, 2014:30).

Não obstante todas as nuances existentes na ação do contador de histórias ao longo da história, suas adaptações e transformações, este continua a ser, como realça Soares (2011 apud Luciano, 2017:10) “alguém que, através da transmissão da sua experiência, e que sendo, à partida, também um bom ouvinte e um bom leitor, funcionará como elo na milenar corrente de experiência humana formada pelas histórias”.

Walter Benjamin entende a figura do contador de histórias como “um homem que sabe dar conselho e que é capaz de tirar dessas narrativas a sabedoria e envolver de tal forma seus ouvintes nessas narrações, fazendo desse ouvinte, no ato de contar, o seu companheiro de história” (Benjamin, 1986 apud Silva, 2004:6).

O contador de estórias, sempre foi o que entretinha, que detinha o conhecimento, que sabia citar ditados e adivinhas, que narrava contos, lendas e mitos, aquele que contava outros imaginários.

### **Contador de estórias, um guardião da oralidade**

“O contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais, como resultado de um estímulo que tem sua raiz no texto contado” (Sisto, 2005 apud Luciano, 2014:12). O contador de estórias tem o condão de valorizar a palavra e elevá-la a um patamar de importância central. “Pela palavra, esse contador vai descortinando, junto aos seus ouvintes, os traços fundamentais de sua cultura, pois, é a voz desse contador, uma vez ritualizada e reescutada, que vai ajudar o público a perceber a unidade do mundo” (Zumthor, 1993 apud Silva, 2004: 7).

É através da palavra dos contadores que as estórias vão sobrevivendo. “Como aves migratórias, e de tanto viajar na palavra dos contadores de histórias, os contos populares vão construindo seus ninhos também no imaginário das gentes de terras distantes” (Matos, 2009 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:70). Foi, pois, através da oralidade que os contos correram o mundo, se espalharam e se adaptaram a cada região a que chegaram, “numa época que nem se sonhava com o advento da imprensa” (Matos, 2009 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:70). Os contadores, recontam as estórias que ouviram, repassando-as e perpetuando-as.

A importância que o contador de estórias teve e ainda mantém na preservação da cultura oral é evidente. Foi ele o garante da perpetuação das estórias, dos ditados, dos preceitos, enfim de toda uma teia de regras e imagens que enformam a identidade de uma sociedade.

### **Contador de estórias, laço social e educação**

“Antes da escrita, contar histórias era uma das formas encontradas para passar os conhecimentos de uma geração para a outra” (Teixeira, 2006:12)

Paul Zumthor (1993) entende que a voz dos contadores, para além do prazer que provoca no ouvinte, deve propor “as virtudes que venham ajudar a manter o laço social da comunidade. São eles que vão alimentar toda essa rede imagética dessas sociedades” (Zumthor, 1993 apud Silva, 2004: 7). A voz do contador teve um contributo central para a construção de identidade no seio das sociedades, foi ela, a voz dos contadores de estórias, ao longo dos tempos, um importante veículo de transmissão e perpetuação dos preceitos que moldaram as sociedades e que deixaram as suas marcas na história da humanidade.

Valorizando a importância da palavra do contador no seio das sociedades, lembra Paul Zumthor, “os veneráveis relatos dos velhos que narram aos mais jovens em volta os eventos de sua longa vida, de modo a exortá-los à virtude. Virtude e verdade coincidem” (Zumthor, 1994 apud Silva, 2004: 6).

A narrativa do contador de estórias, segundo Benjamin (1986), “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir, seja num entendimento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (Benjamin, 1986 apud Silva, 2004:6). Normas de vida, preceitos, regras de convivência, são códigos que implícita, ou explicitamente em muitos casos, fazem parte dos contos narrados e que, numa análise holística, podemos caracterizar como a educação informal de que foram também responsáveis os contadores de estórias.

Essa oralidade das sociedades, que colocou o contador de estórias num local central da vida social e através da valorização da sua palavra lhe deu a função de educador, ligou-o à ancestralidade, isto é, à continuação da voz dos mestres ancestrais. No entanto, não deixa o contador de validá-la sempre, com expressões como “ouvi dos antigos, ou meu pai sempre contava, minha mãe, meu avô, minha avó” (Silva, 2004:8). Nesse circuito da tradição, o contador de estórias “guarda a palavra ancestral” (Silva, 2004:11) e quando a transmite, “a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e performance, índice de sabedoria e educação” (Silva, 2004:11).

Sociedades existiam, como a africana, onde os contadores de estórias ou Griots tinham claro o objetivo de contar os acontecimentos e tradições do seu povo, mas também eram estes que detinham a função de formação dos mais jovens.

### **Contador de estórias, declínio e ressurgimento**

Walter Benjamin considerava que a narração de estórias estava a declinar, uma vez que as tecnologias a estariam a substituir (Benjamin, 1985 apud Scherack, s/d), no entanto, nas últimas décadas do século XX, deu-se o ressurgimento dos contadores de estórias, já com roupagens diferentes.

Busatto (2006) atenta para o fato de que nos últimos tempos, uma figura que andava em desuso vem voltando a ocupar um lugar social, seja por força de um modismo, seja por uma necessidade inerente ao homem de se comunicar por meio da fala estética, atuando artisticamente com a palavra. Trata-se do contador de histórias, que provoca no outro justamente a atenção e a disposição para escutar. É o contador de histórias que substitui o vazio deixado pelas avós e as avas (...) manipulando o imaginário, é também uma porta para o inconsciente, onde estão instalados o fantástico e o mágico.

(Carvalho, 2015:21)

O contador de estórias reapareceu, pois, nas últimas décadas do século XX e desde então tem-se visto crescer uma comunidade de novos contadores. Importa sublinhar a distinção que Cleomari Busatto (2005) faz, definindo “dois tipos de contadores, situando-os no tempo e no espaço” (Busatto, 2005 apud Carvalho, 2005:23). São eles o contador tradicional e o contador contemporâneo.

### **Contador de estórias tradicional**

Para Cleomari Busatto, o contador tradicional é aquele que, estando numa comunidade onde prevalece “uma oralidade primária ou mista” (Busatto, 2011 apud Luciano, 2014:31), a sua narração está centrada nos atos quotidianos. É “alguém que herdou o dom da narrativa de seu núcleo familiar ou comunitário” (Busatto, 2011 apud Luciano, 2014:31), “faz parte de um grupo social que retém as informações por meio da oralidade, seja por

ser analfabeto ou, quando vivendo numa comunidade letrada, não se deixar influenciar pela escrita, apesar de ela estar presente no seu dia-a-dia” (Busatto, 2005:14).

Esses contadores “aprenderam a arte de narrar por meio da observação e do convívio com os mais velhos” (Mota; Echer & Bonilla, 2016:69), as estórias que contam não as leram, mas ouviram-nas dos seus ancestrais (Mota; Echer & Bonilla, 2016).

Exemplo desses contadores tradicionais são os Griots, contadores africanos. Estes contadores de estórias utilizaram-nas como contributo para a organização das aldeias, “tendo uma função social de memória e transmissão de conhecimento” (Carvalho, 2010 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:69). O seu repertório, ou seja, as estórias que contam, são contos da tradição oral “que atravessam culturas e gerações pela oralidade” (Machado, 2004 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:70).

### **Contador de estórias contemporâneo**

O outro contador a que se refere Cleomari Busatto é o contador de estórias contemporâneo, “que atua num regime de oralidade secundária” (Busatto, 2005 apud Carvalho, 2005:23). Este contador de estórias contemporâneo atua num contexto cultural onde a escrita assume a primazia, sendo o que “elaborou a habilidade para a narração por meio de uma técnica” (Busatto, 2005: 35). Segundo Matos (2005 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:70) estes narradores “não receberam a sua palavra como herança, não beberam da fonte da experiência coletiva”.

Estes contadores de estórias não são já aqueles que podiam começar a narração com um “dizem”, ou “ouvi dizer”, ou “já dizia minha avó”, sem que isso fosse uma performance, porque tinha sido exatamente assim, ouvindo, e não de outra forma, que haviam recebido aquela estória, aquele provérbio, ou aquela adivinha.

Hoje, os contadores de estórias, “esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade” (Busatto, 2005: 15), encontram-se no seio de uma sociedade mediada por diferentes meios de comunicação que assumem um papel muito relevante na

transmissão do saber (Busatto, 2005). Hoje o contador de estórias não é mais o centro da comunicação, mas, ainda assim, se constitui como guardião de uma tradição oral.

Sobre a transformação dos contadores de estórias, Georges Jean afirma que, “tendo os contadores de histórias tradicionais, paulatinamente, desaparecido por completo dos campos culturais, renasceram um pouco por todo o lado, na figura dos contadores contemporâneos” (Jean, 2000 apud Luciano, 2014:31) que, inversamente aos tradicionais, maioritariamente analfabetos, sabem ler e chegam inclusive a escrever os seus próprios contos (Luciano, 2014). No entanto, entende Georges Jean que “eles sabem encontrar técnicas antigas: saber os seus contos de cor e, no entanto, parecerem improvisar, modelar os seus efeitos da voz, usar diversas posturas, mímicas, fazer falar as suas mãos” (Jean, 2000 apud Luciano, 2014:31).

“O contador de histórias do século XXI é um performer, um realizador, um artista” (Busatto, 2005:23), leva ao público espetáculos de narração oral, em sessões de contos, num trabalho performativo, dominando técnicas de espetáculo (Flek, 2007). Hoje o contador de estórias apresenta o seu trabalho em atividades pontuais, ou de carácter permanente, nos mais diversos locais como “hospitais, escolas, bibliotecas, centros culturais, museus, teatros, cafés, livrarias, lojas de brinquedos, festas de aniversário, casamentos, reuniões familiares” (Busatto, 2003; Ribeiro, 2006; Sisto, 2001 apud Flek 2007:222).

### **Contador de estórias, uma profissão**

Embora a narração oral seja, na história da humanidade, uma das atividades mais antigas, nunca até às últimas décadas do séc. XX tinha sido encarada como profissão. Presentemente sim, como refere Fleck (2007 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:74), “é na contemporaneidade que a contação de histórias aos poucos sai da informalidade para tornar-se uma profissão”. A atual profissionalização de contador de estórias contrasta com o que acontece com os contadores de estórias tradicionais, como sublinha Nkama (2012 apud Mota; Echer & Bonilla, 2016:73) “nas comunidades africanas, nas quais contar

histórias é ainda uma prática tradicional, não se recebe uma recompensa para contá-las, até porque, nessas comunidades todos são capazes de contar uma boa história”.

A profissionalização e conseqüente investimento do contador na narração de estórias tem levado a uma ligação muito profícua com a leitura e a uma emergente importância do contador de estórias na sua dinamização e mediação, seja em bibliotecas, seja diretamente em escolas e jardins de infância, atribuindo-lhe um relevante papel pedagógico no campo da mediação e animação do livro e da leitura.

### **Contador de estórias, um agente importante na sociedade contemporânea**

Tempos houve em que os contadores de estórias contavam na aldeia, à volta da fogueira, na cozinha ou junto à lareira das casas, nos campos onde trabalhavam, ou nas longas jornadas de viagem e serviam a coesão social, eram educadores e criadores de identidades culturais. Hoje, alterou-se substancialmente a sua ação, alterou-se a visão que deles se constrói, no entanto, continuam a ter uma relevante importância na sociedade.

Hoje, os contadores de estórias participam em festivais de narração oral, animam bibliotecas, centros e dia, bares, jardins, entre vários outros locais. Contam para crianças, para a família, ou apenas para adultos. Narram contos da tradição oral, contos de autor, escritos por si, ou por outros. “Com disciplina da sua memória e da sua palavra” (Meireles, 1984 apud Luciano, 2017:10), continuam o trabalho dos seus ancestrais contadores de estórias que “salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade”. (Meireles, 1984 apud Luciano, 2017:10).

#### **1.2 TRADIÇÃO ORAL**

Segundo a UNESCO, através da *Oral traditions and expressions including language as a vehicle of the intangible cultural heritage*, o domínio das tradições e expressões orais engloba:

Uma enorme variedade de formas faladas, incluindo provérbios, enigmas, contos, rimas infantis, lendas, mitos, canções e poemas épicos, encantos, orações, cantos, canções, performances dramáticas e muito mais. Tradições e expressões orais são usadas para transmitir conhecimento, valores culturais e sociais e memória coletiva. Eles desempenham um papel crucial na manutenção das culturas.

(UNESCO, 2003b:5)

Para Vieira (1978 apud Silva et al., 1983:23), as narrativas “têm sido um dos meios mais relevantes de que dispõe o homem não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e re-criação desse conhecimento”. As narrativas orais são uma forma de comunicar, seja para entretenimento, seja para ensinamento e consequente aprendizagem. Sempre para consolidação e perpetuação de uma cultura.

A tradição oral foi responsável, ao longo dos tempos, pela transmissão do conhecimento e sabedoria populares, utilizando o que, numa linguagem popular se designa de boca a boca. Foi através dela que os contos, as lendas, os mitos, a música e a dança, enfim, todo o património imaterial, se foi mantendo vivo e servindo como laço social que junta e enforma a cultura de uma determinada sociedade (Parafita, 2005 apud Mota; Echer & Bonilla, 2011).

O indivíduo, “homem-presente comunica-se com o homem-passado, estabelecendo um intercâmbio de experiências entre os tempos” (Silva et al., 1983:24). A tradição oral é uma forma de manter a ancestralidade e garanti-la à geração seguinte, oferecendo a possibilidade de que se perpetuem “valores, conceitos e perspectivas socioculturais de um povo” (Diehl, 2002 apud Silva et al., 1983:26).

A tradição oral tem permitido manter vivas as pertenças de um grupo e fornecido “elementos que permitem de uma forma mais orgânica apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas, comportamentos, etc” (Silva, 2004:1). A tradição oral emprestou às comunidades, através da valorização do seu património imaterial, uma identidade étnica, ou como entende Guattari (1986 apud Silva, 2004 :2), um “processo de singularização”.

A tradição oral, principal responsável pela perpetuação desse património imaterial, jogou mão dos contadores de estórias, que com a sua principal ferramenta, a voz, o difundiram e fizeram com que chegasse vivo aos nossos dias, permitindo ainda que este faça “um

percurso, individual, ou coletivo, que possibilita a construção de novas histórias” (Wawzyniak, 2016:3).

### 1.3 NARRAÇÃO ORAL

“Nascida na tradição oral” (Mota, Echer & Bonilla, 2016:68), a arte de contar histórias prevalece desde os tempos em que a comunicação se fazia, sobretudo, oralmente e a transmissão de conhecimento tinha este canal como privilegiado.

Contar, ou narrar histórias oralmente, é uma das artes mais antigas da humanidade. Desde que começou a comunicar que o homem conta histórias. Contar histórias promovia, e promove “momentos de união, confraternização, trocas de experiências, além de ajudar a passar o tempo e vencer o tédio” (Torres & Tettamanzy, 2008:2). Através desta arte, se tem perpetuado “a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida” (Meiros, 1979 apud Torres & Tettamanzy, 2008:2).

“Contar histórias e ouvir histórias são atividades inerentes à condição social do ser humano” (Luciano, 2014:1). A necessidade de comunicação que o homem tem levou-o a expressar-se oralmente, contando histórias, mas também os acontecimentos diários e as memórias.

“A ação ou a arte de contar histórias que, ao colocar o homem em comunicação durante milênios, serviu à comunidade tanto para informar quanto para educar” (Café, 2000:1). Diz-nos Sílvia Garcia que era frequente estarem os mais velhos constantemente a contar, fossem histórias, causos, ou lendas e que tal tinha como objetivo ensinar “normas de conduta a seu povo, alerta a perigos existentes, ou simplesmente ensinamentos exemplares” (Garcia (s/d:1). Foi, pois, este ouvir histórias e posteriormente contá-las a outros, uma maneira de preservar os “valores e a coesão de uma determinada comunidade” (Garcia, s/d:1).

Narrar uma estória, como entende Schermack (s/d:5), é sempre o “revelar de um segredo”. Quem escuta um conto da boca do narrador torna-se depositário dos “mistérios e dos saberes que uma história carrega” (Schermack, s/d:5). A oralidade, essa fonte de conhecimento que leva os segredos e saberes, fez com que estes “ficassem gravados na memória dos indivíduos, transmitindo de geração em geração as crenças, magias, os valores e tradição acumulados” (Caprino & Perazzo, 2011:808).

Contar estórias “expressava e corporificava o mundo simbólico pelo uso das palavras e dos gestos para um conjunto de ouvintes da família ou da aldeia” (Schermack, s/d:1), estes deixavam-se “seduzir pelo poder mágico das palavras” (Traça 1992 apud Luciano, 2017:1) e sublinha Luciano (2014) que foi a narração oral de estórias, desde sempre uma forma de entretenimento e diversão.

Sendo também lúdica, a narração oral de estórias cria “cenários, indumentárias, contextos e enredos, quer sejam alegres, tristes, engraçados, encantados ou de suspense” (Souza & Bernardino, 2011; Lourenço, 2014 apud Nunes, 2018:20). Mas o entretenimento e a diversão não se sobrepunham a todos os outros objetivos da narração de estórias, que envolviam a preservação de valores, o alerta para condutas sociais, a educação e a criação de laços sociais, porque, como diz Sisto (2007:1), “a palavra merece mais do que um espetáculo”, uma vez que é a própria palavra, a que sai da boca do contador, já em si espetáculo, pelo “narrar, o comunicar, o dialogar, o atingir o outrem, o suspender o tempo, o emocionar” (Sisto, 2007:1).

“Contar histórias nunca é uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo” (Sisto, 2001 apud Fleck, 2007:219), sendo, portanto, uma forma de valorizar determinados aspectos e de os fazer sobressair. Para Fleck (2007:220), a “valorização da cultura popular e dos contos tradicionais por intermédio da narração de histórias é muitas vezes uma maneira de resgatar a origem e a própria história de cada localidade ou região”.

## **Declínio e ressurgimento**

Walter Benjamin entendia que a narração oral de histórias, devido ao aparecimento das novas tecnologias, estaria em processo de substituição (Benjamin, 1985 apud Schermack, s/d). Cleomari Busatto (2005), no entanto acrescenta:

De fato, a narração oral, essa função, essa arte comunicacional, que correu o risco de se perder pelos caminhos do tempo, quando surgiram novos suportes para a transmissão dos saberes, reapareceu nas últimas décadas do século XX, num imaginário distinto, pois chegou com uma cara diferente do que já se viu.

(Busatto, 2005:21)

Para a autora, a narração de histórias é uma “arte comunicacional” (Busatto, 2005:21) que, devido ao aparecimento de novos veículos de transmissão de conhecimento, teria corrido o risco de desaparecer, no entanto, “assume-se agora como um espetáculo de narração oral” (Busatto, 2005:21), onde a performance e as técnicas do contador de histórias são preparadas, “para levar um texto (seja ele recolhido por meio de registros orais ou escritos) aos seus ouvintes, estejam eles no teatro, na sala de aula, em casa, na rua, na fábrica, na festa, no parque ou no shopping center” (Busatto, 2005:21).

A narração oral transformou-se numa profissão, não deixando de ser o narrador guardião desse patrimônio imaterial que são as histórias da tradição oral que a memória da humanidade preservou, sendo estas “hoje, transcritas, reescritas, transfiguradas, reinventadas, recontadas” (Ribeiro & Nogueira, 2007 apud Santos, 2010:102).

Presentemente as histórias, apesar de continuarem a ser contadas em família, pelos pais, avós, irmãos, tios, enfim, todos quantos gostem de narrar contos, vão, também, proliferando em sessões de contos em bibliotecas, museus, festivais, centros de dia, cafés, organizadas, não apenas para o núcleo familiar, mas para uma assistência composta por desconhecidos.

Através da narração oral, o conto traz “uma experiência estética democrática” (Patrini, 2005 apud Ramos, 2011:40). Efetivamente a relação entre ouvinte e contador, através da voz e corpo deste, é uma partilha. Quem escuta uma história, tal como menciona Benjamin (1983 apud Ramos, 2011:40) “partilha da companhia do narrador”.

Contar histórias é uma atividade viva e em crescendo no seio das sociedades contemporâneas, fazendo uso de uma paleta de outras artes que a enriquecem.

Contar histórias na verdade é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro... não há como ignorar esse quê de performático do contador de histórias. Ainda que o foco maior seja apenas a voz e o texto, projetados no espaço, para atingir uma plateia.

(Sisto, 2007:39)

#### 1.4 NARRAÇÃO ORAL, UMA REDE DE TRANSMISSÃO

A narração de histórias “cria uma rede de transmissão” (Silva, 2004:5), de conhecimento e de preceitos dentro das comunidades. Essa “aprendizagem informal” (Silva, 2004:5) é um dos pilares da consolidação da identidade de um grupo, ou de uma comunidade. (Silva, 2004).

“Na tradição oral as palavras transformam-se em ação, atividade comunicativa, relação de cumplicidade entre o contador e o ouvinte” (Bueno, 2008:2) e, desta forma, “uma história bem contada deixa marcas profundas em seus ouvintes” (Sisto, 2005 apud Luciano, 2014:20). Essas marcas prolongam-se mesmo para além do momento em que se acaba a narração (Sisto, 2005 apud Luciano, 2014). Esse reflexo que as palavras têm no ouvinte, essa reverberação, faz da narração oral uma ferramenta de comunicação muito assertiva. Há poder na narração oral, onde a palavra assume uma singular importância e dá ao narrador uma legitimidade de entreter e educar.

A transmissão através da narração oral cria um vínculo de cumplicidade entre o narrador e a sua plateia, onde o respeito pelas palavras é sagrado. Nesse ato de ouvir o contador, quem escuta sabe que essas palavras são “herdadas da cadeia dos ancestrais” (Silva, 2004:5) e desde logo, transmissão de conhecimento.

## 1.5 NARRAÇÃO ORAL, ARTE E PERFORMANCE

Para Zumthor (1993 apud Busatto, 2005:26) “a performance é uma ação que comunica a obra, onde obra é aquilo que se transmite”.

Na narração oral de estórias entende-se a performance como a forma como o contador interage, envolvendo a palavra em “sons e silêncios, movimentos e quietudes, num pulsar de afetos que transcendem o espaço físico onde ocorre a ação” (Busatto, 2005:26).

Contar estórias, sendo uma atividade onde a cumplicidade é convocada, onde o vínculo com o ouvinte é direto, derrubando o que em teatro se chama de quarta parede, não implica que não seja importante a performance, muito pelo contrário, é a performance que valoriza a palavra, em todos os contextos que a rodeiam.

Tenha o contador escolhido narrar uma estória tradicional, ou de autor, empresta-lhe sempre características próprias, pela forma performativa como a conta, “em sua voz e em sua gestualidade, pois estas são carregadas de características desenvolvidas a partir de experiências pessoais do meio em que vive”.

Matos (2009 apud Carvalho, 2015:26) entende a narração oral como sendo as “histórias em performance”. Na interação entre quem conta e aquele que escuta, as pausas, os diferentes tons, os gestos, todo o envolvimento que o contador utiliza para narrar o conto, ajudam o ouvinte a viajar nas imagens que as palavras do narrador lhe fazem criar.

Para a criação de imagens, Bajard (1974 apud Carvalho, 2015) entende que a narração oral joga mão de técnicas teatrais, mas com especificidades, porque, embora contar estórias seja uma modalidade de teatro, segundo ele, das mais antigas, “nela uma única pessoa assume todas as instâncias do enredo: não somente a voz de cada um dos personagens, como também o discurso do narrador” (Bajard,1974 apud Carvalho, 2015:27).

Contar estórias é uma arte performativa que “permite a interação entre contador e ouvinte” (Scherack, s/d:3), sendo exatamente pela sua performance que essa interação acontece. E acontece sempre que o ouvinte permite que a imaginação siga com a estória e

com a voz do narrador. É nesse momento que “o ato performático se consolida” (Schermack, s/d:3).

## 1.6 MEMÓRIA

A memória, baú onde a humanidade foi arrumando todas as pertencas que tem como suas, é, como entende Pollack (1992 apud Ventura, 2012:15), “um elemento constituinte do sentimento de identidade”. É pela memória que o homem alcança o passado, ela representa “a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o, assim, da perda total” (Chauí, 1994 apud Silva et al., 1983:24).

É por intermédio da memória, do que lá está guardado, que as sociedades vão elencando os pilares culturais que têm como seus. A memória é um depósito de pertencas e, como entende (Café, 2000:34), “significa o espaço de identificação de uma cultura, associada à memória de um ancião”.

Meneses (2004 apud Ventura, 2012:15) entende que “a memória é uma construção social em uma operação ideológica que estrutura imagens e que organiza simbolicamente as relações sociais”. Essa memória que lembra o que fomos, que mostra como fazíamos, é onde vamos buscar de regras e preceitos culturais e sociais dos nossos antepassados para lhes darmos um cunho pessoal. “Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” como aponta Bosi (1994, apud Ventura, 2012:15).

Na narração oral, as estórias, na opinião de Bakthin (1981 apud Ramos, 2011:29), “são como um depósito do imaginário das tradições e de uma visão de mundo”. As estórias da tradição oral foram sendo contadas e recontadas, de sociedade em sociedade, de cultura em cultura e nesse *continuum* de transmissão oral foram sendo arrumadas pela memória nas suas mais diversas versões. Os contadores, guardiões e transmissores desse património, contaram e recontaram num movimento de perpetuação da tradição cultural (Silva, 2011).

## 1.7 AFEIÇÃO E EMPATIA

### **Afeição**

“Gosto desta palavra; afeiçoar, e seu duplo sentido: tanto significa desenvolver afeto como moldar-se. Por que é isto o que acontece – quando nos afeiçoamos a alguém ou alguma coisa vamos ganhando pouco a pouco a forma dessa pessoa ou dessa coisa” (Aqualusa, 2010:71).

A afetividade é de uma grande importância na relação entre indivíduos. Segundo (Abrão; Duarte, 2017:6) “a afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas quanto externas”. Afeiçoar-se a alguém, ganhar a forma, moldar-se às suas características, à sua cultura, tal como refere Rita Luz, até mesmo inconscientemente “está subjacente a toda a ação e condiciona todo o comportamento” (Luz, 2014:3).

### **Empatia**

Relacionada diretamente com a faculdade de se identificar com algo, a empatia permite ao indivíduo colocar-se no lugar do outro, entendê-lo e aceitá-lo e por via disso, enquadrar as suas próprias ações na relação com ele. Mais do que simpaticamente não fazermos aos outros o que não queremos que nos façam a nós, a empatia é ir além disso e “agir com os outros como eles agiriam consigo mesmos” (Bennet, 1979 apud Kuhn & Scortegagna, 2016:4).

Empatia é, segundo Martin Hoffman (1981 apud Fretes, 2014:18), “uma resposta afetiva apropriada à situação de uma pessoa, e não à própria situação”. Descortinada de formas muito diferentes, seja oralmente, ou em linguagem corporal, a empatia predispõe o indivíduo a aceitar o outro.

Contar histórias implica um ouvinte que partilha com o contador a sua narração, num “movimento dialético no ato de transmissão e de recepção” (Patrini, 2005 apud Luciano,

2014:21). Este momento da narração oral é para a autora uma “relação íntima, ativa e participante entre contador e ouvinte” (Patrini, 2005 apud Luciano, 2014:21). No momento de partilha que é a narração oral de histórias, “neste ato de contar estabelece-se uma relação de cumplicidade, além de serem repassados conhecimentos” (Bueno, 2008:4). Essa relação de cumplicidade pode entender-se como empatia.

A valorização da palavra do contador de histórias e a “verdadeira necessidade que os homens têm e que não encontram da mesma forma em outros meios de comunicação” (Patrini, 2005 apud Luciano, 2014:21) faz do ato de narrar histórias um momento de interação onde a empatia tem que estar presente.

## 1.8 CULTURA, IDENTIDADE CULTURAL, MULTICULTURALISMO, INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS

### **Cultura**

A cultura pode ser definida como as diversas formas e expressões de uma determinada sociedade, os costumes, as práticas, os rituais, a forma de vestir, as regras morais e comportamentais. Tylor (1871 apud Laraia, 2014) define-a como comportamento aprendido, rejeitando qualquer determinação biológica. Para Laraia (2014:36) "o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado de uma ação de uma determinada cultura".

A cultura são regras coletivas, uma forma de ser e de fazer.

### **Identidade Cultural**

As identidades culturais constroem-se através de um processo de integração e diferenciação, em que os indivíduos se integram em outras pertencas ou referências e,

simultaneamente, autonomizam-se e diferenciam-se de outros grupos (Madureira Pinto, 1991 apud Abranches, 2007).

Metade francês e metade libanês? De modo algum! A identidade não se compartimenta, não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas. Não tenho várias identidades, tenho apenas uma, feita de todos os elementos que a moldaram, segundo uma «dosagem» particular que nunca é a mesma de pessoa para pessoa.

(Maalouf, 1999 apud Abranches 2007:24)

Com a influência de diversas ligações, a construção da identidade altera-se e modifica-se constantemente. As pertenças à nascença são escassas, apenas família, nacionalidade e género, mas logo começam a aparecer aspetos que moldam a identidade do ser humano (Maaluf, 1998). Na verdade, o seu percurso, relações e vivências moldarão a sua identidade.

### **Multiculturalismo**

O multiculturalismo é a coexistência de várias culturas num mesmo território. Na atualidade, o multiculturalismo é um aspeto central das sociedades, sobretudo fruto do incremento dos fluxos migratórios e do avanço tecnológico que permite uma fácil comunicação com os diferentes países do mundo e as suas culturas.

Multiculturalismo, justiça multicultural, direitos coletivos, cidadanias plurais são hoje alguns dos termos que procuram jogar com as tensões entre a diferença e a igualdade, entre a exigência de reconhecimento da diferença e de redistribuição que permita a realização da igualdade

(Santos & Nunes, 2003 apud Kretzmann, 2007:14)

### **Interculturalidade**

A interculturalidade acontece quando existe interação entre culturas diversas, de uma forma horizontal e sinérgica, isto é, nenhuma tem supremacia sobre outra, ou outras. As relações verdadeiramente interculturais respeitam a diversidade acima de tudo.

Num contexto migratório, a chegada de indivíduos provenientes de outras sociedades obriga a uma “coabitação de diversas culturas, cujas vivências, crenças, religiões e interações com o meio, divergem frequentemente com as autóctones e surgem novas interações e relações interculturais” (Rodrigues, 2013:52).

### **Etnocentrismo**

“O etnocentrismo é a falta de aceitação da diversidade cultural e a intolerância perante outros grupos culturais”<sup>1</sup> (Berry & Kalin, 1995 apud Dong, Day & Collaço, 2008:29). Gudykunst e Kim (1997) entendem que “altos níveis de etnocentrismo podem ser disfuncionais em relação à comunicação intercultural, na medida em que influencia a maneira como as pessoas se comunicam com os outros”<sup>2</sup> (Gudykunst & Kim, 1997 apud Butcher & Haggard 2007:8).

As interações interculturais representam desafios complexos, porque os indivíduos têm de comunicar com pessoas cujos comportamentos culturais podem diferir dos seus, e que certamente não compartilham iguais noções básicas sobre como o mundo funciona e qual é o comportamento apropriado. Isto é, "pessoas de diferentes países vêm, interpretam e avaliam eventos de forma diferente e, conseqüentemente, agem de maneira diferente"<sup>3</sup> (Adler, 2002 apud Antal & Friedman, 2003:6).

### **Controvérsias Culturais**

---

<sup>1</sup> Tradução livre do autor. No original: “Ethnocentrism is viewed as lacking acceptance of cultural diversity and intolerance for outgroups” (Berry & Kalin, 1995, tradução nossa apud Dong, Day & Collaço, 2008:29).

<sup>2</sup> Tradução livre do autor. No original: “high levels of ethnocentrism can be dysfunctional with respect to intercultural communication in that it influences the manner in which people communicate with others.” (Gudykunst & Kim, 1997 tradução nossa apud Butcher & Haggard 2007:8).

<sup>3</sup> Tradução livre do autor. No original: “people from different countries see, interpret, and evaluate events differently, and consequently act upon them differently” (Adler, 2002 tradução nossa apud Antal & Friedman, 2003:6).

Para explicar as controvérsias culturais que resultam de diferentes formas de analisar o mundo, Berthoin Antal (1987) utiliza uma metáfora, jogando mão do exemplo de um Iceberg, do que ele mostra à superfície e do que fica por mostrar. Refere o autor que apenas está visível uma pequena parte dos comportamentos, rituais, símbolos e regras da cultura de um indivíduo. “Os pressupostos culturais, em que a cultura se baseia, permanecem invisíveis, isto é, abaixo da linha da água”<sup>4</sup> (Berthoin Antal, 1987, 2002 apud Antal & Friedman, 2003:4). Assim, apenas uma pequena parte da cultura, ou dos pressupostos culturais se mantém visível, tal com acontece com o Iceberg, onde apenas uma pequena parte dele se mantém visível. Portanto o que se vê "acima da linha de água do iceberg de outra pessoa, é interpretado segundo a parte submersa do nosso próprio iceberg"<sup>5</sup> (Berthoin Antal, 2002 apud Antal & Friedman, 2003:6), o que nos pode levar a olhar o comportamento dessa outra pessoa, como estanho, ou até bárbaro.

É o conhecimento e a compreensão dessa parte submersa, destas pertenças, dessa tradição, desse património imaterial, que evitará mal-entendidos e facilitará a compreensão e integração do imigrante por parte da sociedade de acolhimento. É, pois, a compreensão e reconhecimento das práticas culturais do *Outro*, uma ferramenta para a aceitação e sua integração.

### **Práticas culturais**

“A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica, das gerações anteriores. Este processo limita, ou estimula a ação criativa do indivíduo” (Laraia, 2006:49). Não sendo uma herança genética, a cultura determina os comportamentos e atitudes do indivíduo e este age à luz desses que são os padrões da cultura que o

---

<sup>4</sup> Tradução livre do autor. No original: “The deep cultural assumptions shape the norms and values that the members of a culture share, and these, too, are predominantly tacit so they are part of the iceberg below the surface of the water” (Berthoin Antal, 1987, 2002 apud Antal & Friedman, 2003:4).

<sup>5</sup> Tradução livre do autor. No original: “above the waterline of another person’s iceberg, so to speak, according to the submerged part of their own iceberg” (Berthoin Antal, 1987, 2002 apud Antal & Friedman, 2003:6).

enformaram. Os padrões, as atitudes, as ações e os comportamentos intrínsecos ao indivíduo são o que podemos classificar como as suas práticas culturais.

O conjunto das práticas culturais dos indivíduos será o que se consubstancia como a sua cultura. São as práticas culturais que o indivíduo carrega consigo que ele tenderá a praticar. Esses costumes, tradições, regras, ou critérios de conduta “são padronizados em um meio social e que afetam a troca de informações” (Presser, 2017: 25).

Quando um indivíduo faz uma mudança que implique a estadia numa sociedade cuja cultura não é aquela que o enformou, aquele que viaja, o emigrante, leva consigo os códigos e regras da sua cultura de origem e, colocando-os em prática, fá-lo, como diz Wawzyniak (2016:5), “a partir do jogo social”, tendo “sempre tendência a manter as suas tradições muito mais vivas (...) para recordar o seu país” (Sardinha, Saraiva & António, 2011:13.16).

Na análise às relações dos imigrantes com a sociedade de acolhimento e à forma como estas influenciam os indivíduos, sobressaem as diferentes práticas culturais dos imigrantes como a bitola de identidade cultural. No espaço público têm surgido associações de imigrantes que pugnam pela preservação das suas práticas culturais de origem (Barreiros, 2010), estendendo-se o trabalho de preservação às segundas gerações que o utilizam como ferramenta de integração e aculturação. “Filhos de imigrante têm a visão das duas partes, e tendo a visão das duas partes eles podem ser a ponte” (Tica, Pedro & Polo, 2011).

Como também entende Horta (2010:11), estas “organizações de migrantes têm-se, igualmente, constituído como espaço privilegiado de mobilização social e política visando a defesa dos interesses dos seus membros nas sociedades receptoras”. Os seus interesses também passam pela defesa das suas práticas culturais.

Devemos, pois, pensar o espaço público, como entende Moscovici (2001 apud Lago & Prado, 2015:101), não como “sociedade enquanto organismo homogêneo”, mas considerando a diversidade desses grupos sociais e dos indivíduos que os compõem. No espaço público coexistem uma diversidade de práticas culturais que lhe dão o cariz multicultural que têm as sociedades contemporâneas.

## **CAPÍTULO II - ITINERÁRIO METODOLÓGICO**

## 2.1 TEMÁTICA E QUESTÕES DE PARTIDA

“Acima de tudo, um imigrante é sedento de dignidade. Mais precisamente de dignidade cultural” (Maaluf, 2009: 237).

Que papel desempenham as estórias e as dinâmicas socioculturais dos imigrantes contadores de estórias, na sua integração intercultural na sociedade portuguesa? Como podem as estórias e a sua arte de contá-las contribuir para a dignidade cultural de um contador de estórias migrante?

Foi objetivo nosso identificar a forma como os imigrantes contadores de estórias utilizam os contos e a arte de os narrar para potenciar a sua integração e aferir, a partir das suas histórias de vida, se podem, ou não, constituírem-se eles próprios, através da empatia criada nas sessões públicas de narração oral, como ferramentas de interculturalidade.

As questões de partida, ou objetivos investigativos para esta pesquisa foram: identificar a forma como os imigrantes contadores de estórias utilizam os contos e a arte de os contar para potenciar a sua integração; aferir, a partir da história de vida de imigrantes contadores de histórias, se podem, ou não, constituírem-se eles próprios, como ferramentas de interculturalidade; investigar a relevância da empatia criada nas sessões públicas de narração oral para criação de vínculos com a sociedade de acolhimento; investigar a relevância da empatia criada nas sessões públicas de narração oral para divulgação da cultura ancestral, ou seja, das pertenças do contador de estórias imigrante.

As pertenças que cada indivíduo, que cada cultura, tem agarradas são, por vezes, uma barreira, um foco de conflito nas relações sociais, no entanto a sua abordagem plural e interativa e a boa comunicação intercultural poderá levar à compreensão, aceitação e integração do *Outro*. Aqui, o *Outro* é o estranho, no presente trabalho, o imigrante.

Quando se fala de pertenças, fala-se também de património imaterial, como sejam, os cantos, os contos, os causos, os ditos, ou as lendas, enfim, toda a tradição oral que funciona como veículo de uma identidade cultural e como uma forma de passar a ancestralidade, a cultura de origem.

Conta-se, diz-se e canta-se para alguém ouvir e, também, para passar a alguém a forma como fazíamos, como fazemos. Temos como nossos os contos e cantos que ouvimos dos nossos pais, avós, professores, vizinhos, enfim, todos os que nos educaram através dessa oralidade. Ao replicá-los em sessões de narração oral, estamos a criar empatia com o ouvinte, fazendo com que este se identifique com as estórias, logo, que se possa identificar com a nossa cultura, no limite, que se possa identificar connosco.

A partir de entrevistas à comunidade de imigrantes contadores de estórias em Portugal, avaliámos se a tradição oral, se as estórias que contam podem, ou não, funcionar como nutriente para a interculturalidade, junto da sociedade que os acolheu. Avaliámos se a empatia que um contador de estórias cria com o seu público pode levar a que este receba, compreenda e aceite a sua cultura de origem, as suas práticas culturais e assim, por fim, entender se o contador de estórias, tanto como os seus contos, pode também constituir-se como ferramenta de interculturalidade.

## 2.2 ITINERÁRIO

Para pesquisar a forma como os imigrantes contadores de estórias desenvolvem a sua atividade, num país diferente do seu e a colocam como fator de interculturalidade, projetámos um itinerário que respeitámos ao longo de todo o processo.

A primeira tarefa foi realizar uma pesquisa que nos levasse a conhecer em profundidade a comunidade de imigrantes contadores de estórias, quantos eram, onde viviam e como contactá-los. Sendo uma área do nosso interesse, alguns dos entrevistados eram já nossos conhecidos e estavam até a par do nosso estudo.

O contacto com esses imigrantes foi direto e natural, como natural foi a aceitação por parte deles em participar na pesquisa. À medida que eram contactados, os imigrantes contadores de estórias foram auxiliando na forma de chegar aos restantes, disponibilizando-nos, desde logo, os seus contactos.

Foram contactados os onze imigrantes individualmente e, sem qualquer reserva, todos se mostraram recetivos e logo definimos, conjuntamente com eles, uma agenda de datas para as entrevistas.

A partir do guião de entrevista elaborado anteriormente, estimávamos que estas poderiam estender-se até duas, ou nalguns casos, três horas, pelo que tivemos em conta que cada entrevista deveria ter disponível um período nunca inferior a quatro horas, de forma a não haver qualquer condicionamento. Vivendo o pesquisador no arquipélago dos Açores e estando toda a comunidade pesquisada a viver no território continental português, foi necessário agendar diversas viagens, para ser possível conciliar a agenda dos entrevistados com a do pesquisador.

Chegada às datas agendadas para a realização das entrevistas, deslocámo-nos às cidades onde os entrevistados viviam, realizando-as nos mais variados locais e horários, sempre garantido boas condições técnicas e conforto para os entrevistados.

Após a conclusão das entrevistas foi realizado um extenso trabalho de transcrição de todo o material audiovisual e a partir dessa transcrição foram feitas diversas leituras que permitiram criar mapas de análise de conteúdos, onde constam a divisão por grandes temas, as categorias de respostas, as subcategorias, os indicadores e uma seleção de unidade de contexto, de onde foram feitas as inferências que permitiram a redação do presente trabalho.

### 2.3 OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para a recolha de dados da nossa pesquisa, entendemos utilizar a metodologia qualitativa e através de entrevistas em profundidade, recolher as narrativas de vida de imigrantes contadores de estórias residentes em Portugal.

“A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas de vida” (Flick, 2009:20). Foi, por isso, utilizada esta metodologia,

recorrendo-se a análise e operações não quantificáveis, valorizando, sobretudo, o processo de investigação. Foram realizadas entrevistas em profundidade, uma vez que é a experiência pessoal dos entrevistados o foco da nossa pesquisa. Foi uma pesquisa, tal como entendem Carmo e Ferreira (2015), holística, porque estes imigrantes não foram considerados variáveis, ou dados matemáticos e a recolha foi realizada diretamente da fonte. Não foi uma investigação indutiva, isto é, não se procurou informações que verificassem hipóteses, pretendeu-se sim, apreender a realidade (Carmo & Ferreira, 2015). O objetivo era conversar com os imigrantes, que experimentaram determinadas condições de vida. Também por isso, esta pesquisa se enquadrou no que dizem Carmo e Ferreira (2015) ser uma investigação humanista. A preocupação central não era saber se era possível generalizar os resultados (Carmo & Ferreira, 2015), mas proporcionar aos entrevistados o pensamento e discurso livre relativamente ao tema.

Quanto ao método de recolha de dados, foi utilizada a técnica de entrevista em profundidade, que segundo Lalanda (1998:875) “permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjetivo do actor, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história”.

“O propósito de utilizar a entrevista como método de recolha de dados na pesquisa qualitativa (...) é explorar os pontos de vista, experiências, crenças e/ou motivações dos indivíduos sobre questões específicas” (Oliveira, Martins & Vasconcelos, 2012:6). Foi exatamente o que pretendemos com a realização das entrevistas que levámos a cabo, isto é, indagar sobre os seus pontos de vista relativamente à temática apresentada.

As entrevistas decorreram à luz de um guião e das categorias ali definidas, que são, no entender de Bardin (2006 apud Mozzato & Denize, 2011:735) “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (...) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”. Assim, a partir da história de vida dos entrevistados, seguindo, também, o que entende Debert (1988 apud Silva, 2006:78), isto é, que “estórias de vida e relatos orais fazem convites irrecusáveis para rever interpretações”, o guião das entrevistas foi elaborado, tendo em conta as rubricas, ou

grupo de elementos que entendíamos ser relevantes para a pesquisa, mas também de forma a potenciar a liberdade dos entrevistados para relatarmos a sua experiência relativamente à temática das perguntas.

Na fase antes da pesquisa de campo, isto é, antes de realizar as entrevistas, houve que planear e como afirma Bertaux (1980 apud Silva, 2006) definir: a quem perguntar; o que perguntar; como o fazer; como transcrever os dados.

A resposta à primeira pergunta estava já inicialmente dada: seriam os contadores de histórias imigrantes em Portugal. Esta comunidade alvo da pesquisa estava desde o primeiro momento muito bem definida.

Respondendo à segunda questão, ou seja, o que perguntar? Entendemos que primeiro seria necessário caracterizar a comunidade, tentando perceber as motivações para emigrar, o porquê de ter sido para Portugal, as expectativas à chegada e se tinham já a sua situação regularização. Também sentimos ser importante aferir as suas opiniões quanto à integração, avaliando Portugal como país de receção de imigrantes, se a aquisição de cidadania portuguesa tinha para esta comunidade alguma importância, a sua relação com o país de origem, se a intenção era de ficar, regressar ou remigrar, as dificuldades ou barreiras com as práticas culturais e com a língua.

Outro aspeto que se consubstancia como a questão central da presente pesquisa tem que ver com o que convencionámos chamar de *Migrantes Contadores de Histórias, Integração e Interculturalidade*. Neste bloco de perguntas, entendemos aferir a sua ligação à tradição oral, o seu trajeto de narrador em Portugal, se entende, ou não, o contar histórias como ferramenta de interculturalidade.

Como seria realizada a pesquisa de campo, era a questão seguinte. Decidimos registar todas as entrevistas em vídeo, uma vez que a imagem poderia ajudar a colmatar alguma falha de áudio, com o consentimento dos entrevistados e compromisso nosso de que o registo não serviria outro propósito que não o da transcrição.

No que toca ao último aspeto, à transcrição de dados, esta foi feita, ouvindo e vendo a entrevista gravada, de forma a plasmar em texto escrito exatamente o que os entrevistados disseram, sem qualquer correção de linguagem, sendo, por isso, a transcrição dos dados recolhidos, completa e fidedigna.

Quanto à análise de conteúdos, como afirma Isabel Guerra (2006), é uma técnica de tratamento de informação, que faz o confronto entre o quadro de referência do investigador, plasmado no guião e o material recolhido na entrevista. A dificuldade de analisar os conteúdos de uma entrevista em profundidade obrigou a várias etapas, nomeadamente: à transcrição integral das entrevistas para texto escrito; à leitura das entrevistas e o posterior sublinhar dos diversos aspetos relevantes; à construção de sinopses ou resumos de cada tema ou subtema, que ajudou a resumir o “material a trabalhar” (Guerra, 2006:73) e a conhecer a totalidade do discurso. Foi o que fizemos, foram exatamente estas as etapas que respeitámos no decorrer da análise.

A nossa análise de dados teve uma “dimensão descritiva” (Guerra, 2006:62), cujo objetivo foi elencar o que narrou o entrevistado e uma “dimensão interpretativa” (Guerra, 2006:62) que decorreu das inferências que fizemos relativamente ao nosso objeto de estudo.

## 2.4 QUESTÕES ÉTICAS

Em qualquer pesquisa, o pesquisador é sempre um corpo estranho. Esta é uma evidência que neste estudo não se concretiza. Na presente pesquisa, o pesquisador, fazendo parte da comunidade portuguesa de contadores de estórias, conhece a grande maioria dos pesquisados, tendo já participado em diversos eventos de narração oral com alguns deles.

Registada a proximidade entre o pesquisador e o pesquisado, assumiram as questões éticas uma relevância ainda mais central e obrigaram a definições muito claras e a um grande rigor ético em todos os aspetos que rodearam a investigação.

A pesquisa proposta partiu de motivação pessoal, de uma convicção do pesquisador, no entanto, houve desde o início do processo uma noção clara das questões éticas envolvidas, levando a que todo o projeto de trabalho tivesse em atenção esses fatores.

Ervin (2000) refere quatro princípios éticos essenciais da antropologia aplicada: “1. consentimento informado; 2. modelo de consentimento na informação; 3. a confidencialidade e direitos pessoais à privacidade; 4. a disseminação do conhecimento” (Ervin, 2000 apud Sousa, 2011:5).

O primeiro dos quatro princípios indica “que a comunidade estudada/analizada deve estar consciente do trabalho em curso, os seus objetivos, quem o solicitou e porquê, bem como os riscos e benefícios que dele poderão advir” (Sousa, 2011:5) e esta questão esteve desde o início assegurada, pela declaração de consentimento que todos os entrevistados assinaram.

O segundo princípio que enumera Ervin (2000) e sendo o presente estudo baseado no indivíduo, o compromisso assentou num contrato que “explica os objetivos, métodos e plano, o que é esperado dos participantes bem como os riscos e benefícios” (Sousa, 2011:5). Todo o projeto foi desde o princípio claramente explicado aos entrevistados, tendo tido uma clara aceitação por todos.

Quanto à confidencialidade e à privacidade, no presente trabalho, assegurámos que os nomes dos participantes não seriam usados em relatórios ou publicações (Sousa, 2011), situação que se verificou.

Finalmente quanto ao quarto aspeto, e porque consideramos relevante a pesquisa que levou à redação deste trabalho, pretendemos divulgá-lo, quer junto da comunidade estudada, quer junto de toda a comunidade de contadores de histórias em Portugal.

Outra questão ética que foi tida em conta tem que ver com a possibilidade de fabricação e falsificação de resultados. “A fabricação consiste na invenção de dados ou resultados e na sua divulgação, a falsificação passa pela manipulação dos materiais de investigação, bem como na omissão ou adulteração de dados” (Israel & Hay, 2006 apud Ferreira, 2013:186).

Da nossa parte, não se colocou, sequer, em equação a possibilidade de fabricação ou falsificação de dados, até porque havendo um registo audiovisual dos dados recolhidos, estavam, de certa forma, garantidos os princípios éticos da pesquisa científica. Consideramos, no entanto, relevante que a passagem para o texto escrito fosse o mais fidedigna possível, sendo que, como já indicámos, foi uma transcrição literal, sem a correção de qualquer erro de linguagem.

Pugnámos, também, para que a pesquisa tivesse uma abordagem não consequencialista, ou como diz Marcos Faria Ferreira (2013), deontológica, uma vez que rejeitou “a possibilidade de determinar o que é moralmente adequado através do recurso a apreciação das consequências das ações e decisões” (Ferreira, 2013:179). Os fins não justificam ações menos éticas.

## 2.5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com Alves (2008), da pesquisa qualitativa resulta um volume muito grande de informação que, posteriormente deverá ser analisada, tratada e interpretada, obrigando a uma sistemática análise e será essa análise que permitirá deduções válidas a partir dos dados (Weber, 1990 apud Lima, 2013). Flick (2004 apud Lima, 2013) acrescenta que isso possibilita ao pesquisador uma compreensão aprofundada dos conteúdos e significados do material analisado.

Os entrevistados nesta pesquisa contaram a sua história de vida e fazendo jus à sua vocação, narraram as suas epopeias, dando voz ao tema, tal como sublinha (Bueno, 2008:2) dizendo que “enquanto evoca, ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”. Desta forma, foi utilizada uma poderosa ferramenta na pesquisa social, uma vez que permitiu criar fontes com a ajuda de quem as vivenciou (Constantino, 2006). Os entrevistados foram respondendo às perguntas com interesse e respostas claras.

Embora das entrevistas tenha resultado um grande volume de informação, dada a forma clara como os entrevistados trataram o tema, foi possível enquadrar as suas respostas nas categorias, subcategorias e indicadores que permitiram as inferências.

É, pois, nossa convicção de que os resultados desta pesquisa são relevantes, sobretudo quando se olhar para eles como proposta de uma forma de comunicação intercultural, seja nas escolas, nas bibliotecas, nos espaços informais, ou em contexto de festivais de narração oral.

## 2.6 COMUNIDADE ALVO DA PESQUISA

A comunidade alvo da pesquisa, isto é, os indivíduos entrevistados, foram onze imigrantes em Portugal que utilizaram e ainda utilizam a arte de contar estórias, como profissão, nesta que é a sua comunidade de acolhimento.

A grande maioria dos pesquisados tem, de alguma forma, um passado ligado à tradição oral, valorizam a arte ancestral de contar estórias e trouxeram-na para Portugal. Alguns deles já o haviam feito noutros países.

São imigrantes provenientes de países como Angola, Argentina, Brasil, Cabo Verde e Itália, que têm em comum a paixão pela narração oral e embora nem todos a utilizem presentemente como a sua única profissão, todos eles fazem parte da comunidade de contadores de estórias que tem vindo a crescer em Portugal.

São indivíduos que vivem em Portugal, onde, como contadores de estórias, dinamizam escolas, bibliotecas, lares de terceira idade, livrarias, bares e festivais de narração oral, jogando mão dessa sua arte, também como ferramenta de integração.

Estão espalhados por diversas regiões do país e, cada um deles à sua maneira, iniciou e tem tido um percurso de narrador oral, com características muito próprias e particulares.

Alguns tiveram o seu primeiro contato com a arte de contar histórias já em Portugal, outros traziam essa paixão e arte dos países de onde saíram.

### **Caracterização dos inquiridos<sup>6</sup>**

1. **Cristina.** Proveniente de Angola, chegou a Portugal aquando da Guerra da Independência naquele país. Sente-se, como disse, mais refugiada do que imigrante. Veio para Portugal com o marido português. Na chegada a Portugal, foram viver para casa dos pais do marido e ainda vive na mesma localidade. Iniciou o seu trajeto de contadora de histórias, muito tempo após a sua chegada a Portugal.
2. **Mateus.** Italiano, chegou em 2007. Mudou-se para Portugal para viver com a sua atual companheira, portuguesa. Iniciou a sua atividade de contador de histórias, já depois de chegar a Portugal e a primeira ligação com esta atividade deu-se precisamente, como disse, para ter mais contato com a língua portuguesa.
3. **Carolina.** Proveniente do Brasil. Chegou a Portugal na década de oitenta do anterior século. Vinha amiúde visitar a família que estava em Portugal e acabou por ficar. Casou depois com um português, de quem tem uma filha nascida neste país. Iniciou a atividade de contadora de histórias já após ter chegado a Portugal.
4. **Beatriz.** Brasileira. Chegou a Portugal em 2017. Já vinha contadora de histórias, já tinha inclusive contado em Portugal, em diversos festivais de narração oral. Emigrou, segundo ela, devido ao estado caótico em que, diz, se transformou o seu país.
5. **Tânia.** Brasileira. Chegou a Portugal em 2017. Já tinha ligações profundas com a arte de contar e pesquisar a tradição oral da sua cultura. Veio com uma filha menor, acompanhando o marido que chegou a Portugal com visto de investidor.
6. **Camila.** Brasileira. Chegou a Portugal em 2005. Emigrou com o objetivo de se dedicar exclusivamente à arte de contar histórias em Portugal.

---

<sup>6</sup> Os nomes com que se identificam os imigrantes contadores de histórias, no presente trabalho, são fictícios.

7. **Amélia.** Italiana. Chegou a Portugal em 1998. Emigrou com o objetivo de viver com o seu companheiro, português. A sua ligação à narração oral surgiu apenas após a chegada a este país.
8. **Tomé.** Brasileiro, chegou a Portugal em 2000. Veio com a família e trazia já ligação à narração oral e ao teatro.
9. **Filipe.** Brasileiro, chegou a Portugal no princípio de 2018. Tinha já ligações à narração oral e emigrou acompanhando a companheira que completa estudos superiores em Portugal.
10. **Afonso.** Cabo-verdiano. Chegou a Portugal na primeira década do atual século. Emigrou com o objetivo de fazer formação em teatro. Começou a atividade de contador de histórias já depois de ter chegado a Portugal.
11. **Roberto.** Argentino. Chegou na primeira década do atual século. A sua mudança para Portugal surgiu de um convite para exercer a atividade de contador de histórias neste país. Estava então num outro país, também como emigrante, onde tinha como profissão ser contador de histórias e após o convite que recebeu de Portugal, mudou-se com toda a família para este país.

## **CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Da análise aos conteúdos resultantes das entrevistas realizadas, emerge um aspeto que se sublinha e que importa refletir, que se prende com a diversidade de pormenores e diferentes pontos de vista que a comunidade de contadores de estórias nos foi revelando, a cada pergunta formulada.

Fazendo jus à sua condição de contador de estórias, ou de narradores, como também são referidos aqueles que contam estórias, os entrevistados foram emitindo opiniões, que, concordando ou não entre si, nos mais variados aspetos, sempre foram colocando as questões sob diferentes pontos de vista. Desta forma, na apresentação e análise de conteúdos, tivemos a necessidade de mencionar todos os aspetos que os entrevistados nos foram referindo, não poucas vezes, sentimos a necessidade de citá-los.

Relevante também o facto de, não obstante as diferentes opiniões que nos foram avançando ao longo da entrevista, sempre que as questões se centraram na narração oral, surgir quase uma unanimidade nas respostas dos imigrantes contadores de estórias.

### 3.1 PERCURSO MIGRATÓRIO

#### **Motivações**

O guião das entrevistas tinha como primeiro bloco de perguntas questões onde a intenção era aferir o percurso dos entrevistados e é esse percurso que aqui começamos por analisar.

Não sendo de ânimo leve que um indivíduo sai da sua cultura de origem, colocámos a questão da tomada de decisão em cima da mesa, bem como a razão de a emigração ter sido para Portugal e recebemos respostas que enquadram diversos cambiantes.

Das respostas recebidas, resultaram a identificação de diversos os motivos que fizeram estes indivíduos emigrar. Sendo a comunidade de pesquisa, imigrantes contadores de estórias, sublinhámos que, dos onze entrevistados, apenas quatro tiveram como motivação de emigração trabalhar na área da narração oral em Portugal. Embora com nuances diferentes, traziam a motivação de trabalhar na área da narração oral, ou no teatro, Tomé, Camila, Filipe e Roberto.

Roberto trazia já bem estruturada a sua ligação à narração oral de estórias e decidiu emigrar para Portugal, a partir do México, onde também residia como imigrante, depois de receber um convite para se dedicar à narração oral neste país. Vinha, pois, com o claro objetivo de continuar a sua atividade de contador de estórias em Portugal.

Camila veio para Portugal porque se queria dedicar exclusivamente à narração oral neste país.

Filipe, ao fazer a viagem com a sua companheira que vinha prosseguir estudos superiores em Portugal, vislumbrou uma oportunidade de desenvolver trabalho na área de marionetismo e narração oral, áreas onde já trabalhava no país de origem e nas quais gostaria de desenvolver projetos no estrangeiro.

Tomé, após o diagnóstico de uma doença que lhe limitaria os movimentos, entendeu que poderia dedicar-se à encenação de teatro e à narração oral em Portugal. Sublinhou ainda a ideia de que desejava, também, educar a sua filha num ambiente menos violento do que o seu país de origem e isso terá também contribuído para a decisão de emigrar para Portugal.

Os restantes entrevistados emigraram por variadas razões, como sejam, as condições sociais dos países de origem, como foram os casos de Beatriz e Tânia. Disse-nos Beatriz que decidiu: “quando aconteceu no ano passado a confusão do Brasil e a questão foi piorando, o Rio de Janeiro entrou em colapso e todo o mundo muito triste, muito deprimido”.

Dois dos entrevistados vieram para Portugal, provenientes de um país da União Europeia, para manterem uma relação amorosa com cidadãos portugueses, a viver em Portugal, sendo a grande motivação, essa força universal que é o amor. Mateus disse-nos: “foi por amor... foi como dizia, vir atrás da minha companheira que é portuguesa, então a grande motivação para vir para cá era esta”. Amélia utilizou uma outra palavra dentro do mesmo universo, disse-nos: “por paixão”.

A emigração de Afonso, que chegou a Portugal vindo de um país africano, trazia, não a narração oral como objetivo, até porque só muito mais tarde se viu envolvido com a arte

de contar, mas o teatro. Era sua intenção fazer formação em teatro, para regressar ao seu país de origem.

Em contexto completamente diferente, veio para Portugal Cristina. Esta entrevistada entende-se mais como refugiada, do que como emigrante. Cristina veio para Portugal na altura em que “rebentou” a Guerra da Independência de Angola. Namorando o seu atual marido, casou e seguiu-o no seu regresso a Portugal. A motivação foi, neste caso, de sobrevivência.

A partir das respostas recebidas foi possível perceber que, com exceção desta última imigrante, a mudança para Portugal destes imigrantes aconteceu no seguimento de uma tomada de posição consciente e convicta, seja porque o amor os chamava, seja porque estavam a fazer um caminho consciente de carreira, ou uma fuga a uma sociedade na qual não se sentiam seguros. Com exceção de Tânia, para os restantes entrevistados a decisão foi rápida. Tânia entende que foi uma decisão difícil e demorada.

Foram, assim, diversas as motivações que estes onze imigrantes tiveram para sair da sua cultura de origem e virem para Portugal. Sendo, presentemente contadores de estórias, apenas alguns deles incluíam na sua motivação vir exercer essa atividade em Portugal, pelo que ao longo das páginas deste trabalho saberemos o momento e a forma de entrada da narração oral na vida de todos os indivíduos objeto da presente pesquisa.

### **Porquê Portugal**

Desde o seu primeiro momento, a pesquisa foi conduzida para realizar o estudo junto de imigrantes que escolheram Portugal para viver. Mas por que razão Portugal? Acrescentamos ainda a questão, se foi esta a primeira migração para os entrevistados.

Quanto a experiências migratórias anteriores, ou para outros países que não Portugal, apenas surgiu um caso. Roberto que, sendo sul americano de nascença, estava, antes de vir para Portugal, a viver em outro país do mesmo continente. Já tinha como profissão a atividade de contador de estórias e Portugal surgiu como destino, por ter recebido um

convite para desenvolver a sua atividade neste país. Excetuando, pois, este caso, não existe qualquer outra experiência de migração entre os restantes entrevistados, apenas a noção de migração interna, que, por exemplo no Brasil, pode ser significativa pela diversidade cultural existente no território, mas essa questão apenas foi afluada, muito ligeiramente por Carolina.

Quanto à razão de ter sido Portugal o país escolhido para emigrar, conclui-se das respostas que a sua língua mãe, isto é o Português, teve muita influência, assim como a simpatia pelas cidades de Lisboa e Porto, que alguns dos entrevistados conheceram em diversas circunstâncias. Como razão surgiu, também, o já referido aspeto que se prende com o amor, ou a origem dos companheiros.

De todos os aspetos referidos, o que de mais relevante se pode concluir das respostas que recebemos é que, para a quase totalidade destes imigrantes, Portugal surgiu como destino natural, devido à proximidade, tanto por via da língua, como da cultura.

### **Expectativas de utilizar a arte de contar histórias no país de destino**

Nesta fase de enquadramento do percurso dos entrevistados, entendemos que seria importante perceber que expectativas tinham estes migrantes no momento em que se lançaram na viagem que ia de uma cultura conhecida, para um país cuja cultura não lhes era familiar, uma vez que é sempre a expectativa a bitola de avaliação. Primeiro entendemos aferir as expectativas mais gerais, para depois, sim, aferir sobre as expectativas de utilização da narração oral.

Percebemos das respostas de dois dos entrevistados, Cristina e Afonso, que nenhum deles colocava qualquer possibilidade de utilizar a narração oral em Portugal, até porque vieram ambos com a expectativa de regressar. Cristina, logo que as condições o permitissem, uma vez que a sua vinda para Portugal teve a ver com a fuga a uma Guerra e Afonso, logo que terminasse a sua formação de ator. Também alguns dos outros entrevistados não tinham

qualquer expectativa especial, para além de viver neste país onde se sentiam em segurança, de que gostavam, ou onde estavam os seus companheiros, como nos disse Mateus:

Sobretudo vir pra Lisboa... venho de um vale muito pequenino. Antes de vir pa cá, morava numa cidade onde estava a estudar, que é mais ou menos do tamanho de Viseu, mas para a altura foi um pequeno salto do vale para uma cidade... uma cidade pequena, mas já a morar sozinho, mas então andava muito à procura do salto maior que era vir para uma capital, então talvez, mais do que vir para Portugal, eu vinha para Lisboa, as expectativas eram de, Lisboa, a vida cultural... coisas, sendo que todas estas camadas eram... eram... são mais pequenas em relação à coisa maior que é vir atrás da minha companheira e estivesse ela em Viseu, ou em Lisboa, era igual.

Quanto aos imigrantes que vieram com a expectativa de contar estórias, sublinhamos a opinião de Camila que nos disse: "sabia que ia acontecer, vinha com o objetivo de contar estórias. Só queria contar estórias". Filipe referiu: "saí do Brasil com uma vontade enorme de contar estórias em Portugal. E a cada vez que conto, que apresento as estórias de minha avó Teca e outros contos de Minas Gerais, tenho ainda mais vontade de seguir narrando em Portugal". Na mesma linha, Beatriz disse-nos: "eu tinha expectativa e sabia que seria convidada para contar, porque já fui convidada para vir contar aqui".

À exceção daqueles que só depois de viverem em Portugal tiveram contacto com a comunidade de contadores de estórias, sendo, ou não, o motivo de emigração a utilização da arte de contar como sustento, todos os outros tinham a expectativas de a utilizar em Portugal. Sublinhamos o que disse Tânia, que alargou e enquadrou esta questão de outra forma quando respondeu:

Eu tinha desejo, tinha desejo (...) E, mas... um outro profissional, que não é um narrador oral, ou algum artista ou outra coisa, ele precisa dos seus equipamentos de trabalho. Nós carregamos no nosso corpo cultural, as nossas ferramentas de trabalho e a gente não consegue separar-se delas. É tanto, que no instituto já comecei a contar contos e já aponte que seria essa área a minha área de interesse de pesquisa. Então eu vinha com muito desejo. Ter participado em alguns festivais em Portugal acabou me aproximando com outros colegas narradores que também, foram muito generosos e me indicaram para trabalhos e me receberam muito bem e então também houve essa relação de aproximação e isso eu devo aos festivais.

Quanto a Roberto, mais do que expectativa de vir para Portugal viver de contar estórias, era uma certeza, uma vez que a sua vinda, como dissemos anteriormente, teve origem num convite para vir exatamente exercer a profissão de contador de estórias.

Não foram, pelo que se depreende das suas respostas, expectativas muito altas as que traziam a grande maioria destes imigrantes, mas apenas a noção de que estariam a emigrar para uma condição de vida melhor, onde poderiam fazer o que mais gostam, estar com quem mais gostam, ou viver um pouco mais seguros. Percebe-se, no entanto, que aqueles que não tinham contacto anterior com a narração oral não faziam a ideia do que isso era e não tinham qualquer expectativa de utilizar a arte de contar em Portugal. Quanto aos outros, ou vieram exatamente para o fazer, tinham essa esperança, ou mais do que ela, a certeza, de que o poderiam fazer.

## 3.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

### 3.2.1 Regularização

A regularização da situação em que os imigrantes estão no país de acolhimento seria, entendemos nós, uma grande condicionante nas suas vidas e por essa nossa convicção, julgámos que seria importante saber se os entrevistados tinham, ou não, a sua situação regularizada e posteriormente aferir a sua perceção quanto à importância da regularização e dentro dela, da importância de ter, ou não, a cidadania portuguesa.

À nossa pergunta surgiu unanimidade nas respostas, quanto à regularização, tendo, ou não, cidadania portuguesa, todos têm, pelo menos, autorização de residência.

Embora esta questão tenha ficado respondida de uma forma clara e concisa, não poderíamos deixar de referir o que acrescentou Cristina, que após nos responder que tem a sua situação regularizada, sublinhou uma incongruência, quanto a esse aspeto.

Disse ela que, embora tenha nascido em território Português, uma vez que Angola era Portugal na altura do seu nascimento, teve a necessidade de recorrer à sua ascendência portuguesa, para conseguir a nacionalidade. Disse:

A constituição diz que todo o cidadão que nasce num território debaixo a bandeira portuguesa, é um cidadão português e eu cheguei a Portugal, casada com um português, sai de Angola,

antes da independência, portanto, eu deveria ser considerada portuguesa, mas não era. Então tive que arranjar... a minha ascendência portuguesa, o meu pai, os meus pais, a minha família de ascendência é toda angolana, mas o meu avô paterno, era português, ainda tive que ir buscar essa ascendência e foi por aí que consegui a nacionalidade Portuguesa. E isso foi rápido, quase imediatamente, o que me levou mais tempo, foi a registar o meu casamento. Levei quase dez ano como casada e no BI como solteira.

A dois entrevistados, Mateus e Amélia, por virem de países da comunidade europeia, não se coloca a situação, devido ao espaço Schengen e Carolina acabou por contrair matrimónio com cidadão português e a questão da cidadania ficou ultrapassada.

Tendo a cidadania uma função contratual, atribuindo ao indivíduo o estatuto e os mesmos direitos e deveres dos restantes é, para nós, um aspeto relevante e que acrescentámos à pesquisa porque julgámos ser uma questão que pode condicionar a vida dos imigrantes em Portugal.

A questão da cidadania não é relevante para grande parte dos entrevistados.

Do ponto de vista dos que entendem a cidadania como uma questão importante sublinhamos o que nos disse Cristina, que tem nacionalidade portuguesa conseguida a muito custo. Disse: “É importante até a nível de arranjar emprego, a nível dos nossos filhos... faz diferença ter nacionalidade portuguesa, porque os estrangeiros, vejo às vezes as dificuldades com que se debatem para se manterem aqui... acho que não é fácil... acho que é uma vantagem”.

Os restantes entrevistados desvalorizaram a questão da cidadania, valorizando mais a regularização. Entende Tânia que cidadania não deve ter importância, salientando que isso já proporcionou muita dor na humanidade, sobretudo pela divisão de fronteiras. Enfatizou que pode, muito bem, ser brasileira e estar legalmente a residir em outro país.

Das respostas que recebemos dos onze entrevistados e quando analisamos, sobretudo à luz de ser, ou não, a aquisição de cidadania portuguesa um fator de reforço de laços de pertença à sociedade de acolhimento, concluímos que a grande maioria julga que é irrelevante. No entanto, alguns dos entrevistados, como Roberto, sublinharam que o importante é estar legalizado. Roberto utilizou a expressão “viver em outra língua”. Sublinhou, ainda: “eu sempre digo que viver em outra língua é estar sempre fora de casa.

Depois de vinte anos fora do meu país e de ter passado por várias culturas já não sinto pertença a nenhum lugar. A minha cidadania é ser migrante”.

### 3.2.2 Integração. Dificuldades e fatores de facilitação

A integração, ou a forma como o imigrante se sente integrado no país de acolhimento, é uma questão central na vida de quem estabelece residência numa cultura que não é sua de origem. Existem fatores que contribuem para uma boa integração e fatores que a dificultam.

Antes de aflorar os fatores que contribuem para a integração, entendemos questionar estes imigrantes quanto ao seu sentir relativamente a estar, ou não integrado. As respostas variaram e foram diversos os aspetos, que registámos.

Carolina sente-se completamente integrada, como se percebe do que nos disse:

Eu sinto-me portuguesa. Hoje em dia talvez me sinta mais portuguesa, do que brasileira... e... eu penso muito no Brasil, na minha nacionalidade brasileira como passada e... não digo que seja uma coisa clivada, mas como dois tempos, é como se fossem dois tempos. Eu tenho coisas, trago coisas que são minhas profundamente brasileiras, mas sinto-me... sinto-me muito portuguesa... isso tem que ver com as histórias. Um percurso que, não só tem a ver com a minha história cá... que foi uma história profundamente rica, eu acho, e frutífera, mas muito com a narração, isso sim. Porquê? Porque eu fiz-me narradora cá. Foi um processo todo feito cá.

Indo um pouco mais longe, Tomé disse-nos que seria até mais difícil a sua integração se voltasse ao país de origem. Disse: “para mim foi fácil. Completamente. Acho até que mais fácil, do que se eu fosse ao Brasil hoje”.

Também Amélia e Mateus se sentem claramente integrados, mas das suas respostas, realçamos uma ou outra nuance. Curiosamente são dois migrantes provenientes do mesmo país integrante da comunidade europeia e ambos preferem utilizar a palavra acolhido, sublinhando que a sociedade portuguesa os acolheu muito bem e enfatizando a diferença entre integrado e acolhido. À pergunta “sente-se integrada na sociedade portuguesa” Amélia respondeu:

Sim. Há várias facetas, senti-me logo acolhida, não houve assim, barreiras, as pessoas foram logo muito acolhedoras, ajudaram-me. Sentir-se integrada é outra coisa. Quer dizer... eu vinha com uma história minha, que aqui não tinha onde se espelhar... Não encontrei alguma coisa que me pudesse identificar e apoiar, não é? Exatamente por causa da história, da experiência pessoal. Eu achei e continuo a achar que esta zona de Portugal é muito parecida com a Itália do sul. As pessoas são muito... depois refilam... depois são muito calorosas, discutem, mas são muito dadas.

Mateus, confrontado com a mesma pergunta acrescentou um outro aspeto que tem a ver com o suporte que recebeu da comunidade estrangeira em Portugal. Disse:

Sim, sinto-me. Sinto... bem há muitas camadas. Sinto ter uma grande rede de suporte, aqui... então... isso de amigos de casais internacionais, amigos que estiveram muito tempo por fora e não sei quê, então isto ajuda. E depois há outra camada que falávamos há pouco, de ser italiano em Portugal é fácil.

A importância que têm as comunidades de imigrantes no apoio que dão aos que estão na mesma situação é uma questão pertinente e foi também afluída por Roberto. No entanto, entendemos não desenvolver essa questão, por não ter sido um dos objetivos da presente pesquisa.

Outra forma de abordar o tema da integração foi o que registámos da resposta de Cristina, que, analisando o presente, também referiu o passado. Estando Cristina há muito tempo em Portugal, entendeu responder-nos recorrendo à sua história neste país. Assim, disse-nos Cristina entender que, presentemente sim, sente-se integrada, mas não foi imediata, ou fácil a sua integração. Descreveu algumas das razões e disse-nos que levou muito tempo a sentir-se integrada. Entre essas razões esteve o facto de as pessoas da terra para onde emigrou serem, como disse, muito fechadas. Disse-nos: “olham desconfiadas para aquele que é estranho”. As pessoas fechavam a porta quando ela passava na rua. Referiu que em África, todos eram acolhidos em casa e de que, nesta sua nova terra, ninguém a convidou para a sua casa, considerando assim, as pessoas "frias". Discorreu um pouco pela questão dos retornados, que era a forma como ela era vista então, indicando que eram hostilizados, como disse: “porque eramos diferentes, porque comíamos bem, porque vestíamos bem”.

Também Tânia julga que não é uma questão muito simples, porque, com a sua idade, traz já modos de viver e de fazer mais difíceis de alterar. Há dias em que se sente integrada e outros, não tanto. Mas, de uma forma geral, entende que se sente integrada.

Afonso entende que tem de trabalhar todos os dias para a sua integração, afirmando que nunca se esquece, como disse, que: “está na casa do vizinho”.

“Adaptado”. É esta a palavra que Roberto prefere utilizar. Trata-se de uma outra nuance que este imigrante acrescenta, até porque disse que não se sente integrado, adaptado, sim. A barreira da língua e da idiossincrasia continuam a marcar muitos momentos de incerteza e de desorientação na sua vida.

Integrado, adaptado, acolhido, várias são as palavras que os entrevistados utilizaram para se referirem à sua situação em Portugal. Com a exceção de Cristina, que inicialmente sentiu dificuldades de adaptação, ou de acolhimento por parte da sociedade, sublinha-se que a restante maioria não sentiu grandes dificuldades de integração. As respostas que recebemos a esta pergunta dirigem as nossas conclusões para uma forma de integração e acolhimento positivas por parte da sociedade portuguesa. Concluímos que, na maioria dos casos, a dificuldade de integração teve mais a ver com condições pessoais do que responsabilidades da sociedade portuguesa.

Mas um imigrante não avalia a sua situação de uma forma apenas individual e, caso tenha família, mais importante é ainda a questão da integração da família, para a sua felicidade, por isso embora pareça um pouco redundante, entendemos estender a questão da integração também à família dos entrevistados. A esta questão surgiu unanimidade. Todos os entrevistados entendem que a sua família se sente perfeitamente integrada e bem acolhida. Sublinhamos um aspeto interessante que surgiu na resposta de Tânia, que fez a viagem com uma filha menor, referindo que para ela provavelmente seria até mais fácil a integração. Disse-nos: “provavelmente estará mais integrada. As crianças, elas são mais generosas, as crianças são mais flexíveis e as crianças são mais abertas às mudanças. Nós temos as nossas resistências que vamos construindo ao longo da vida”.

Esta questão da adaptação das crianças, surge também na resposta de Roberto que nos disse: “penso que as minhas filhas estão integradas. Falam perfeitamente português e o seu dia-a-dia constrói-se aqui. Têm amigos que as procuram e não sofrem de discriminação”.

Quanto à questão da integração da família, da análise às respostas, evidente se torna que as famílias dos entrevistados estão perfeitamente adaptadas e bem integradas, sublinhando a capacidade das crianças de se adaptarem mais facilmente.

### **Dificuldades de integração**

Abordada a sensibilidade que os entrevistados têm quanto à sua integração, entendemos aferir sobre as dificuldades sentidas, ou os fatores que contribuíram para dificultar que ela acontecesse.

No que toca às principais dificuldades que os migrantes sentiram nos primeiros tempos em Portugal, uma entrevistada, Beatriz, disse que, pura e simplesmente, não sentiu qualquer tipo de dificuldade. Apesar desta opinião, a questão das dificuldades de integração requer uma leitura mais atenta, porque embora a totalidade se sinta perfeitamente integrada, não significa que tenha sido sempre fácil e sobretudo que alguns aspetos, como a burocracia, ou o choque cultural, não devam ser considerados na análise da questão.

Dos entrevistados que entendem que as dificuldades foram poucas, surge o nome de Amélia que disse que em Portugal, em questões de funcionamento, é igual ao seu país de origem, disse-nos: "não funciona nada". Mas logo acrescenta que a língua foi, de início, uma dificuldade, situação que também aconteceu com Mateus, o outro entrevistado proveniente do mesmo país, acrescentando este que o tamanho da cidade de Lisboa foi uma condicionante, uma vez que vinha de uma localidade mais pequena.

Também foram dificuldades facilmente ultrapassáveis, as que surgiram do depoimento de Tomé, que referiu o frio e a saudade dos amigos que deixou no país de origem.

A burocracia também aparece amiúde na análise das dificuldades, como aconteceu com Carolina, que recuou à altura em que chegou a Portugal. Chegou em 1992, segundo ela, um período muito delicado. Disse-nos: "naquela altura em que havia uma grande confusão com os brasileiros, foi aquela polémica com os dentistas". Apontou a burocracia como uma barreira na época. Disse:

Estava um período complicado e eu tive um primeiro embate com a questão das validações das minhas titulações, isso foi muito complicado porque eu tinha imenso orgulho em ter a idade que tinha e ter as titulações que tinha... então o primeiro embate não foi com as pessoas, que me acolheram muito bem, eu nunca tive problemas nenhuns de discriminação, mas nenhuns.

Carolina acrescentou, ainda, razões pessoais, mais do que sociais, para sublinhar dificuldades, como se percebe do que nos disse: “a primeira (dificuldade) é o lidar com o sentimento da perda das tuas raízes da... da tua vida”.

A questão da burocracia volta a aparecer no depoimento de Afonso que nos disse: “a principal dificuldade foi a questão da documentação. Sem documentação eu não ia a lado nenhum, ainda por cima eu vinha com um visto de cooperação que era um visto que tinha... era obrigatório voltar, até o meu processo de renovar documento foi complicado”.

Outro aspeto a ter em conta quando se analisa a questão das dificuldades de integração é o choque cultural, que inevitavelmente sentem os imigrantes e que tem o valor que cada um acaba por lhe dar. O testemunho onde o choque cultural mais sobressaiu como dificuldade foi o de Cristina, que, de entre os entrevistados, é quem está há mais tempo em Portugal e que emigrou, provavelmente com menos vontade de o fazer, uma vez que, como disse, foi mais refugiada do que emigrante. Cristina sentiu que as pessoas olhavam com desconfiança para o que era estranho. Disse que, ao passar nas ruas, as pessoas abriam as portas para verem e logo fechavam e isso chocou-a. Sentiu que era uma cultura diferente. Ela vinha de uma cultura onde, como nos disse: "gostamos muito de beijinhos e abraços" e na cultura de acolhimento as pessoas eram frias, criavam uma barreira. Vinha de um tempo diferente, disse-nos: “era o tempo da mini saia que aqui era mal vista, de andar maquiada que não viam com bons olhos, estas pequeninas coisas”. A questão dos retornados, classificação onde julga que se enquadrava, uma vez que o marido era nascido no local para onde veio viver em Portugal, assume aqui uma importância muito grande. Segundo ela, estes retornados tinham outra mentalidade, disse-nos: “isto criou uma barreira, que nós sentimos de forma negativa, porque, os que vinham de lá vestiam melhor, os que vinham de lá, tiravam-lhes os empregos”.

Também Tânia nos referiu que sentiu algumas dificuldades com o choque cultural e dá exemplos que para os nativos não serão uma preocupação, mas que quem chega como ela

chegou, se apercebe claramente. Tânia dá como exemplo de choque cultural, a etiqueta de comunicação, que refere como um *script*:

Posso dar um exemplo? É um exemplo intercultural, consigo enxergar, muita interculturalidade. Regras básicas de convivência, que a minha mãe diria que é de educação e convivência. De onde venho, a entoação já da conta do primeiro contato. Por exemplo, se eu vou-te pedir uma coisa, “passa-me aí um café” a entoação que eu dou, já dá, na minha cultura, já dá a entender que não é uma ordem, não é uma invasão, é um pedido. Em Portugal, se tem uma... um script a cumprir: por favor; com licença.

Outro cambiante surge na resposta de Camila, que se prende com a mulher brasileira e a sua imagem. Entende ela, pelo facto de ser brasileira e de existir uma mística da mulher brasileira, que às vezes é negativa, terá tido algumas dificuldades, embora não valorize muito essa questão.

Por último, sublinhamos o que nos realçou Roberto, quando lhe solicitámos que apontasse dificuldades no processo de integração. Roberto, um entrevistado com características diferentes dos outros, quer no trajeto, quer nos objetivos de migração, disse-nos que sentiu desconfiança. Disse-nos:

Senti que despertávamos muita desconfiança e pouca paciência e sobretudo um grande desinteresse por conhecer ou entender aquilo pelo qual estávamos a atravessar. Ninguém queria ou sabia escutar. Muita gente expert e bem-intencionada nos dava conselhos sem nos perguntar sequer os nossos nomes. Senti uma grande incapacidade para ouvir por parte das pessoas do dia a dia: o senhor do café, a senhora da loja, os vizinhos... etc. E especialmente insensibilidade daqueles que me tinham convidado a dar o passo e me tinham prometido um acolhimento e uma vez aqui, se calhar surpreendidos por eu ter dado este passo, sumiram.

### **Integração. Fatores facilitadores**

Quando analisámos os fatores que contribuíram para facilitar a integração, foi a resposta de Roberto que sublinhámos primeiro, porque se enquadra na questão central da presente pesquisa. Para Roberto o principal fator que facilitou a sua integração foi a sua profissão de contador de estórias. Disse-nos: "foi sem dúvida uma ponta de lança para abrir caminho, o carácter social do ofício de contador de estórias". Para sublinhar esta questão de ter sido a sua profissão a facilitar a sua integração, deu-nos um exemplo. Disse:

Só quando eu fui para a rua e comecei a contar estórias na rua em Oeiras, as pessoas que durante dois ou três anos nunca me tinham cumprimentado, passaram a cumprimentar-me, a levar os filhos, os netos, a comentar, a perguntar-me quando e como estou. Que tal? Como vão as coisas? Agora que eu deixei de contar estórias em Oeiras, ainda agora me encontro com pessoas, dessas mesmas pessoas que, primeiro, não me cumprimentavam e depois me cumprimentavam, agora me vêm pela rua e me dizem: “não sabemos nada do senhor”. Ou seja, e volto a dizer essa frase que tanto te gostou, a mim que tenho um mau feitio e que sou um cabrão, os contos salvaram-me, os contos são a minha ligação com os outros.

A questão da ligação à narração oral como fator de integração sobressai, também, das respostas de outros entrevistados e, segundo a nossa opinião, vale a pena sublinhar, porque utilizam argumentos que validam as questões de partida da nossa pesquisa.

Tânia respondeu-nos que: “o facto de ser uma contadora de estórias, e ser também, obviamente, ligada à universidade, eu percebi, por exemplo, que isso me facilitava na relação com aquele grupo que não era o meu grupo”. Tânia entende que também o facto de ser professora, profissão que os portugueses têm admiração, ajudou. Sendo professora e narradora oral é, segundo ela disse: “algo que te bota perto de alguém muito bom”.

Mas outros fatores surgiram, também como facilitadores, de entre eles, a resiliência pessoal, como foi no caso de Cristina que nos disse: “se calhar foi mesmo esse facto de nós criarmos o próprio mundo, criamos um mundo à parte e fomos levando a nossa própria vida”. Na mesma linha de pensamento, disse-nos Carolina: “não sei, eu acho que a minha capa... eu sou meio camaleão, eu me adapto”. Filipe entende que o importante foi a sua vontade de conhecer pessoas e lugares diferentes. Sublinhou:

A cidade é linda, a luz é linda e convida para o movimento, para os passeios e para as conversas desaceleradas. O tempo de Lisboa é muito diferente do tempo de São Paulo, onde eu vivi os últimos anos, e isso ajuda demais. Sinto-me com vontade de estar na rua, em contato e fazer parte.

A resposta de Tomé assenta os fatores de facilitação na forma como ele próprios se integrou em algumas atividades na sociedade portuguesa. Tomé começou por dar oficinas de contador para conhecer pessoas e fazer amigos. Foram essas oficinas e depois, quando começou a contar nos bares, que facilitaram muito a integração.

Afonso levou a questão para o conhecimento das regras dizendo: “mas eu acho que também me facilitou um pouco é o facto que... que é uma coisa que eu digo sempre, que...

aos meus conterrâneos, que quando estamos na casa do vizinho, que nós temos que estudar um pouco isto, a constituição, a lei imigrante...”

Para Amélia a sociedade portuguesa surge, ela própria como fator positivo. Entende Amélia que foi a sociedade portuguesa e, dentro dela, a ação da micro sociedade de artistas e criativos em que se integrou, um dos fatores que facilitaram a sua integração. Disse-nos: “foi a sociedade, foi, um bocadinho o meio, porque em cada sociedade há micro sociedades. A sociedade dos artistas, que trabalham com a arte, com as crianças, são pessoas bastante abertas de cabeça, por isso, acho que foi isso que me ajudou, em especial”.

A integração dos imigrantes tem aspetos que a facilitam, mas também diversos outros que contribuem para uma maior dificuldade no processo. Da análise às entrevistas resultam como aspetos que, de alguma forma, criaram dificuldades à integração, a língua, sobretudo para os que não a traziam como língua-mãe, a saudade de amigos e família, a burocracia e o choque cultural que sempre surge quando se chega a uma sociedade diferente.

Como fatores facilitadores a uma boa integração surgiram a resiliência pessoal, a vontade de conhecimento de pessoas e locais diferentes, a própria sociedade portuguesa, que ajuda a essa integração e a profissão dos entrevistados, isto é, o facto de serem contadores de estórias. Como disse Roberto: “as estórias salvaram-me a vida”.

### 3.2.3 Perceção das atitudes da sociedade portuguesa face ao imigrante

A avaliação que os entrevistados fazem da forma como os portugueses se relacionam com as comunidades de imigrantes começou, de certa forma, a ser já respondida na anterior pergunta por Amélia que acrescentou que Portugal acolhe muito bem. Entende que melhor do que os italianos e enfatiza o facto de os portugueses falarem diversas línguas, o que mostra logo interesse. Sublinha também que a questão racial está melhor resolvida do que, por exemplo, na Europa do Norte. Julga que os portugueses são muito tolerantes. Também

Beatriz e Afonso dizem que nada há a apontar, acrescenta Afonso que: “Portugal é um bom exemplo em integração”.

No mesmo sentido, Carolina entende que, sobretudo presentemente, Portugal está muito bem nessa questão. Entende que em Portugal houve uma evolução positiva, como se percebe do que nos disse:

Agora Portugal está a viver uma fase muito diferente... hoje é um país multicultural, tem gente de todo o lado a viver aqui. Essa coisa do turismo, também que está uma loucura e agora. Muitas comunidades, todas na rua, no metro, nos autocarros, em todo o lado. Acho que hoje em dia a gente lida um pouco melhor com isso, um pouco melhor. Não é que não haja preconceito, não é que não haja dificuldade, foi tendo que haver uma certa abertura, também Portugal de 25 anos atrás é muito diferente de Portugal de agora.

Ainda do depoimento de Cláudia, registamos o facto de esta sublinhar que chegou na década de oitenta do século passado, segundo ela, uma época complicada, porque Portugal não estava preparado para lidar com a imigração. Disse que: “Portugal nunca tinha acolhido migração, fluxos migratórios brasileiros, era sempre o caminho de cá para lá, nunca tinha sido o caminho de lá para cá. Então esse primeiro momento não foi fácil. Foi esse período muito complicado, também, a nível institucional”.

Outro aspeto a ter em conta na análise às respostas a esta pergunta tem que ver com o local onde cada entrevistado vive. Essa influência percebe-se, por exemplo, na resposta de Cristina, que sublinha a questão, não da cultura de acolhimento, mas da cultura de cada comunidade de acolhimento. Entende ela que, dentro do território português, varia substancialmente e deu o exemplo de um irmão que também chegou a Portugal, vindo do mesmo país e estabelecendo-se noutra região, sentiu muito menos barreiras à sua integração. Sublinhou: “o meu irmão está completamente integrado, desde o início, porque o povo alentejano tem outra... tem outra forma de estar e eles acolhem as pessoas de outra maneira”

Analisando o que, também, podem ser consideradas como notas menos positivas na avaliação de Portugal no relacionamento com a comunidade de imigrantes, sublinhamos a opinião de Mateus, que tem experiência de trabalhar no apoio a comunidades deslocadas. Não tendo uma opinião negativa quanto à forma como Portugal acolhe, acrescenta, no

entanto, um aspeto a ter em conta, que tem que ver com a proveniência do imigrante. Assim, julga ele que, vindo da Europa Central, o imigrante sente um bom acolhimento, coisa que não sentem tanto, os migrantes asiáticos, africanos, ou da Europa de Leste. Sublinhando que julga os portugueses como um povo acolhedor, não deixa de utilizar a expressão inglesa “not in my backyard”, explicando que a sociedade portuguesa recebe muito bem, mas sobretudo se o imigrante não chegar muito próximo. Disse: “ok sim, em geral enquanto sociedade, integramos e acolhemos, mas não quero ter... no meu prédio”.

Também a atividade que o imigrante exerce pode ser uma condicionante. Para Camila, há uma alteração nos comportamentos, consoante a presença de imigrantes implique ou não com a vida de cada um dos que acolhem. À pergunta se percebe a sociedade portuguesa como uma sociedade acolhedora dos imigrantes, Camila respondeu: “então, é sim e não, por um lado são super acolhedores, são super disponíveis, estão sempre a ouvir, mas por outro, depende, depende. Se não é da tua área, ok, que giro que maravilha, bem-vinda. Se é da tua área, hummmm”. Na mesma linha de pensamento, Tomé explicou que nunca teve qualquer dificuldade no que toca a atividade de contador, no entanto, quando tentou vender o seu trabalho, sentiu mais dificuldades.

O estatuto cultural e económica do imigrante tem também influência na forma como este é recebido. Segundo Tânia, essa questão é clara e a entrevistada divide os imigrantes em dois grupos: os que tiveram que ir para Portugal e os que quiseram ir para Portugal. Sendo professora e narradora sentiu um tratamento mais favorável, coisa que não vislumbrou relativamente a outros, no tempo que passou, por exemplo, no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, como sublinha: “quando você fala, dá para perceber a que... mais ou menos a que nível social você pertence”. Isso tem influência no interlocutor. Entende que no seu caso por ser: “professora, que está a tirar mestrado e é artista, narradora, então isso já lhe coloca a dois passos do céu”.

De uma forma diferente e não querendo referir-se à sociedade num conjunto, Roberto descreveu a sua experiência como complicada. Não tendo familiares, nem amigos, na altura da chegada a Portugal, viveu uma situação de engano e manipulação. Tinha sido

aconselhado a vir para cá e depois, poucos foram os que o ajudaram. Teve, no entanto, apoio de outros imigrantes que foi fundamental para conseguir ficar.

Segundo os entrevistados, é importante entender a questão da forma como Portugal acolhe as comunidades imigrantes, à luz de diversos aspetos, como sejam: a altura da história em que aconteceu, referindo que houve uma evolução positiva, ao longo dos últimos 25 anos; o território onde o acolhimento teve lugar, variando de região para região; a proveniência do imigrante; a atividade que esse imigrante vem realizar; o nível cultural e social que traga consigo. Há, pois, que enquadrar primeiro todos estes aspetos, para então poder fazer-se uma avaliação mais clara da forma como Portugal acolhe as comunidades imigrantes residentes no País.

Importa, no entanto, perceber que, da análise às respostas recebidas, concluímos que, apesar de alguns aspetos menos positivos, a sociedade portuguesa tem boa relação com as comunidades de imigrantes e que as recebe e integra bem.

### 3.2.4 Políticas portuguesas de integração

A partir da sua experiência migratória, pedimos aos entrevistados que avaliassem as políticas portuguesas de integração, comparando-as, se possível, com a dos países onde já tinham estabelecido residência.

Cristina disse-nos que julga que as políticas de integração portuguesas são boas, sobretudo na teoria, nas leis, julga até que poderão facilitar em demasia, no entanto questiona se na prática é mesmo assim. Mateus, por ter experiência no acolhimento de migrantes, afirmou que julga que as políticas são positivas, entende até que esta situação tem melhorado.

Os restantes entrevistados entenderam não se pronunciar, uma vez que não conhecem outra realidade que não a portuguesa.

Roberto, apesar de já ter residido noutra país como imigrante, preferiu não se pronunciar.

### 3.2.5 Integração e transnacionalismo

Ainda no campo da caracterização da sua condição de imigrante, expectativas, motivos e relações, julgámos ser importante perceber que tipo de relação os entrevistados mantinham com o seu país de origem. Da análise às suas respostas, é praticamente unânime a ideia de que o seu país de origem “ficou para trás” e que agora vivem em Portugal, sem qualquer vontade de voltar.

Cristina disse:

Fui a Angola buscar o meu coração em 2013. Hoje já não tenho aquela paixão, aquela coisa que me fazia chorar... já não é sofrível, mas continuo a achar-me angolana, as minhas raízes estão lá e continuo a achar que eu sou África. O meu coração, no meu sangue é África que corre também, embora culturalmente seja portuguesa, mas acho que a nível de sentimento sou africana.

Alguns entrevistados são muito claros em referir que a ligação ao país de origem não é de forma a condicionar a sua permanência em Portugal. Sublinhando esse facto, Tomé disse: “atualmente, nenhuma (ligação). Nenhuma mesmo. Tenho alguns amigos lá que me correspondo, acompanho o que se passa lá politicamente, por youtube”. Cláudia disse: “não tenho saudades do Brasil, sinto sim, saudades de pessoas e referências”. Também Beatriz, gostando do Brasil, preza muito a tranquilidade e neste momento não há tranquilidade no Brasil. Disse: "continuo a acompanhar, porque acho que é uma sacanagem o que está a acontecer com o meu país". Também para Amélia, a questão das condições socioculturais são importantes e embora Itália seja tudo o que contribuiu para o que é, não deixa de "estar mal" com ela, com Itália, porque diz que as coisas cada vez funcionam menos, que há corrupção. Sabe que os amigos e a família estão cansados do sistema.

Camila posiciona-se ainda de uma outra forma. Entende ser muito forte a ligação que tem ao Brasil, mas não se vê morando lá, não se sente de lá. Gosta de ir, de estar com os seus amigos, ver o movimento. Quer estar com a sua família uma ou duas vezes por ano.

Mas a saudade e a memória também estão presentes em algumas respostas, como no caso de Tânia que disse: “a memória, principalmente da literatura oral, constituída ao longo da minha vida, faz parte do meu corpo. Não tem como eu me separar mais disso, isso vai ser

carregado para o resto da minha vida". Vai viver em Portugal, mas não consegue pensar que não irá voltar, não como turista, mas voltar a viver lá.

### **Regresso ou remigração**

No seguimento desta última questão, lançámos uma outra que é complementar. A possibilidade de regressar ao país de origem, ou até remigrar para outro país. Nas respostas a esta questão, apareceu novamente a unanimidade, isto é, nenhum dos entrevistados pensa em regressar, nem em remigrar, todos entendem que vão ficar em Portugal, embora a argumentação varie um pouco.

Sublinhamos a resposta de Afonso que disse: “quero voltar sempre, mas agora não quero. Tenho paixão e amor à minha terra, mas julgo que sou mais válido cá”.

Roberto disse ter uma grande nostalgia, sentir saudades. Quer que um dia as filhas conheçam a Argentina e ganhem experiência lá, mas Portugal é neste momento a sua casa, a sua terra e a sua alegria. Diz que hoje não há nada que o leve a abandonar Portugal.

Da análise às respostas dos onze imigrantes, sublinhamos a unanimidade, isto é, todos eles pensam em manter-se em Portugal. Mantêm todos contato com o seu país de origem, sobretudo através das notícias, no entanto entendem que não haverá regresso nos próximos tempos.

### **3.2.6 Práticas culturais**

No sentido de tomar o pulso à forma como os imigrantes entendem as questões de acolhimento, do conforto, da sua situação atual em Portugal, avançamos para a análise das diferenças sentidas, no que toca às práticas culturais, uma vez que entendemos que estas, sendo diferentes, podem influenciar a forma como o imigrante se sente em Portugal. O que desejámos aferir, no final destas questões, foi a relação entre as histórias e as práticas

culturais dos imigrantes, sendo importante, na nossa opinião, abordar, quer as dificuldades sentidas em manter as suas práticas culturais no país de acolhimento, quer as estratégias para o fazer, ou até se sentiram a necessidade de as alterar.

Perguntámos, ainda, se a narração oral, ou as histórias que pesquisam ou contam, tiveram influência na forma como mantiveram, ou não, as práticas culturais de origem.

A primeira pergunta permitiu enquadrar possíveis dificuldades em manter as suas práticas culturais em Portugal e a esta questão, como aliás na maioria das questões, as opiniões variaram, por vezes, diametralmente.

Na análise às respostas, começamos por sublinhar o que nos disse Tomé:

As práticas culturais não são assim tão diferentes como parece. Eu não senti dificuldades, mas sei que muito brasileiro sente, se for um brasileiro, muito brasileiro. Aí é que tá, eu sou um brasileiro, meio europeu, pela educação que eu sempre tive. Eu não sinto necessidade de estar no pagode, na batucada, a beber cerveja e a comer carne na brasa, não sinto e até não gosto muito desse tipo.

Tal como o Tomé, também outros entrevistados não sentiram qualquer dificuldade em manter as suas práticas culturais, como foi o caso de Filipe que se sente muito bem em Portugal. Diz ele que muitas coisas lhe fazem lembrar Minas Gerais de onde é oriundo. O ritmo desacelerado agrada-lhe. Sente algumas dificuldades no que toca à alimentação, mas acha que os obstáculos não são significativos. Na mesma linha de pensamento, também Amélia disse que praticamente não sentiu dificuldades, referindo que Portugal é muito parecido com a Itália do sul. Mateus, também italiano, disse não ter sentido dificuldades, acrescentando que julga que Portugal até é um país mais aberto do que a sua sociedade de origem, porque, como refere, há muitas itálias e a sua Itália é mais fechada. Apenas aponta pequenas coisas, como apertar as mãos e dar beijinhos. Camila entende que, à exceção de algumas comidas e da forma de vestir, não há nada de relevante. Na mesma linha de pensamento, Beatriz disse-nos que não sentiu qualquer dificuldade.

Há por outro lado quem tenha sentido dificuldades. Afonso, que presentemente não tem qualquer problema, à chegada teve dificuldades. Na mesma linha de pensamento, isto é, tendo sentido dificuldades à chegada, anotámos a resposta de Cristina que refere que sim,

dando como exemplo: “quando cá cheguei, ia um casal na rua, por exemplo, o marido ia à frente, um metro ou dois atrás, ia a mulher e nós trouxemos de lá o hábito de andar abraçados, andávamos na rua abraçados”. Este tipo de comportamentos levou-a a ser apontada pela comunidade de acolhimento.

Por vir de um país com uma comunidade pouco representativa em Portugal, também Roberto diz que sentiu muita dificuldade, sem querer explicar qualquer aspeto.

Tomando conhecimento das dificuldades, ou da diferença que sentiram os entrevistados nos aspetos que têm a ver com as práticas culturais, avançámos para uma questão onde pudéssemos perceber que estratégias utilizaram estes migrantes, para reproduzir as suas práticas culturais, isto é, o que foram fazendo e de que forma, para reproduzir as práticas culturais que os enformavam na sua cultura de origem.

Das respostas recebidas, sobressai desde logo a opinião de Amélia, que disse não ter sentido a necessidade de mudar nada, ou de utilizar qualquer estratégia. Por outro lado, Mateus não julga que sejam estratégias, porque, quer sejam questões de cumprimentos, ou de comidas, são sempre coisas pequenas que, tal como nos disse: "dá jeito, porque desbloqueia conversas e relações".

Outro aspeto importante surge da resposta de Tânia, que entende ser uma questão quase inevitável, dizendo ser: “acultramento”. Por isso, ela vai se adaptando à forma de fazer da sociedade de acolhimentos. Disse que: “é uma oportunidade de eu ir ao encontro do outro, sem ter exatamente estado no sítio onde o outro vive”. Sublinhou ainda que é narradora, dizendo: “eu trabalho com a palavra e a sua identidade mais forte, a sua identidade mais pessoal e o que tem por trás dela”. Entende a entrevistada que isso lhe dá, como disse: “consciência de que o meu trabalho é um instrumento de mediação intercultural”.

Filipe aborda a questão, dizendo ser do seu interesse conhecer novas práticas. Mas para trazer boas memórias, continua a cozinhar os seus pratos favoritos em casa. Afonso e Beatriz sublinham que quando se vai para outro país, deve entender-se o outro país e não o contrário.

Há um denominador comum nos depoimentos de alguns entrevistados: não alteraram nada.

Cristina disse que a estratégia foi: “ser eu mesma”. Cristina dá um exemplo dos momentos em que ouvia de familiares queixas de que as pessoas se maquilhavam muito e logo ia ao quarto e maquilhava-se, disse-nos: "que se via a um quilómetro".

Depois existem as “estratégias de exílio”, como lhe chamou Tomé, dizendo que foi essa a sua estratégia, isto é: “dar um tempo, até que tudo fique bom”, um pouco como Roberto, que conserva em privado os gostos e rituais que a sociedade não entende.

Por fim sublinhamos o que respondeu Carolina, que diz ter mudado um pouco a forma como vestia, mas tem a noção que Portugal também se adaptou. Para esta entrevistada também a sociedade portuguesa foi fazendo ajustes, está mais multicultural, estará mais intercultural. Disse:

Eu acho que Portugal mudou mais do que eu, Portugal mudou mais do que eu. Hoje eu vou para o calçado, só facto de haver calçado, toda a gente que para ali anda, é de biquíni, pessoas de todas as idades, não são só jovens, vê velhotas, tudo de biquíni, então, estão no calçado de sandálias havaianas e com os panos amarrados aqui.

Mistura, ou troca, são palavras utilizadas por Roberto e Beatriz, respetivamente para abordar a questão. Beatriz julga que é uma troca, caso contrário não aconteceriam práticas culturais nenhuma e Roberto assume a sua identidade como uma mistura, buscando o que lhe pertence, de forma a experimentar, dando e recebendo. Julga que incorporou nas suas as práticas culturais da sociedade de acolhimento.

### **Práticas culturais e a narração oral**

Tratando-se de uma comunidade de contadores de histórias, julgámos importante perguntar se teve a sua atividade de narrador oral alguma influência na forma como conseguiram reproduzir as suas práticas culturais, uma vez que a ligação dos imigrantes às histórias também surgiu pela ligação à sua cultura de origem, logo às práticas culturais que desde cedo foram a sua forma de fazer.

Perante esta questão e, tal como se perceberá mais adiante, sempre que as questões se centram nas estórias, ou na narração oral de contos, surge uma quase unanimidade nas respostas.

Entendemos, por isso, deixar aqui as transcrições completas da opinião de alguns entrevistados, uma vez que nas respostas a esta pergunta sobressaiu a clara ligação das estórias à forma como estes imigrantes utilizam as suas práticas culturais, sublinhando assim parte do universo que foi tema central na decisão de realizar esta pesquisa.

Beatriz disse:

As estórias estão carregadas da minha cultura. Então quando estou trazendo uma história, seja ela popular, seja ela autoral, tou trazendo a minha forma de contar, que tem a ver com o facto de eu ser de uma determinada região do Brasil, se eu fosse de uma outra região, eu contaria de outra maneira. Então, eu estou trazendo toda uma cultura, com a minha palavra, com o meu corpo com meu jeito.

Tânia disse:

Completamente, completamente. Claro que você... eu hoje, vou ao Brasil, conto contos portugueses, tá. Porque alguns contos que vejo na literatura oral portuguesa, ou vejo alguns colegas narrarem. Tem contos que chegam tão forte em você que você não consegue fazer nada com ele do que contá-lo também. Então, também acabo levando... acho que estou fazendo um trabalho meio aqui de ponte, mas o meu trabalho é todo sustentado na literatura de tradição oral, nem do meu país, que o meu país é um país continental, é da região de onde venho.

Amélia, que chegou mais tarde às estórias, não procurou o facto de se identificar pessoalmente, mas como refere, alguém uma vez disse: “andamos, andamos no mundo à procura de nós próprios e a estrada que nós fazemos é a estrada que nos traz para casa outra vez. Que é aí que nós existimos como pessoas”.

Também Cristina julga que sim e justificou da seguinte forma:

Para mim própria, sim, que muitas vezes recorri aos ensinamentos da minha avó, as vivências que tínhamos tido e acho que isso me ajudava, de certa forma a manter a minha posição, porque dizia: eu sou assim, é assim que vou continuar a ser, não prejudico ninguém pelo facto de viver desta forma e as pessoas tem que me aceitar se quiserem e se não quiserem, paciência.

Mateus, embora entenda que sim, no entanto, não tanto relativamente às práticas culturais, mas sobretudo no trazer a imagem das diversas Itálias. Para Cláudia, tiveram

influência, sobretudo na redescoberta das suas raízes, enquanto que Clara e Tomé apenas referiram que sim.

Filipe disse-nos que sim, que:

As estórias têm importância real na minha trajetória e mesmo no meu cotidiano. Carrego comigo contos e causos cujas narrativas sempre me ajudam a pensar no mundo ao redor e me inserir nele, a me relacionar. As estórias criam pontes entre mundos e entre pessoas. Algumas estórias vêm de outros tempos e transportam consigo todo tipo de conhecimento, falam de andanças, de transições, desafios, mortes e renascimentos, de forasteiros etc. Elas fornecem uma estrutura forte de trama fina que nos tranquiliza e nos impulsiona.

O depoimento de Roberto revela uma outra forma de ver esta questão. Foram as estórias que tiveram influência na forma como tomou consciência das suas práticas culturais. Segundo ele, quando começou, já depois de ser contador, a procurar estórias é que teve consciência das suas práticas culturais. Desconhecia e foi através das estórias que reforçou e aprofundou algumas dessas práticas, mas agora por opção. Disse: “Ah pronto, eu fazia isto, mas não pensava que era da minha cultura, ah, agora vou reforçá-lo, agora vou ficar com isto como bandeira, como... eh pá, isto mesmo”.

Segundo os entrevistados existe uma clara ligação das estórias à forma como estes imigrantes utilizam as suas práticas culturais, como sintetizou Filipe: “As estórias têm importância real na minha trajetória e mesmo no meu cotidiano”.

### 3.2.7 Língua, barreira e ferramenta de trabalho

Há questões que têm muita importância na forma como os imigrantes se adaptam ao país de acolhimento, de entre elas, não podemos descurar a língua, o seu conhecimento e domínio. Embora a grande maioria dos entrevistados tenha o português como língua-mãe, entendemos colocar uma questão onde fosse possível aferir as dificuldades com a língua, seja para os que vinham de culturas onde o português fosse a língua-mãe, mas onde a pronúncia e as expressões pudessem ser, de alguma forma, uma barreira, seja para os que vinham de uma cultura onde o português não se falasse.

Começamos a análise a esta questão, pelas respostas dos três entrevistados que vieram originalmente de uma cultura onde não se fala português, Mateus, Amélia e Roberto. Curiosa foi a resposta de Mateus que nos deixou logo uma ligação muito forte entre a dificuldade de comunicar numa língua nova e a sua ligação às histórias e à narração oral. Disse-nos: “foi porque é uma nova língua, mas não foi uma grande barreira. Tanto que o contar saiu dessa coisa de querer um desafio acrescentado na minha relação com o português”. Mateus fez o curso de narração oral na Biblioteca Municipal de Oeiras, exatamente para melhorar a sua ligação à língua portuguesa.

Amélia, por sua vez, disse-nos que a princípio sim, sentiu dificuldades, mas adianta mais:

Ainda hoje... eu conto para os meninos... eu conto para os meninos e os meninos, que são pequeninos, conseguem perceber que eu não sou portuguesa. Uma vez fui contar num jardim-de-infância, ficaram a ouvir e tudo, gostaram e riram e... e no final perguntei, eram crianças pequeninas: “então tem alguma pergunta para fazer?” E um menino pequenino, inocente, pôs o dedinho no ar e disse: “porque é que falas tão mal?”

Roberto, o outro imigrante que não trazia o português como língua-mãe, disse-nos que a língua foi uma grande barreira, sobretudo para ele. Sentiu a capacidade dos portugueses para perceber castelhano, mas da sua parte isso não aconteceu. Disse-nos:

Foi uma barreira de ali (fez o gesto de fora para si) para aqui, não daqui para aí (fez o gesto de si para fora) ou seja, a língua... a língua continua a ser uma barreira... para mim, muito grande, porque eu ainda... as emoções mais profundas não consigo transmiti-las em português. Falta-me palavras, falta-me nomes, falta-me experiência.

Dos que chegaram de países onde se fala o português sublinhamos o testemunho de Afonso, cabo-verdiano, que acrescentou uma nuance na sua resposta, que se prende com a vantagem que essa barreira lhe trouxe, quando conta histórias. Disse-nos:

Foi. A língua portuguesa mesmo para falar o português de Camões, mas eu depois, depois vim a descobrir que esta particularidade também me ajudou. (para contar histórias?) Sim, foi e ainda continua a ser... e para ser sincero, eu às vezes, quando estou a contar histórias, meto muitas expressões em crioulo, eu esqueço, eu embalo, por frações de segundo eu sinto-me na minha cultura e às vezes, se não traduzir eu olho para os olhos das pessoas e volto outra vez para a Europa.

Beatriz entende que a língua pode ser uma barreira em qualquer circunstância, se não se souber entendê-la, no entanto, também julga que o contador, como investigador que é, investiga a língua do lugar onde vai contar e para o público que vai contar e isso resolve a

situação. Camila referiu que algumas expressões foram mais difíceis. Disse-nos: “no início, por vezes, não percebia nada. Fala-se muito rápido em Portugal”.

Os restantes entrevistados não entendem que tenha havido qualquer dificuldade, não se constituindo a língua, ou a pronúncia, como barreira.

Estando a entrevista a abordar as questões da língua e, sendo uma pesquisa realizada junto de contadores de histórias que vivendo em Portugal, são provenientes de diversos pontos do globo e de culturas diferentes, importante seria, julgámo-nos, perceber em que língua estes narradores contam histórias neste país.

Em que língua conta? As respostas a estas perguntas foram quase unânimes. Praticamente todos os narradores entrevistados contam em português, surgindo pequenas variações na forma de contar de Mateus, Afonso, Amélia e Roberto e, assim, deixamos na análise apenas aquilo que nos disseram estes entrevistados.

Mateus disse-nos: “conto maioritariamente em português, ali e acolá outras coisas a contar em italiano, mas poucas”. Amélia disse-nos que conta: “em português. Só muitas poucas vezes, contei em italiano, muitas poucas. Mas a minha língua de conto, de contar, é português, mesmo histórias italianas. São todas traduzidas, ou por mim, ou por livros que já estão traduzidos”. Afonso mistura. Disse-nos que faz isso de uma forma consciente. Afirmou: “faço questão de misturar e deixar uma palavra ali, outra acolá. Se tem alguém cabo-verdiano na plateia, não sinto tanta necessidade de traduzir”. Por vezes conta em crioulo, não traduz, mas faz ligações de maneira que as pessoas percebam.

O caso de Roberto é um pouco diferente, uma vez que tem o castelhano como língua de origem e que já chegou a Portugal como contador de histórias em castelhano. Disse-nos que teve dificuldade. Ainda hoje tenta contar em português e acrescentou um dado importante que se prende com a facilidade que os portugueses têm em entender outros idiomas. Disse-nos:

Tento contar em português com sotaque espanhol, evidentemente. Tento contar em português, mas mesmo... mas agora, o que entendi, finalmente, depois destes oito anos, é que não tenho que esforçar-me em contar em português. Que posso contar em português, mas quando preciso mesmo transmitir algo muito forte, ou muito íntimo, posso falar em espanhol,

porque a gestualidade, a facilidade que têm os portugueses em perceber o espanhol e uma serie de coisas, me permite comunicar, mas isso só consigo perceber agora... digamos que nos últimos... no ultimo ano, eu reparei que... eh pá... não encontro a palavra em português, digo a palavra em espanhol... e funciona.

Os narradores entrevistados contam maioritariamente em português e quando não o fazem percebem que os portugueses os entendem, sendo essa uma das facilidades que um contador de estórias imigrante sente ao exercer a sua atividade em Portugal.

### 3.3 MIGRANTES CONTADORES DE ESTÓRIAS. INTEGRAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

#### 3.3.1 Trajetória dos imigrantes contadores de estórias

Finalizada a análise ao bloco de respostas em que se pretendeu, sobretudo, caracterizar os imigrantes contadores de estórias e nessa caracterização entender a sua ligação ao país de origem e a forma como chegaram e se adaptaram a Portugal, iniciamos a análise ao que os entrevistados nos disseram relativamente à atividade que exercem neste país e que é um dos pilares centrais da presente pesquisa. Avançamos, pois, para a temática central: imigrantes contadores de estórias e as suas ferramentas para a interculturalidade.

#### **Tradição oral**

O primeiro aspeto de análise gira em torno da trajetória que os imigrantes contadores de estórias fizeram, já em Portugal. Começamos, no entanto, por tentar aferir a ligação da comunidade pesquisada à tradição oral, para depois perceber o percurso que estes fizeram, através dela, pelo país de acolhimento e tentar perceber se esta teve algum contributo para a sua integração. Assim, antes de aprofundarmos a análise à influência da narração oral no seu percurso, quisemos perceber a origem da ligação de cada um dos migrantes às estórias.

Das respostas recebidas entendemos que, embora nem todos tenham trazido a ligação à profissão, ou à atividade de contador de estórias, com uma única exceção, todos os outros perceberam, mais tarde ou mais cedo, que já havia uma anterior ligação à tradição oral e que foi essa ligação que despoletou o contador, ou a contadora que presentemente existe neles.

Cristina, africana, disse-nos que a sua ligação à tradição oral vem da sua avó, uma vez que foi criada por ela, devido à morte prematura dos pais. A avó era contadora de estórias, tinha até, em nova, um grupo que se juntava para concurso de estórias. Eram estórias africanas e Cristina lembra a expressividade da avó que os prendia, a ela e ao irmão, e os cativava. Esta ligação às estórias da avó é central na sua existência.

Mateus, que nasceu numa pequena aldeia, disse-nos que foram vários os fatores que tiveram influência, como os velhos com quem se cruzava todos os dias na sua aldeia, as estadias na casa da tia avó e as estórias de vida e de guerra que ouvia dela. Também no café do pai, onde ouvia, como disse: “os personagens da aldeia, falar das estórias de vida”.

Carolina, sendo carioca, sempre que ia ao Nordeste ouvia estórias das tias-avós, como forma de ser integrada. Estas levavam-na às feiras para ouvir os cordelistas. Também a avó materna lhe contava, como estratégia de lhe ensinar, disse: "coisas de mulheres". Outra ligação sua às estórias vem dos contos que ouvia em discos, que, ao que diz: “todos os brasileiros recordam”.

Beatriz, sendo filha de galegos que imigraram para a montanha brasileira, à procura de locais parecidos com os seus de nascença, lembra que estes seus antepassados contavam as estórias da sua origem. Estórias de medo, de lobos, de bruxas. Disse: “minha mãe contava e isso foi aguçando o meu imaginário”. Disse-nos que, já depois de se assumir como contadora profissional, encontrou uma colega de escola que lhe perguntou, o que fazia. Ao dizer que era contadora de estórias, recebeu como resposta: "no intervalo, a gente ficava em volta de você e você contava estórias para a gente". Era, pois, uma coisa que lhe estava presente desde muito nova.

Tânia começou a contar estórias porque era educadora de infância e só depois é que percebeu a sua ligação à tradição oral. Pensava inicialmente que contava por inspiração. Depois que começou a pesquisar, entendeu porque se tornou contadora de estórias. Disse: "eu não me tornei narradora oral porque eu fui educadora de infância, eu me tornei narradora oral porque de onde eu vim tinham muitos narradores de tradição, a minha matriz cultural de infância". Referiu o seu local de origem como um lugar muito quente, onde chove pouco e onde pescadores e lavadeiras contam estórias enquanto trabalham.

Camila disse-nos que a sua avó contava estórias: "ela contava estórias na comunidade libanesa em São Paulo". Mas a entrevistada, em criança, não tinha noção do trabalho da avó e julgava que ia ver os seus primos, quando a acompanhava nas sessões de contos para libaneses. Depois, quando aprendeu a escrever, segundo ela: "colocava umas frases que eu gostava, guardava num baú e guardava como uma referência da minha avó". Sem nunca pensar que se iria tornar uma contadora, quando voltou para São Paulo, explicou: "fui buscar o baú, com folhas amareladas, para tentar primeiro resgatar essas memórias. Foi o clique".

Filipe sempre ouviu estórias. Desde pequeno, era coisa natural sentar ao pé do fogão de lenha e ouvir a sua avó contar enquanto cozinhava, ou mesmo durante uma caminhada para visitar alguém. Disse: "a minha avó andava na frente, mostrava o caminho e narrava algum caso, apresentava um pássaro que revoava as cabeças". Cresceu no meio das estórias, quando não era a avó paterna era a mãe ou o pai. Nos encontros com os velhos amigos ou parentes, tios ou tias-avós havia sempre comida e estórias. Narrar estórias sempre foi natural para o entrevistado, que disse: "era uma forma de partilhar, de mostrar e conhecer o mundo". Já adulto, iniciou a sua trajetória como contador de estórias e naturalmente teve vontade de conhecer outras maneiras de estruturar e contar contos.

Amélia disse-nos que o primeiro contador da sua vida foi o seu pai. Lembra-se de o pai levá-la às cavalitas e contando uma história, que tem tentando recuperar com a ajuda da sua mãe.

Afonso, que começou a contar mais tarde, é natural de uma vila piscatória, onde se ouviam muitas estórias, sobretudo à noite nas soleiras das portas. Lembra-se da tia Venança que vendia petróleo e que, como disse: “trauteava alguns contos”.

Tomé disse-nos que não foi nenhum avô, ou avó, ou qualquer outro familiar. Despertou para as estórias com Valter, um homem que carregava um saco e que dizia que era ladrão. Contou-nos:

Foi o ladrão. Esse ladrão existiu e chamava-se Valter e eu tenho sessões que eu às vezes começo com ele. Porque o Valter era um sujeito que andava com um saco às costas e reunia as crianças na rua e dizia que ele era um ladrão, que entrava pelas janelas das casas, que não usava arma, que era até respeitado pela polícia e chegava no fim, ele diz assim: “e aqui eu vou dizer a vocês que eu acabo de roubar uma hora da vossa atenção, por isso eu sou um ladrão de atenção”. Eu tinha nove anos quando ouvi o Valter e eu achava que não era uma reflexão consciente, mas ficava intrigado. Conheço quem rouba carro, quem rouba casa, mas atenção nunca vi. E essa coisa de mudar o contexto, recriar o contexto, fazer outra diferença, começou a me fascinar.

Diferente de todos os outros, surge Roberto, que nos disse: *“não tenho ligação clara à tradição oral”*. É narrador pelo caminho da escrita, narra os contos que ele próprio escreve, bem como contos de outros autores.

À medida que fomos ouvindo os entrevistados, fomos vislumbrando que, à exceção de Roberto, a tradição oral teve influência na forma como os entrevistados se tornaram contadores de estórias. A ligação às estórias vem de muito cedo e tivessem eles consciência desde o primeiro momento, ou não, todos têm a noção de que são, presentemente, contadores de estórias, por responsabilidade dessa ligação ancestral.

### **Trajetos de contador em Portugal. O início**

Chegada a altura da entrevista em que direcionámos as questões para a trajetória dos entrevistados em Portugal. Entendemos aferir, sobretudo, o trajeto como contador de estórias.

Como indicámos já, alguns dos entrevistados, apenas após chegarem a Portugal, é que tomaram contato com a atividade de contador de estórias e, para alguns deles, o início foi muito semelhante. Foram os casos de Carolina, Mateus e Amélia.

O início da ligação à atividade de contador de estórias de Carolina, Mateus e Amélia, deu-se na Biblioteca Municipal de Oeiras, que tem um excelente trabalho no que toca à narração oral e que foi pioneira nessa área. Tiveram, então, estes imigrantes o seu primeiro contato com as estórias a partir de formação que fizeram naquela biblioteca, sendo interessante perceber os motivos por que se inscreveram na referida formação.

Como referimos já e agora sublinhamos, o objetivo que levou Mateus a fazer formação como contador de estórias foi o de dominar melhor a língua portuguesa. Disse-nos:

Este trabalho das formações da Biblioteca de Oeiras, que foi para mim a tal desculpa para ter mais um contacto com o português. Comecei, aquilo era muito fixe, porque não precisavas de te inscrever em nada, havia formações de vez enquanto ao fim de semana, se querias ias, se não querias, não ias, então... uma coisa fácil, para se estar dentro e fora. E eu quando comecei, nem tinha noção... quero fazer isto porque quero contar. Era, tenho tempo... e então o que me levou a contar, o que me aproximou a contar, cresceu no espaço da biblioteca.

Para Amélia, o início foi semelhante. Foi também fazer formação na Biblioteca Municipal de Oeiras e gostou. Referiu uma experiência que tinha tido ao assistir a um contador, ainda em Itália, que recordou e a fez concluir que era isso que queria fazer. Portanto já havia em si esse interesse e a formação da Biblioteca Municipal de Oeiras despoletou a vontade de contar.

Na mesma linha, Carolina começou também por fazer formação na Biblioteca Municipal de Oeiras, desta feita a convite da diretora, porque frequentava muito a biblioteca, para estudar, levando consigo a sua filha, ainda bebé de colo. Ao assistir a uma sessão da Cristina Taquelim, contadora de estórias portuguesa, apaixonou-se. Foi fazer a formação e nunca mais deixou a narração oral.

Embora noutra região do país, semelhante foi o início de Cristina, também fazendo formação, curiosamente ministrada por uma das imigrantes participantes nesta pesquisa, Camila, de quem disse maravilhas. Começou por fazer um curso, por estar a passar um

período complicado e gostou. Sentiu que: “voltara a sorrir”. Continuou a fazer formação e com a reforma de uma colega, começou ela a contar na biblioteca, onde era funcionária, alargando depois, também, às escolas do concelho.

Ainda no que toca a entrevistados que só tiveram contacto com as estórias já em Portugal, surge Afonso, que chegou às estórias pela ligação que tem à sua cultura de origem e pelo convite que recebeu para contar para a diáspora cabo-verdiana em Portugal. Explicou-nos Afonso que: “uma amiga chegou para mim e disse, eu trabalho lá no ATL com os meninos, nós estamos a falar sobre Cabo Verde, vai contar umas estórias de Cabo Verde, para os meninos. Eu disse, que é isso? Eh pá, deixa-me em paz, contar estória não é para mim, eu sou ator”. Assim, ela convenceu-o a contar estórias tradicionais de Cabo Verde e a partir daí ligou-se às estórias e nunca mais parou.

Analisámos, também, as respostas daqueles que já vinham narradores e cuja necessidade de contar é premente. Alguns, embora não tenham vindo para Portugal com o objetivo de exercer a profissão de contador de estórias, traziam consigo uma ligação à narração oral demasiado forte para não o fazerem. Foi o caso de Tânia, que nos disse: “foi uma necessidade”. Foi uma necessidade de narrar a sua aldeia, porque saiu dela e levou-a consigo. Por isso conta em Portugal como já contava no Brasil.

Filipe também nos disse: "sou contador de estórias faz muito tempo, tudo que vejo e realizo perpassa pela narrativa, pelas estórias e pelas palavras. Quando decidi vir para Portugal tinha poucas certezas e poucos planos, mas sabia que eu queria e precisava contar estórias".

Beatriz não pode descartar a questão financeira, porque vive do seu trabalho, no entanto, diverte-se. Acha que o contador de estórias é o maior comunicador da sociedade. Esta entrevistada está há pouco tempo em Portugal, mas sempre que lhe é solicitado, conta.

Há depois Tomé que já vinha de contar no Brasil. Segundo ele, em Portugal poderia fazer apenas duas coisas, ou teatro, ou contar estórias. Teatro necessita de equipa, como não tinha equipa e os contos permitiam a autonomia, optou pelo contar de estórias.

Há depois os outros dois entrevistados que vinham exclusivamente para exercer a profissão de contador de estórias em Portugal: Camila e Roberto.

### **Percurso**

Aferida a forma como os entrevistados começaram a contar estórias e também o porquê de exercer a atividade em Portugal, importante, julgámos, seria perceber como foi o trajeto, ou a história destes contadores em Portugal, isto é, a forma como estes imigrantes foram desenvolvendo a sua atividade, onde começaram a contar, onde contam presentemente e para quem.

Tal como referido anteriormente, alguns partiram da Biblioteca Municipal de Oeiras para a atividade de contador de estórias, enquanto que outros tiveram um percurso diferente. É sobre as respostas dos primeiros que nos debruçaremos inicialmente.

Depois da formação na Biblioteca Municipal de Oeiras, onde teve contacto com muitos contadores, Carolina iniciou um longo percurso de narradora, que se mantém até ao presente. Foi um percurso marcado pela influência dos contadores portugueses António Fontinha e Cristina Taquelim e sente que as estórias a fizeram muito portuguesa. O mesmo aconteceu com Amélia, que após formação na mesma altura, criou juntamente com outros formandos um grupo, no qual, ouvindo-se e contando uns aos outros, levou a que nascesse a Associação de Contadores de Estórias Contabandistas. Conta desde então nos locais e eventos para onde é convidada. Também com um começo idêntico, Mateus teve um percurso de altos e baixos, com momentos de mais trabalho e investimento e outros, nem tanto. Estes três elementos seguiram o trajeto que é usual nos contadores de estórias em Portugal, foram contando em escolas, bibliotecas, lares de idosos e festivais de narração oral.

Com um início, também já bastante tempo depois de chegar a Portugal, Cristina, após a formação realizada com Camila, começou a exercer a sua atividade de contadora na

biblioteca, escolas e lares de idosos do município para o qual trabalha, mas também participou já em alguns festivais de narração oral.

“Assustado” é a palavra que Afonso utiliza para classificar o seu trajeto nas estórias em Portugal. Tem muito trabalho. Conta nos mais diversos locais para os quais é convidado, sublinhando que o trabalho que faz de levar a cultura cabo-verdiana é o que lhe dá mais prazer e onde sente que é mais necessário.

As duas contadoras que chegaram mais recentemente a Portugal, Beatriz e Tânia, haviam contado já várias vezes em Portugal, em festivais de narração oral e à chegada começaram logo a ser solicitadas para realizar sessões em diversos espaços.

Camila e Tomé sabendo que, à chegada, ninguém os conhecia, tiveram de dar a conhecer o seu trabalho. Camila explicou:

Eu cheguei com um objetivo claro. Eu vinha para contar estórias. E que pronto, já sabia que ninguém me conhecia, que não conheciam o meu trabalho, que tinha que dar a conhecer. Fiz uma pesquisa dos espaços, o primeiro foi este aqui (Fnac Santa Catarina, onde estava a acontecer a entrevista), depois descobri a Salta Folhinhas, fui descobrindo coisas e fui apresentando o meu trabalho e as coisas foram acontecendo naturalmente e tive logo aceitação, as pessoas gostaram e fui, fui crescendo, crescendo, crescendo e não parei mais, não sinto que tenha tido dificuldades.

Tomé disse que:

Tinha trazido do Brasil, não mais do que seis contos e ampliei esses seis contos para quarenta. E aí, me interessava contar contos, quando eram recolhidas, queriam recolhidas, ou portuguesas, ou que não fossem portuguesas, mas que fossem contadas de uma forma portuguesa, ou com a linguagem portuguesa. Mas também não queria me anular. (...) eu queria me aculturar das forças de expressão de cá, das formas de trabalho de cá (...) o meu contador amadureceu cá, no Brasil era muito teatro. Por contextos diferentes, eu comecei nos bares e os seis contos eram para bares. Aqui começo a contar em lares de terceira idade, em centros de dia, em cafés meio pipis, em espaços culturais chiques, em bibliotecas, eu acho que aliás, a mudança foi radical quando entrei nas bibliotecas, porque tinha famílias e eu não tinha contos para famílias.

Diferente de todos os outros, surge a história de Roberto que tinha uma espécie de contrato quando chegou, mas que não foi respeitado e passou um primeiro ano difícil. Com pouco trabalho, enviou currículos para todos os locais possíveis e ninguém lhe respondia. Depois, a sua proposta de trabalho foi aceite pela Biblioteca Municipal de Oeiras e a partir

daí foi tendo mais trabalho. Julga agora que aquele primeiro ano de dificuldades acabou por ser positivo, por ter permitido criar, como disse, um: "*background* para assumir riscos".

### **Que estórias, onde e para quem?**

Aferida a ligação à tradição oral e aos contos, aferida a forma como começaram e também o percurso de contador em Portugal, importante, julgámos, seria saber que estórias contam, para quem contam e onde contam. Estas questões permitem enquadrar o tipo de público que cada um dos entrevistados tem, perceber o seu repertório, se é mais centrado na tradição oral da sua ancestralidade, se mais em contos de autor.

Da análise às respostas a esta pergunta foi possível perceber a importância que a cultura de origem tem em cada um dos entrevistados, sublinhando-se o que nos disse Cristina que conta preferencialmente estórias da tradição oral, privilegiando contos africanos. Conta descalça, porque, diz que: "a transporta para a natureza". Também africano e também privilegiando a tradição oral africana, Afonso conta estórias de Cabo Verde, embora se atreva a fazer a fusão intercultural. Conta, sobretudo, para portugueses e comunidades cabo-verdianas, mas no sentido de saudades da terra. Disse: "gosto muito de me apresentar nos lares, associações, escolas e comunidades imigrantes".

Filipe conta estórias de Minas Gerais, de suas gentes e seres encantados, sobretudo escutadas da sua avó. Conta também alguns contos de autor de Guimarães Rosa, Julio Cortázar, Elsa Bornemann, Gianni Rodari e Ray Bradbury. Conta para todas as idades. Disse: "e assim, hoje, após esses anos de trabalho, procuro contar estórias de todos os tipos e para toda gente de todas as idades".

Do lado dos narradores que contam preferencialmente contos de autor, surge Mateus, que contando para crianças, fá-lo com o livro, mas dá-lhe mais gozo contar para adultos. Conta em bibliotecas, escolas, festivais de narração, mas também festivais onde a narração não é o principal objetivo. Semelhante é o trajeto de Amélia que começou por contar apenas contos de autor e foi, depois, introduzindo contos tradicionais. Conta estórias de Itália,

sobre a história de Itália, até porque conta muito Italo Calvino, o autor de histórias, não tanto o investigador de histórias tradicionais.

Por influência de Cristina Taquelim e António Fontinha, dois dos mais antigos contadores de histórias portuguesas, Carolina conta, como diz: “metade tradicionais e metade de autor”. Tanto conta para um público adulto, como para crianças. Disse: “em todo o lado”, isto é, bibliotecas, escolas, livrarias, festivais, cafés, mas também, em congressos, encontros, etc.

Camila conta vários tipos de histórias, as suas preferidas são as histórias árabes, libanesas, sobretudo. Histórias da sua avó, mas essas só conta uma vez por outra, porque são muito grandes e fá-lo em função do público presente. Conta maioritariamente histórias de tradição oral, mas conta uma ou outra de autor.

Um contador desta pesquisa, Tomé, conta apenas histórias da sua autoria. Este entrevistado apenas narra contos escritos por si.

Roberto, que, para além de contar contos da sua autoria, faz algumas viagens por contos de outros autores, em formatos diferentes, conta tanto para crianças, como para adultos, em escolas, bibliotecas, espaços públicos, lares de terceira idade, espaços culturais e festivais de narração oral.

Das respostas a esta questão, surge a conclusão de que à exceção de um narrador, todos os outros, mesmo contando contos de autor, valorizam a tradição oral, com realce para a sua ancestralidade.

Fizeram um percurso de narrador em Portugal, muito semelhante ao que faz a restante comunidade de contadores de histórias, isto é, contam para todos os tipos de público, nos locais onde habitualmente se realizam sessões de contos, narrando, tanto contos de autor, como da tradição oral.

### 3.3.2 Contar estórias como ferramenta intercultural

Será a atividade de contador de estórias uma ferramenta de trabalho intercultural? Pode uma sessão de contos ser um veículo de divulgação da cultura de origem do contador? Para responder a estas questões, entendemos primeiro perguntar à comunidade pesquisada, se existia, da sua parte, consciência de que, ao contar estórias da sua ancestralidade, estavam a dar a conhecer a sua cultura de origem.

Das respostas recebidas, percebemos que de uma forma geral, sim, os entrevistados entendem que estariam a dar a conhecer a sua cultura de origem, no momento em que contam estórias, porque nesse momento passaria esta a estar presente.

Alguns dos entrevistados entendem que é a cultura de origem que pesa mais, outros a sua história pessoal nessa cultura, mas todos entendem ser claro que a dão a conhecer. Sentimos, ao analisar as respostas, a força e importância que a cultura de origem tem para esta comunidade de contadores de estórias. A forma como foram perentórios nas suas afirmações não deixa qualquer tipo de dúvidas.

Filipe disse:

Os contos ao traçarem sua narrativa principal constroem caminhos e desvios para conseguir inserir e apresentar as personagens e assim trazem as comidas, as danças, as canções e as expressões de um determinado lugar e de sua gente. E isto permite ao narrador rememorar o seu universo e apresentá-lo pintado pelas cores dessas estórias. O narrador tem esse papel de propagador, por meio das palavras, de mundos distantes e personagens desconhecidas.

Carolina disse:

Os contos, eles podem ser universais, os temas, muitas vezes são universais, mas a maneira como eles são escritos, são particulares de cada cultura. Por isso, por exemplo, tem certas estórias, que eu não consigo contar, que eu não estou inserida nessa cultura.

Na mesma linha de pensamento dos anteriores entrevistados, Mateus acrescenta que tem a consciência que passa, sobretudo, imagens, sabendo a responsabilidade que isso acarreta.

A maneira de contar é uma questão importante para Tomé, que nos disse que leva a sua cultura de origem, não tanto no conto em si, mas na maneira de o contar, o que abre um

outro ponto de análise, isto é, não são só os contos, mas também os contadores, com a sua pronúncia, a sua forma de contar, permitem a divulgação da cultura. Essa questão aparece também na resposta de Camila que nos disse que sim, que: “pode não ser através do conto, mas pela minha postura e pela forma como eu faço a dinâmica, porque é muito semelhante à forma como a minha avó fazia, tem toda a parte da introdução da brincadeira, do cric crac”.

Como mencionado anteriormente, não é só a cultura de origem que os narradores contam, é também a sua história pessoal que vem ligada às histórias. Amélia enfatiza esta questão referindo que as histórias se integram na sua história e que acaba por contar o que se passava na sua aldeia. Conta os contos da história de onde vem. Assim, entende que passa a sua cultura e a sua vida. Disse:

A minha cultura de origem e a minha vida, especialmente no sentido... a Itália em que eu vivi, não a Itália da história, a Itália do período histórico em que eu vivi. Por isso, há muitos contos que... que tem muito a ver mesmo com a história dos meus pais, dos meus avós. O período histórico em que eu vivi. Há outros que conto da Itália, mas que eu depois mudo, transfiro para a minha experiência, por isso acabam sempre por contar a minha história. E muitas vezes, começo dizendo: eu venho de Itália, Itália do norte, é uma zona de lagoas, é uma zona de montanhas, vivia numa aldeia muito pequenina... tenho que contextualizar, que é para as pessoas perceberem o que é que eu vou contar, a história do tal senhor que criava galinhas e conto a história do senhor que criava as galinhas e que depois é uma história maluca, completamente absurda. Mas aquele senhor vivia na minha aldeia e criava galinhas e é verosímil. Na minha aldeia havia pessoas que criavam galinhas (...) e então... histórias integram-se na minha história, acabo por contar o que se passavam na minha aldeia.

Da anterior resposta, percebe-se a importância, não só da cultura de origem da entrevistada, mas da sua localidade de origem, como disse, da sua história pessoal nessa comunidade. A forma como ela transporta essa sua história pessoal para as histórias, leva consigo a sua cultura, sejam as histórias mais ou menos universais.

O aspeto sublinhado do depoimento de Amélia surge também na resposta de Roberto que nos disse que gostaria de afirmar que sim, que:

É algo que não consigo controlar. Há quem tente controlar isso e vista os fatos originais e fale do seu lugar e apresente as suas coisas, mas não é isso. Eu não faço de propósito. Bem quando eu conto, conto o Roberto que cresceu na Argentina, viveu no Uruguai, fez família no México. Sim, isso é incontornável, porque vou procurar aí, essa é a minha fonte (...) Eu conto uma história de Julio Cortázar e eu estudei na mesma escola de Julio Cortázar, então posso falar dos contos de Julio Cortázar e me imagino nos mesmos lugares onde ele estava... eu conto uma

estória do México, porque eu andei todo o México... ou posso falar do Uruguai, ou de Bolívia, ou de Venezuela, ou de tudo porque eu vivi aí experiências.

Há, no entanto, contadores que levam a questão um pouco mais longe, não só tendo consciência de que promovem a sua cultura de origem, como necessitam que isso aconteça. São os casos de Cristina, Afonso e Tânia, como se percebe das suas respostas. Cristina não só sente que dá a conhecer a sua cultura de origem, como faz por isso, utilizando termos, saudações e despedidas africanas, quando conta. Afonso percebe, como nos disse: *“nos olhos, a curiosidade”*. Sente que está a dar a conhecer e sente que é muito bem aceite.

Mais clara, Tânia tem a certeza de que isso acontece. Conta a sua experiência e a necessidade que teve de voltar à sua matriz cultural. Enfatiza:

Quando eu percebi que eu já trazia uma matriz cultural, precisei voltar. Então foi esse movimento de voltar e agora atravessar o atlântico, com todas essas coisas... vem da minha matriz cultural, que é identitária e que é afetiva. É uma necessidade de dizer de onde venho.

### **Intenção de dar a conhecer a cultura de origem**

A análise a estas últimas respostas justifica a necessidade e a adequação da pergunta seguinte que nos permitiu aferir se existe, ou não, a intenção, por parte destes imigrantes contadores de estórias, de dar a conhecer essa sua cultura de origem quando narram estórias. O que pretendíamos perceber era se o migrante narrador oral utilizava as estórias como ferramenta para dar a conhecer a sua cultura de origem e isso funcionasse como divulgador dessa cultura e como instrumento de criação de um espaço de interculturalidade.

A esta última questão, recebemos respostas diametralmente opostas, alguns entendem que não, que apesar de sentirem que estão a passar essa sua cultura, não é esse o objetivo, outros, pelo contrário, trabalham exatamente para que isso aconteça.

Tomé disse-nos: "em letras garrafais, não". Roberto também entende não ser propositado.

Dos que ficam pelo meio termo, surge Beatriz, que esclarece que não é uma questão propositada, que não anda à procura disso, no entanto isso acontece, logo desde a escolha do conto, porque, disse: "essa minha cultura foi o que me forjou, que me fez ser o que eu sou". No mesmo sentido, Carolina tem consciência de que quando está a contar um conto brasileiro, está a falar do seu imaginário, mas não julga que seja deliberado. Contar histórias brasileiras faz parte do que é, mas não entende que queira marcar uma posição. Por outro lado, julga importante o papel dos contadores, como disse: "nessa coisa da diversidade, é que, independentemente de ser brasileiro, ser africano, de ser... seja lá o que for, tu dás um contributo, e isso sim, acho que é deliberado, talvez, não é bem deliberado, mas acho que é uma coisa importante... é a diversidade". Conclui que colocar as pessoas frente a frente com a diversidade é importante.

Uma pequena variação surge no testemunho de Camila que também entende que não tem esse objetivo. Foi, no entanto, dando-se conta aos poucos que tinha um ritual. Agora tem essa consciência.

Ainda a meio caminho entre o propositado e o contrário, está a opinião de Amélia que tem como objetivo contar aquilo que a identifica e não sendo um objetivo a promoção da sua cultura de origem, acaba por acontecer a sua divulgação. Espalhar a sua cultura, é inevitável. Disse: "se eu não me espelho na história, se a história não vibra em mim, a história não tem consistência".

Do lado daqueles que já contam com o objetivo de dar a conhecer a sua cultura, surge Mateus, que nos disse que é uma necessidade, uma vez que se sente mais confortável, se enquadrar as histórias que conta na sua cultura de origem. Também Filipe e Afonso entendem a questão da mesma forma. Para Filipe, como disse:

É um objetivo, mas sem disputar espaço com a história. É natural, é fluido. É como falei, a narrativa principal tem seu caminho, sua densidade, mas necessita a todo o momento de ser sustentada. Tal suporte é o contador quem fornece e quando associa isto a sua cultura, a sua tradição cria um lugar de entrecruzamento onde nada é despropositado e para o qual tudo adquire uma fluência belíssima de quem arranca histórias e personagens da memória e as oferece ao público.

Também para Afonso esse é um objetivo. Conta para passar a sua cultura, quando há solicitações para contar nas escolas.

Duas das entrevistadas, Cristina e Tânia, entendem essa questão como central e contam com o propósito de mostrar a sua cultura. Cristina julga que isso acontece, porque está dentro dela e conta o que a emociona. Leva para o público sobretudo contos africanos. Julga que é importante, como disse:

Sobretudo nas crianças, é importante nós passarmos esta interculturalidade, mostrarmos as diferenças que existem nos vários... nas várias partes do mundo, nos vários povos, mas que no fundo nos tornam idênticos, iguais. Há sempre... há certos contos que eu às vezes pesquiso e chego à conclusão de que a humanidade tem toda a mesma origem, a humanidade é uma só, porque, embora, com alguma diferenças a nível das culturas dos vários continentes e países, mas o músculo daquela estória, a raiz, é a mesma. E então eu digo: “a humanidade é uma só” porque as coisas são iguais em todo o lado.

De todos os entrevistados, é Tânia quem mais entende essa questão como essencial. Entende que faz diferença. Faz muita questão que aconteça. Não foi, no entanto, propositado, a princípio. No início era intuitivo, empírico, mas quando percebeu que isto poderia ser também um instrumento político de valorização da sua cultura, passou a ser propositado. Para sublinhar a sua opinião deu-nos o seguinte exemplo:

Então uma jovem me vê e me admira e me vê nesse lugar de falar da tradição oral do meu povo... eu também estou, eu não estou só no estrangeiro falando para os portugueses, ou os espanhóis que ela tem valor, eu estou falando para os jovens da minha cultura, que as vezes não conseguiam enxergar. E como estou num lugar de privilégio, estou no palco principal de um festival enorme, estou numa página do facebook com fotografias maravilhosas, isso acaba também sendo uma forma política de dizer para os jovens.

Entende Tânia que acaba por ser intergeracional também, porque escuta os velhos e, através da sua arte, mostra esse valor aos jovens que, provavelmente, não vislumbram as lavadeiras na beira do rio, como disse: “porque elas têm a inviabilidade do que sempre está no mesmo lugar”. Entende que a sua função é também intercultural, como disse: “porque a interculturalidade não é um caminho, uma linha reta”. Para a entrevistada, a interculturalidade é em espiral, fala de si para o outro, mas também se revisita.

Fica claro, da análise às respostas dos imigrantes contadores de estórias, que havendo, ou não, o objetivo de passar a cultura de origem, todos julgam que, seja pela origem dos

contos, seja pelas características do contador, a sua cultura acaba por passar. Para alguns deles essa questão é central e existe o objetivo claro de o fazer, consubstanciando-se como uma ferramenta de interculturalidade.

### **Receção do público**

Sendo, ou não, objetivo de dar a conhecer a sua cultura de origem, quisemos saber se julgam estes imigrantes que o público das suas estórias entende o seu significado, se percebe essa ligação à sua cultura de origem.

Roberto, de uma forma clara diz-nos que isso não o preocupa, tal como Carolina que sente que não é uma coisa que a preocupe, dizendo que lança as estórias e cada ouvinte faz com elas o que entender.

Os restantes entrevistados julgam que sim, que o público entende perfeitamente, como se depreende da resposta de Beatriz que julga que sim, até porque são temas universais.

Disse:

Eles entendem que é uma estória que é minha porque eu me apropriei dela, mas eu acho que o que é muito interessante, é que eles muitas vezes chegam e falam assim: “eu já ouvi alguma estória parecida com essa”. E aí há uma troca e aí há uma conversa muito interessante, exatamente por isso, porque os temas e principalmente o conto popular, ele está em várias culturas e eles sempre são muito parecidos, né? Pode mudar o jabuti, pela tartaruga.... mas o enredo é... então isso faz com que a minha cultura e o enredo que vem do Brasil, de alguma maneira mexe com a memória do outro, que pode estar por exemplo, no interior de Portugal, numa cidadezinha e vai falar: “a minha avó me contava uma história parecida com essa, só que não era assim, era assado”.

Tânia, que sente as questões da cultura de origem de uma forma muito forte, disse-nos que não faz muitos discursos, também por uma questão estética. Conta os contos de tradição oral, como eles se apresentam e, principalmente para crianças e jovens, porque acha que tem um compromisso estético com o palco e ético com a estória, em que estas se juntam num elemento intercultural. Disse:

Só ético, ele (o conto) não teria um apelo de sedução tão forte, ele precisa da estética. E ele só estético, não teria o campo político que a interculturalidade precisa. Porque é que tem interculturalidade, porque é que a gente estuda interculturalidade? Qual é a razão? Para quê

nós estudamos interculturalidade? Para perceber que a diferença não é má no mundo. O conflito não é provocado na diferença, eu sempre bato nessa tecla, o conflito não é provocado pela diferença, o conflito é provocado pela falta de contato com o que é diferente. Não preciso ter medo de um muçulmano, porque dizem que os muçulmanos soltam bombas.

Amélia acrescenta um outro aspeto que tem a ver com a forma como conta. Disse: “sim, desde logo por mexer muito (com as mãos). Sim, porque, pelo menos alguns contos específicos”. Vários contos seus têm músicas, canções em italiano e alguns até em dialeto.

É perceptível que, dadas as características dos contadores, a que se pode acrescentar as temáticas dos contos, o público que assiste às sessões de contos, entenderá o conto como proveniente da cultura de origem do contador.

Poderá, pois, a arte de contar histórias consubstanciar-se como uma ferramenta de interculturalidade, uma vez que, dando a conhecer a sua cultura de origem, em contexto de sessão de contos, ela passa a estar presente.

Isso acontece, ou seja, a cultura de origem do narrador imigrante está presente nas suas sessões de contos, seja porque estes o fazem propositadamente, contando as suas danças, a sua comida, entre outros aspetos ancestrais, seja pela sua forma de contar, a sua pronúncia, a sua postura, as expressões, seja pela sua história pessoal, que sempre transportam carregada das suas origens, seja ainda porque a matriz cultural que trazem consigo lhes dá a necessidade de contar a sua cultura.

### 3.3.3 Empatia

Seguindo a linha orientadora da pesquisa, acrescentamos um conceito que é, julgamos, central na forma como os contadores e as suas histórias fazem a ligação ao público e na forma como essa ligação poderá consubstanciar-se como ferramenta intercultural. Referimo-nos à empatia. Empatia que é, como nos disse Tânia na sua resposta: “o laço que puxa o ouvinte para o universo do outro”.

Neste contexto, entendemos perguntar aos imigrantes se, na altura em que contam as suas estórias, sentem, ou não, alguma empatia por parte de quem os escuta. A reação a esta questão foi unânime. Sim, sentem empatia por parte de quem os escuta e sublinham essa questão de diversas maneiras.

Camila julga ser impossível chegar ao público sem criar empatia, sem criar uma conexão, seja ela qual for. O contador tem de criar uma ligação, seja ela qual for. Entende Camila que o narrador tem de ter uma escuta muito forte, tem de perceber o público. Se não houver empatia, o espetador não vai criar o vínculo.

Também Beatriz valoriza a empatia de forma muito afirmativa. Julga que: “é uma das coisas que está fazendo falta à sociedade. Porque empatia é colocar-se no lugar do outro”. Pretende mesmo é que o público tenha empatia, se não tem, não há transferência, não acontece a estória. Disse: “Se não, não há sedução”.

Filipe acrescenta que a questão da empatia se sente de uma forma muito forte. Disse:

Sim, sinto bastante. Eu trago sempre a imagem da minha avó e o ambiente da quinta, das comidas, das estórias, dos animais etc. E para a maior parte das pessoas essa forma de apresentar proporciona muita empatia e permite adentrar as estórias e se relacionar comigo de forma mais direta, mais íntima.

Para este imigrante, é a porta, o convite para o público embarcar nessa viagem consigo. Citou Guimarães Rosa: "o universal está no quintal de nossas casas". Diz que conta coisas da sua casa, da sua família, e isso transforma-se numa espiral que cresce e agrega os espectadores, porque, disse: "nos contos há espaços para todos".

Carolina entende que não se passa uma coisa que não se percebe. As pessoas por vezes referem-se às sessões com termos como, aconchego, calor, contacto... entende que contar é um ofício de vínculo, palavra também utilizada já por Camila.

Cristina também sente que sim, que as pessoas ficam agradadas quando conhecem certas coisas que desconheciam da sua cultura.

Afonso disse-nos: “há pessoas que a partir dos contos que me ouvirem, mudaram todo o roteiro turístico, por exemplo”. A empatia deixa-o satisfeito como contador de histórias, porque permite às pessoas ver o outro lado da cultura desconhecida. Na mesma linha, Amélia entende que em alguns contextos tem acontecido que as pessoas fossem, no final da sessão, contar as suas experiências ou histórias pessoais, mostrando empatia e reconhecendo-se nos temas abordados nos contos, como por exemplo a guerra, o contrabando e a emigração.

Todos os entrevistados julgam que sem criar empatia não é possível exercer a profissão de contador de histórias com uma qualidade mínima.

### **Empatia e interculturalidade**

Seguindo o guião que criámos para a entrevista, entendemos aferir, também, a importância que poderá ter a empatia criada com os ouvintes, para que estes possam conhecer a cultura de origem do contador, mas conhecendo e compreendendo, isso possa, de alguma forma, constituir-se como um fator de interculturalidade.

A conclusão que tiramos das respostas a esta questão apontam para que a empatia seja de importância capital, quando se quer contar histórias a uma audiência e sobretudo, para a compreensão de uma cultura de origem quando se está a contar para uma plateia de desconhecidos. A única nota um pouco dissonante foi dada por Amélia, que julga não ser fundamental, embora diga que a empatia ajudou a criar ligações.

Mateus entende que se não houver empatia com os contos, o canal corta-se. Uma vez criada a empatia, a história leva também consigo empatia para outros mundos, para outras Itálias. Acha ainda que a empatia é para os dois lados, o que faz com que tenha prazer em contar.

Para Afonso é uma questão fulcral. Disse:

Quando eu digo que aquela casinha de pedra com cobertura de palha, pá... eu estou a ver aquela casinha... é estranho que eu estou a ver aquela casinha, aquele telhado de palha e tenho

a noção, que se houver empatia, quem escuta também está a ver aquela casinha, aquele telhado de palha.

Carolina sente a empatia dos seus ouvintes pela sua cultura de origem. Acha aliás que:

Abre para a diversidade. Aí sim... não é uma coisa que é uma finalidade, é uma coisa que acontece no processo. E sinto muito também não só nas estórias ... esse jogo, mas também há uma coisa que eu ouço muitas vezes, que é a questão da musicalidade da voz, da forma como se conta... Eu acho que sim. Eu acho que tudo o que te abre para a diversidade, tudo o que diz assim: "Olha o mundo é grande, o mundo é... é... é espantoso", isso tudo é positivo.

Um outro aspeto importante percebe-se das respostas dos entrevistados Cristina e Roberto, que tocam na temática de uma forma diversa e que se prende com a diferença e a compreensão do que é diferente.

Cristina julga que é muito importante a empatia quando se pretende a interculturalidade, porque, segundo ela: "não se ama aquilo que não se conhece". Julga que, para as pessoas aceitarem melhor os que vêm de fora, tem que se lhes dar a conhecer. As pessoas têm de saber como vivem, como pensam. Disse: "só conhecendo é que nós podemos aceitar". Julga que quando não se conhece o estranho há a tendência de o manter à distância. Disse ainda: "eu gostaria de ter mais... mais atividade, porque acho que era uma missão que eu queria desempenhar... era unir povos e culturas".

Roberto disse que as estórias lhe salvaram a vida. Quando chegou a Portugal, ninguém sequer respondia a um cumprimento. Quando começou a contar, primeiro na rua, depois na biblioteca, já todos o cumprimentavam e até sentiram a sua falta, quando deixou de lá contar. Ainda hoje encontra pessoas, algumas daquelas que antes não o cumprimentavam, que o abordam, questionando por não saberem nada dele.

Roberto sente que:

O contador, nesse sentido é como um portal... uma passagem. O contador consegue transmitir de forma emotiva... de forma honesta e sentida, que esteve na selva, olhava para o céu e via essas estrelas e tudo isso, eu sinto e também sinto que as pessoas sentem isso como se nesse momento, estamos todos lá. É como se se abrisse um portal e (fez o gesto de entrada nesse portal). Penso que estão ali através de mim, não necessariamente comigo. Eu, quando estou a contar, sinto que ganho a empatia das pessoas, que as pessoas gostam do que eu faço, gostam das estórias, mas eu tenho detetado que é mais essa possibilidade de viajar aos outros mundos, através de mim.

Esta questão é muito importante para Tânia, para quem o narrador consegue favorecer os elementos empáticos, se tiver clareza de conto, ciência da técnica, domínio da arte. Julga a entrevistada que mesmo que nunca tenha estado no lugar a que se refere o conto, pela voz do narrador, o público vai sentir vontade de estar nesse lugar. É, pois, esse momento empático que faz com que o ouvinte goste de ouvir e como disse: "venha de carona e... pá, apresento a minha cultura".

Tânia tenta justificar que o que mais favorece a relação intercultural mediada pelos contos é a empatia que os contos provocam. Disse:

Um miúdo que nunca foi ao Brasil, por exemplo, e nunca viu um jabuti, que é um dos contos que eu conto, nunca viu um jabuti, mas ele consegue ter apreço por um animal que nunca viu e não sabe como é. "A empatia é o laço que puxa o ouvinte para o universo do outro".

Analisando as respostas recebidas às perguntas sobre a empatia, entendemos que esta é uma questão muito importante, consubstanciando-se como argamassa que liga o contador, a história e o público e que, como nos disse Tânia, esta ligação favorece uma relação intercultural quando se trata de um contador imigrante, contando para um público desconhecido numa sociedade de acolhimento.

Entendemos sublinhar três frases que resumem, julgamos nós, a importância da empatia na relação que um contador de histórias tem com o público, tornando-se ainda mais central, se o contador for imigrante, trazer uma cultura diversa e entender dá-la a conhecer: "A empatia é o laço que puxa o ouvinte para o universo do outro", que nos disse Tânia; "não se ama aquilo que não se conhece", que nos disse Cristina; "só conhecendo é que nós podemos aceitar", que também nos disse Cristina.

### 3.3.4 Contador de histórias, instrumento de interculturalidade

Ser contador de histórias pode ser um fator importante para a sua integração na sociedade portuguesa? Esta foi a questão seguinte. Pretendemos, nesta questão, analisar como um todo a arte de contar e o próprio contador, se também este se pode consubstanciar como

ferramenta que contribua para sua integração, isto é, se ser contador é, ou não, uma vantagem no processo de integração.

Esta questão aplica-se de uma forma diversa aos entrevistados que apenas se cruzaram com a narração oral, depois de estarem a viver em Portugal. De entre eles, Cristina, que apenas se cruzou com as histórias muito tempo depois de estar em Portugal, entende que essa questão não se lhe coloca. Mateus é de opinião de que pode ter uma importância positiva, dizendo que se trata de uma vantagem, por ser diferente. Não sabe, no entanto se é uma porta de entrada para a integração. Amélia, também ela já em Portugal aquando do seu contato com a arte de contar, julga que, mesmo não sendo o fator fundamental na integração, foi outra maneira de se integrar.

Camila pensa de uma forma divergente dos restantes. Julga ela que não. Diz que é uma profissão que provoca estranheza. Esta é a sua profissão, mas como profissão, ainda tem, segundo ela, um caminho grande a fazer, pelo público, mas também pelos narradores, embora realce que tem melhorado.

Tomé fala da importância que tem o comprometimento que o contador possa ter com o seu trabalho, no entanto, acha que são: “só vantagens, porque a sociedade portuguesa tem uma grande simpatia pela arte, seja ela popular, ou não”.

Com uma opinião de que é um claro fator facilitador de integração surge Carolina que diz perentoriamente:

Sim, já respondi. Através dos contos, eu conheci Portugal profundamente. Através dos contos, eu mergulhei nesse país, mergulhei nas pessoas, mergulhei naquilo que... e pá... eu nunca teria feito isso, se não fossem as histórias se não fosse esse trabalho, nunca... e também nunca teria estabelecido o nível de vínculo que estabeleci com as pessoas, os lugares, se não fosse a narração.

No mesmo sentido, também Beatriz julga que sim. Exatamente por causa da empatia. Disse-nos: “se o ouvinte tiver empatia com aquele contador, ele está integrado”. Julga que é conhecida como a brasileira que conta histórias, mas isso não importa, o importante é que é positivo. Também Filipe entende que sim, que ser contador de histórias é um fator de integração. Disse-nos:

O contador tem olhos e ouvidos atentos para quaisquer estórias e narrativas. Seja em livrarias e bibliotecas ou em praças e tascas. Tenho um interesse enorme em conhecer gente e ouvir suas estórias, tanto que nos últimos tempos desenvolvo um trabalho para além da recolha de estórias tradicionais. Quero a história da pessoa, geralmente trabalho com os idosos e quero recontá-la para eles, para a sua família e amigos, quero que ouçam e revivam certos acontecimentos de suas histórias por meio de outra voz.

Indo ainda mais fundo na questão, surgem as respostas de Afonso, Roberto e Tânia. Afonso disse-nos: “sendo imigrante, integrado e com espírito de pertença, sendo a arte ancestral de narração oral, a cultura de educação pelos direitos humanos, tenho utilizado esta ferramenta no processo de inclusão e integração que através da partilha facilita a reflexão intercultural”.

Roberto repetiu o que nos disse na resposta anterior: “as estórias salvaram-me a vida”.

Enfatizando esta questão, deixamos aqui praticamente na íntegra a resposta de Tânia, que nos disse:

Muito, muito, muito. Eu já trago um cartão-de-visita, muito favorável, isso é uma convenção. (...) ainda não estive numa sociedade em que não visse um narrador oral que não fosse alguém que você não quisesse estar perto. É quase um arquétipo, é assim: “é boa gente, ah, ele é contador de estórias, ele é boa gente”. É verdade que os contadores de estórias são todos humanos e brigam e... têm vaidades e... mas de uma forma geral tem... o facto de ser contador de estórias coloca num lugar especial no mundo. Mas isso tem um senão. Isso coloca você em um compromisso que é um lugar de poder. Isso coloca você com um compromisso, ético, intercultural e de desenvolvimento humano muito forte. Porque como é um lugar de poder, você pode usar, como tudo nesse mundo, você pode usar o poder para o bem, ou para o mal. Então, ao mesmo tempo que é muito bom ser narrador, porque ele confia, ele te acha boa gente, ... já é um cartão de visita muito bem apessoado, ele te coloca num lugar... mas ele te coloca num lugar de cuidar de... de tudo, com um repertório que se traz, do que se diz, com o não invadir a cultura do outro também, porque quando eu chego com... os contos são elementos interculturais, então jamais eles são apresentados como elemento invasivo. Não se chega a casa do outro, a não ser que sejam os invasores, não se chega a casa do outro... os indígenas têm uma cultura de dizer que você tem que respeitar quem chegou primeiro, quem chegou primeiro naquele espaço, quem chegou primeiro no país, quem chegou primeiro na vida, por isso você tem que ter extremo respeito com velhos. Respeito por quem já estava, quem chegou primeiro, então a minha cultura também. Porque é muita interculturalidade, porque você tem que aceitar o outro... não pode vir também assim de um jeito invasivo. Por isso é que o elemento empático faz sentido, porque o elemento empático, ele não é invasivo, ele... quando eu conto um conto, eu vou nas fendas do outro, nas suas... nas suas fissuras, que eu não tenho nenhuma ideia de onde tou indo. O narrador oral, ele abre portas.

Apesar de alguns dos entrevistados, de alguma forma não valorizarem demasiado a questão, nas nossas conclusões enfatizamos o que nos disse Tânia, “ainda não estive numa sociedade em que não visse um narrador oral que não fosse alguém que você não quisesse

estar perto. É quase um arquétipo, é assim, é boa gente, ah, ele é contador de histórias, ele é boa gente”. Também o que disse Beatriz: “se o ouvinte tiver empatia com aquele contador, ele está integrado” e o que disse Tomé: “só vantagens, porque a sociedade portuguesa tem uma grande simpatia pela arte, seja ela popular, ou não”.

Estas ideias também partilhadas nas anteriores questões pelos outros entrevistados deixam claro que a empatia que o contador cria com os seus ouvintes pode ser uma poderosa ferramenta de interculturalidade, uma vez que quando o ouvinte criar empatia com o contador, poderá ser um canal de interculturalidade, se este a promover, como alguns deles fazem questão de fazer.

### 3.3.5 Contador de histórias como mediador intercultural

À luz dos nossos objetivos investigativos, entendemos formular a seguinte pergunta: será que o contador de histórias promove, ou pode promover, espaços de interação, ou mais especificamente, de mediação intercultural? As respostas a esta pergunta surgiram todas na mesma direção, verificando-se uma unanimidade na forma como julgam estes entrevistados que podem constituir-se como mediadores interculturais.

Beatriz disse ter a certeza que sim. Julga que a empatia tem força total dentro da questão intercultural. Deu, inclusive, um exemplo que sublinha a importância dessa questão. Referiu o caso de Bonifácio Ofogo, contador de histórias camaronês, que foi contratado, durante muitos anos pelo governo de Madrid, para trabalhar nos centros onde estavam imigrantes, mas também espanhóis, para contar histórias e potenciar a interculturalidade.

Também Cristina tem essa certeza, disse-nos sem hesitar “eu não acho, eu tenho a certeza. Eu tenho a certeza de que sim, que quando nós contamos, eu da minha cultura, outros contadores das suas culturas, que se passa algo da nossa cultura, damos a conhecer e que isso é muito importante. Eu tenho a certeza que sim”.

Na mesma linha, disse-nos Mateus que julga que sim, acrescentando que: “as histórias não são *mainstream*, mas fazem parte do panorama cultural alargado que vai desde o bailado, ao teatro e não sei quê... ao ter diferentes vozes e os contadores são mesmo vozes, acho que ajuda... acho que o sotaque... contos com diferentes sotaques... ajuda”. E acrescentou: “não sei se isto é intencional, mas é uma ferramenta de trabalho mais socioeducativa, não necessariamente do contador, mas uma ferramenta de trabalho que contribui diretamente para a integração”.

Também Carolina julga que sim: "em primeira pessoa". Pode ser de uma forma mais profunda, ou, segundo ela: "mais à *rasinha*". No seu caso acha que sim, de uma forma muito profunda.

Camila diz, também, que sim. De toda a maneira, em todos os espaços, em alguns lugares, para algumas pessoas, porque quando ela conta histórias, às vezes as pessoas dizem: “Ai vem do Brasil, histórias brasileiras. A história nem é do Brasil, mas ao ouvir, a pessoa cria uma identificação”.

Para Amélia, é um fator de relação que se cria através da partilha de intimidade, disse-nos: “histórias que falam de nós, da nossa história, da nossa cultura, facilitam, humanamente, a aceitação do outro e a interculturalidade”.

Não destoando das restantes opiniões, Filipe também entende que sim e centrou a ideia em si e na sua decisão de mudar a sua morada, fazendo com que levasse consigo, como disse: "mais do que bagagens". Entende Filipe que o artista leva consigo também um modo de olhar, de ver e de sentir. Leva a vontade de integrar a partir da arte, procurando interseções, em vez de divisões. Disse-nos que desta forma: "é natural que promova encontros nos quais as culturas podem se agregar e percorrer caminhos entrelaçados".

Para Afonso, a criação de empatia na partilha facilita o diálogo intercultural, objetivando uma maior compreensão e tolerância social, pelo que não tem dúvidas que sim.

Com a mesma convicção dos restantes entrevistados, mas com um discurso mais entusiasmado, Tânia disse-nos que tenta falar disso no seu trabalho, tenta provar isso no

seu trabalho acadêmico, sabendo que os contadores ancestrais andavam de aldeia em aldeia, contando contos. Sublinha que o contador é aceite porque historicamente isso já acontece há muito tempo. Sublinhou ainda que:

Não só os contos são instrumento de mediação intercultural, mas o próprio narrador. Ele, seu corpo, seu espírito, sua memória. Ele, não... é muito complicado isso. Não é o instrumento do corpo só, ele próprio, também é um elemento, não só os contos que ele carrega, entende? Ele próprio, porque ele carrega com todo o corpo, ele carrega uma vestimenta, ele carrega uma forma de falar... o brasileiro já chega, já abraça, já beija e isso, eu aprendi, isso eu entendi... e isso é intercultural... então, esse narrador também traz esse corpo, que fala e que interage, que convive.

Roberto foi ainda mais longe e disse-nos que entende que o contador de estórias pode fazer parte de algo maior. Lembra a figura de mediador e que o contador de estórias pode constituir-se como esse mediador intercultural. Dá o exemplo do México, em que contadores são contratados para juntar as comunidades mexicanas em diferentes países. Disse-nos: “eu penso que o contador de estórias que chegue de fora e que ganhe, digamos, algum reconhecimento, alguma presença, pela qualidade do seu trabalho, ganha de alguma forma alguma ascendência sobre as pessoas que são aí a ouvi-lo”.

Depois de ouvir as onze respostas que os imigrantes contadores de estórias nos debitaram, concluímos que, segundo eles, o contador de estórias pode constituir-se, em contexto migratório, como alguém que promove espaços de interação positiva e de dinâmicas de interculturalidade.

Julgam os entrevistados que a empatia tem uma importância central nas questões interculturais e é por ela que os contadores transportam o ouvinte para a sua cultura.

Entendemos das suas respostas que o contador de estórias pode, como nos disse Roberto, “fazer parte de algo maior”, no contexto de integração, servindo de mediador intercultural.

"É natural que promova encontros nos quais as culturas podem se agregar e percorrer caminhos entrelaçados", disse-nos Filipe, referindo-se ao contador de estórias imigrante.

### 3.4 POLÍTICAS DE INTERCULTURALIDADE

Chegados à última questão elencada no guião das entrevistas, na qual solicitámos aos imigrantes contadores de estórias que nos sugerissem políticas que pudessem utilizar a narração oral e os contadores de estórias, como agentes de interculturalidade. Deixamos aqui as suas opiniões.

Tânia é de opinião de que será importante uma política de ampliação do conhecimento e de divulgação da arte de contar, como um elemento de desenvolvimento humano. Tem plena convicção de que a arte e suas linguagens são o caminho mais elementar, curto e direto para favorecer a interculturalidade.

A narração oral ainda tem outra especificidade, porque tem o narrador da tradição e tem o narrador artista, que sobe ao palco, que vai a festivais, que conta. Essa arte também usada no cotidiano na mãe que conta, na avó que conta, na tia que conta, na educadora que conta, nessas pessoas que também contam estórias e que estão no cotidiano, que estão a ampliar as políticas de favorecimento, porque disse: “os contos são um forte elemento intercultural”.

No que toca ao contador imigrante, é importante o favorecimento de um campo de atuação. Como disse: “políticas que pudessem valorizar a presença da narração oral, como instrumento intercultural, também favoreceria o narrador imigrante”

Para Camila seria importante ter um espaço, ou atividades regulares, também com outros tipos de contadores, tal como no Brasil, onde haja acolhimento de refugiados, onde eles possam falar das histórias deles, onde mostrem a sua música, onde ensinem o seu idioma de origem.

Investimento na atividade e no contador de estórias é o que protagonizam alguns dos entrevistados, como Cristina, que julga que esse investimento passa pelos apoios materiais para que os festivais possam ter contadores de diversas culturas.

Mateus entende ser importante promover a recolha e valorização das estórias que estão, como disse: "nas pessoas que estão aqui em redor". Julga que o contador estrangeiro pode

abrir o caminho para a interculturalidade trazendo quem escuta para o contexto da diversidade.

Carolina entende que a primeira tarefa é valorizar o ofício de narrador. Depois sim, criar canais de atividades regulares em escolas, bibliotecas, etc.

Para Amélia, seria importante o investimento em formação sobre narração, bem como a organização de encontros, para partilha de estórias de vida, que poderão acontecer em contextos comunitários, como bibliotecas, centros culturais, escolas, entre outros. Encontros de recolha e partilha, de intercâmbio entre várias comunidades nacionais e estrangeiras.

Incluir o contador de estórias e a sua arte de contar no contexto escolar é o que gostariam que acontecesse Roberto e Afonso. Este último julga que se deveria incluir os contadores de estórias no Plano Nacional de Leitura e no programa escolar. Integrá-los na programação das bibliotecas escolares, municipais, nas instituições sociais e culturais, associações e bairros sociais.

Roberto entende que o sistema educativo, pelo menos nos primeiros anos, deveria ter um tempo para falar das características de outras culturas e convidar imigrantes para falar das suas terras. Julga que há pouco interesse por parte das escolas em aprofundar conhecimentos das práticas culturais das crianças que estão na escola e que não nasceram em Portugal.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empatia que o contador de estórias cria com os seus ouvintes, numa sessão de contos, é uma poderosa ferramenta de interculturalidade, uma vez que se consubstancia como a argamassa que liga o contador, a estória e o público. Uma vez que a empatia é uma das armas do contador de estórias, ela pode ser utilizada como ferramenta para a interculturalidade, quando um contador de estórias imigrante narra para um público desconhecido, na sua sociedade de acolhimento.

A pesquisa sobre imigrantes contadores de estórias, integração e interculturalidade, permitiu aferir a importância dos contadores de estórias e nomeadamente dos contadores de estórias imigrantes, nas questões de integração.

Como nos disse Beatriz, “se o ouvinte tiver empatia com aquele contador, ele está integrado”. Também Tânia entende que, numa sessão de contos, o momento empático faz com que o ouvinte goste de ouvir e: “venha de carona e... pá, apresento a minha cultura”.

Fica claro do que nos disseram os entrevistados, a noção de que as estórias podem ser um veículo de trabalho intercultural, como também se percebe, das suas opiniões, que o contador de estórias imigrante se pode, ele próprio, constituir como uma ferramenta de interculturalidade.

A primeira conclusão a tirar da análise aos dados recolhidos nas entrevistas que fizemos aos onze imigrantes contadores de estórias é que, à medida que as perguntas se foram aproximando dos aspetos centrais na pesquisa, isto é, das questões que têm que ver com a narração oral e com a possibilidade das estórias, mas também do narrador, serem possíveis veículos para a interculturalidade, mais unânimes foram surgindo as respostas.

### **Percursos dos imigrantes contadores de estórias**

Dos onze entrevistados, apenas quatro decidiram emigrar para Portugal com o objetivo de se dedicarem à narração oral como profissão. Para outros dois deles, embora a principal razão para a emigração não fosse contar estórias, sabiam que o fariam, uma vez que já

exerciam essa atividade no país de origem. Assim, apenas aqueles que já emigraram como contadores de histórias tinham a expectativa de contar histórias em Portugal. Quanto aos restantes, não tinham sequer ideia do que se tratava essa atividade. Para que estes últimos criassem uma ligação à arte de narrar histórias, julgamos importante ressaltar o papel da Biblioteca Municipal de Oeiras. Esta Biblioteca foi a porta de entrada na área da narração oral, para vários dos contadores participantes na presente pesquisa. Sublinhamos o caso de Mateus que se inscreveu numa formação de narração oral, da Biblioteca Municipal de Oeiras, segundo ele, como uma “desculpa para ter mais um contacto com o português”.

Uma vez criada a ligação à narração oral de histórias, os trajetos destes entrevistados, como narradores em Portugal, com pequenas variantes, seguiram um caminho semelhante ao dos outros contadores de histórias que exercem a sua atividade no país. Começaram a participar na dinamização de bibliotecas, a contar em lares de idosos, cafés, festivais de narração oral e em alguns casos, como Afonso, na criação de laços com a sua diáspora. Quanto às histórias que contam, tanto contam histórias da tradição oral, como contam contos de autor.

A maioria dos narradores entrevistados conta em Português e quando isso não acontece percebem que os portugueses os compreendem, sendo essa uma das facilidades que um contador de histórias imigrante sente ao exercer a sua atividade em Portugal. A ligação que presentemente os entrevistados têm com o país de origem é a que resulta das notícias que sobre ele continuam a acompanhar. Estão bem em Portugal e não pretendem sair do país.

### **Boa integração dos contadores de histórias imigrantes**

Quando abordam as questões da sua integração na sociedade de acolhimento, os entrevistados indicam palavras como integrado, adaptado e acolhido, para se referirem à sua situação, mas todos, sem exceção se sentem bem integrados. Houve até quem tivesse a certeza de que seria mais complicado sentir-se, presentemente, integrado no seu país de origem.

Quanto à regularização da situação em que se encontram em Portugal e dentro dela, se consideram obter a cidadania portuguesa, concluímos que alguns dos entrevistados têm

cidadania portuguesa, seja por casamento com cidadão português, seja por ascendência portuguesa, no entanto a sua quase totalidade entende que não é uma ideia que os faça perder muito tempo. Obter a cidadania portuguesa não é uma prioridade, para os que não a têm, nem uma questão muito importante para esta comunidade, sublinhando alguns deles que pode facilitar em alguns aspetos, mas não é assim tão pertinente.

À nossa pergunta, Tânia respondeu da seguinte forma: “na história da humanidade a divisão de fronteiras já causou muita dor, a gente não pode esquecer disso. Então, o facto de você ter que, oficialmente, legalizar-se num país, na minha opinião é perfeitamente coerente, eu não vejo coerência é de você pedir para ser cidadão”. Roberto disse-nos: “Depois de vinte anos fora do meu país e de ter passado por várias culturas já não sinto pertença a nenhum lugar. A minha cidadania é ser migrante”.

Mais do que a cidadania, a totalidade dos entrevistados entende ser importante ter a sua situação regularizada. Todos têm, pelo menos, autorização de residência em Portugal.

### **Positiva avaliação de Portugal como país de acolhimento de imigrantes**

A avaliação de Portugal como país de acolhimento de imigrantes é muito positiva, mas apesar disso, há aspetos a ter em conta na análise à forma portuguesa de acolher, sobressaindo, desses aspetos: a proveniência do imigrante; a sua condição sociocultural; o local onde o imigrante se instala; a atividade que ele venha realizar; o momento da história em que isso aconteceu.

Todos estes fatores devem ser tidos em conta na avaliação, porque fazem variar o entendimento que o imigrante tem de Portugal como país acolhedor de imigrantes. No entanto, é de concluir que, não obstante alguns aspetos menos positivos, Portugal é um exemplo em termos de acolhimento e a evolução ao longo dos anos tem sido muito positiva.

### **Contador de estórias como fator facilitador de integração**

Dos fatores que podem ter dificultado, ou facilitado na integração dos entrevistados, surgem o choque cultural, a burocracia e a língua, como questões que dificultaram a

integração na sociedade portuguesa e a resiliência pessoal, a vontade de conhecimento de pessoas e locais diferentes e a própria sociedade portuguesa, como aspetos facilitadores.

Há, no entanto, uma questão central que surgiu, para os que já vinham contadores de histórias. O facto de estes entrevistados serem contadores de histórias facilitou, segundo eles, a sua integração. Como nos disse Roberto: “As histórias salvaram-me a vida”. Disse, também, que: “foi sem dúvida uma ponta de lança para abrir caminho, o carácter social do ofício de contador de histórias”. Tânia disse-nos que ser contadora de histórias: “é algo que te bota perto de alguém muito bom”.

### **Narração oral, bom veículo de demonstração e manutenção de práticas culturais**

A influência das práticas culturais que os contadores traziam do seu país de origem e a forma como elas se mantiveram, ou não, na sociedade de acolhimento, foi objeto de análise. Aferimos as questões que têm a ver com: as dificuldades em mantê-las em Portugal; as estratégias utilizadas para o fazer; se as tiveram que alterar no processo de adaptação ou integração; se a sua ligação às histórias teve alguma influência na forma como puderam reproduzir as suas práticas culturais.

No que toca às dificuldades, surgiu nas respostas uma grande amplitude, desde aqueles que nos disseram que as práticas culturais que traziam não eram assim tão diferentes, até aos que apontaram o choque cultural como responsável pelas dificuldades. Para os que sentiram dificuldades, as estratégias utilizadas foram a resiliência pessoal e a adaptação. Quanto ao terem, ou não, alterado as suas práticas culturais, aqui surgiu unanimidade, não alteraram os entrevistados nada das suas práticas culturais, sublinhado pelo que nos disse Carolina: “eu acho que Portugal mudou mais do que eu”.

Para a esmagadora maioria, o serem contadores de histórias contribuiu claramente para a forma como lhes foi mais fácil utilizar as suas práticas culturais. Sublinhamos o que nos disse Beatriz “as histórias estão carregadas da minha cultura... então eu estou trazendo toda uma cultura, com a minha palavra, com o meu corpo, com o meu jeito”.

### **Narração oral como expositor da cultura de origem**

Quando analisamos a narração oral por contadores imigrantes, temos que forçosamente abordar a forma como estes utilizam os contos da sua cultura ancestral. Se o fazem como forma de dar a conhecer a sua cultura de origem, se o público das suas sessões entende esses contos como sendo histórias que o contador trouxe do seu país, se esses contos criam empatia com o público.

As conclusões que tirámos apontam para que, quando contam as suas histórias, os narradores estão a dar a conhecer a sua cultura de origem, essa é uma opinião unânime. Seja pela história que contam, que pode ter aspetos próprios da sua cultura de origem, seja pela forma como contam, pela pronúncia, pelo enquadramento que fazem, a opinião dos entrevistados é que sempre dão a conhecer essa cultura que os forjou, no momento da narração oral.

Quanto à forma como o público recebe os contos, se entende essa cultura que o contador carrega consigo, concluímos que sim, que o público percebe essa ligação, pelas mesmas razões anteriormente mencionadas. O contador traz consigo de um outro país todo um tipo de características que empresta ao conto, seja ele de autor, tradicional, mais, ou menos universal.

Se é propositado, isto é, se o contador de histórias tem o propósito de passar a sua cultura, de a dar a conhecer, essa é uma questão que separa os nossos entrevistados. Para uns, isso não é uma questão, sequer um pensamento que lhes tenha ocorrido, para outros, é uma questão central e dos que têm a clara intenção de mostrar a sua cultura de origem, sublinhamos o que nos disse Tânia, que enfatiza: “quando eu percebi que eu já trazia na matriz cultural, precisei voltar, então foi esse movimento de voltar e agora atravessar o Atlântico, com todas essas coisas, vem da minha matriz cultural, que é identitária e que é afetiva. É uma necessidade de dizer de onde venho”.

Propositado, ou não, todos entendem que mostram a sua cultura de origem, quando contam histórias em Portugal.

### **Empatia, um canal direto à interculturalidade**

O contador de estórias vive da empatia que cria com o seu público, do vínculo que cria com ele e, naturalmente, os entrevistados dão à empatia criada com os ouvintes uma grande importância. Também perante esta questão, os narradores unem-se numa mesma resposta. A empatia é muito importante para o contador. Recebemos opiniões que indicam o contador como “um portal, uma passagem”, como a forma de “vínculo”, sempre ligando a empatia ao sucesso que o contador alcança perante uma plateia.

A questão central era perceber a utilização dessa empatia como veículo para dar a conhecer a sua cultura de origem, isto é, ser ferramenta de interculturalidade e essa questão ficou muito bem explicada nas respostas de alguns dos entrevistados. Sim, a empatia permite ao indivíduo colocar-se no lugar do outro, permite criar vínculos entre o público numa sessão de contos e o narrador imigrante.

### **Contador de estórias, um mediador intercultural**

Quando se abordou a questão de a arte de narrar ser uma potencial ferramenta de integração e a possibilidade de o contador de estórias imigrante facilitar na sua própria integração na sociedade portuguesa, concluiu-se que sim, que ser contador de estórias foi um fator importante na sua própria integração na sociedade portuguesa.

Conclui-se, ainda, que não é apenas a arte de contar, ou as estórias que se consubstanciam como ferramentas, também o próprio indivíduo, o imigrante contador de estórias é um instrumento que potencia a sua própria integração. Foram todas as respostas no sentido de que o imigrante, enquanto contador de estórias, pode ser um mediador intercultural.

Para esta conclusão, contribui muito o papel da empatia, como disse Tânia, que resumiu a sua importância, quando disse: “a empatia é o laço que puxa o ouvinte para o universo do outro”. Tânia acrescentou: “não só os contos são instrumentos de mediação cultural, mas o próprio narrador. Ele, seu corpo, seu espírito, sua memória”.

O próprio estatuto do contador também contribui para esta questão como, também, nos disse Tânia, a este propósito: “ainda não estive numa sociedade em que não visse um narrador oral que não fosse alguém que você não quisesse estar perto”.

### **Políticas para utilização do contador de estórias como ferramenta de interculturalidade**

Os imigrantes contadores de estórias entendem que se poderão criar políticas que valorizem o contador de estórias e, dentro destes, os contadores de estórias imigrantes. Entendem, ainda, que devem ser criadas políticas que valorizem festivais de narração oral, onde se possam cruzar culturas, através de contadores que narrem estórias da sua ancestralidade.

De entre as sugestões dos entrevistados, sublinhamos também as propostas de levar o contador de estórias para o contexto escolar, bem como para os espaços onde o multiculturalismo é evidente e se pretende atingir a interculturalidade.

Salientamos também o incremento da formação na atividade de contador de estórias e a sua valorização, tal como, a recolha de estórias de diversas culturas, junto de imigrantes, sejam eles contadores de estórias, ou não.

### **As estórias, a arte de contá-las e o contador, fatores potenciadores de interculturalidade**

Podemos concluir, assim, que para a esmagadora maioria dos entrevistados, ser contador de estórias em contexto migratório foi uma vantagem e que pode o imigrante contador de estórias ser ele próprio uma ferramenta na luta pela interculturalidade, que pode o imigrante contador de estórias contribuir para a mediação intercultural.

Deixamos aqui o que nos disse Roberto: “o contador de estórias pode fazer parte de algo maior”, pode ser um mediador intercultural.

Filipe disse: “é natural que promova encontros nos quais as culturas podem se agregar e percorrer caminhos entrelaçados”. Uma promoção de encontros e laços, ou vínculos, que são elos da corrente multicolor, que se urge formar. O imigrante contador de estórias, através da empatia que cria com o ouvinte, no momento performativo de narrar estórias, pode, como mediador intercultural que é, entrelaçar caminhos e juntar culturas.

### **Propostas para futuras investigações**

Na pesquisa que deu origem ao presente trabalho, vislumbrámos alguns aspetos que julgamos poderem ser aprofundados e por essa razão entendemos propô-los como temática para eventuais futuras pesquisas, designadamente:

A importância do apoio que as comunidades transnacionais prestam aos imigrantes que chegam a Portugal.

O acolhimento da sociedade portuguesa à comunidade de imigrantes em Portugal à luz da influência de diversos contextos. Como afluíram alguns dos entrevistados, há diferenças nas formas de acolhimento, consoante sejam diferentes: os locais do país para onde emigram os indivíduos; as condições socioculturais dos imigrantes; a origem do imigrante; a atividade que o imigrante vem desenvolver em Portugal.

A evolução da forma como a sociedade portuguesa foi, ao longo dos tempos, acolhendo os imigrantes.

A importância da empatia nas relações interculturais.

A adaptação e integração, na sociedade portuguesa, dos filhos de imigrantes.

A possibilidade de os imigrantes se constituírem como mediadores interculturais.

A interculturalidade no sistema de ensino português.

O acolhimento da sociedade portuguesa aos imigrantes que exerçam uma atividade artística.

A influência que as práticas culturais da sociedade de acolhimento tem na integração dos imigrantes.

A capacidade dos portugueses em adaptar-se às línguas estrangeiras, nomeadamente, o esforço por entendê-las.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Ruhena Kelber; Duarte, Marisol Maiche (2017). *O papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem da criança com deficiência*. Revista UNIABEU, V.10, Número 24.

ABRANCHES, Maria (2007). *Pertenças fechadas em espaços abertos: estratégias de (re)construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal*. Lisboa: ACIDI.

AGUALUSA, José Eduardo (2010). *Milagrário Pessoal*. Dom Quixote.

ALMEIDA, Mikahely dos Santos; SOUSA, Maiza Duarte & MACEDO, Moacir (2016). *Storytelling: Moviment*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Católica de Brasília, DF.

ANTAL, Ariane Berthoin & FRIEDMAN, Victor (2003). *Negotiating Reality as An Approach to Intercultural Competence*. Discussion Paper SP III 2003-101.

BARREIROS, Pedro (2010). *Associativismo e práticas culturais como veículo de integração dos imigrantes*. Universidade Fernando Pessoa. Porto.

BUENO, Francisca Izabel da Silva (2008). *A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra*. Universidade Regional Integrada – Campus de Erechim/URI. Tese de mestrado.

BUSATTO, Cleomari. (2005). *Narrando histórias no século XXI – Tradição e ciberespaço*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

BUTCHER, Margaret & HAGGARD, Carrol. (2007). “*A Comparison of Ethnocentrism in University Students In China and the United States*”. National Communication Association.

CAFÉ, Ângela Barcellos. (2000). *Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores*. Universidade Estadual de Campinas- Unicamp.

CAPRINO, Mônica & PERAZZO, Priscila (2001). *História oral e estudos de comunicação e cultura*. Revista Famecos Mídea, Cultura e Tecnologia.

CARMELO, Luís Correia (2016). *Narração Oral: uma arte performativa*. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Serviços.

CARMO, Hermano & FERREIRA, Manuela Malheiro (2015). *Metodologia da investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 3ª ed.

CARVALHO, Márcia Evelin. (2015). *Afinal, quem é esse contador de histórias? Reflexões, dinâmicas e exercícios que estimular a sua descoberta*. Universidade Federal do Piauí, Teresinha.

CERTEAU, Michael de (1998). *A invenção do Cotidiano*. Editora Vozes.

CONSTANTINO, Núncio Santoro de (2006). *Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes*. Estudos Ibero-americanos. PUCRS, v. XXXII, nº1. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1300/1005>.

DONG, Qingwen; DAY, Kenneth & COLLAÇO, Christine (2008). *Overcoming Ethnocentrism through Developing Intercultural Communication Sensitivity and Multiculturalism*. Pacific and Asian Communication Association. University of the Pacific.

MOTA, Luciene Freitas; ECHER, Silvana Regina & BONILLA, Maria Helena (2016). *As ressignificações da arte de contar histórias na contemporaneidade*. Universidade Estadual de Londrina.

FLICK, Uwe (2009). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa, Monitor, pp. 1-13.

FERREIRA, Marcos (2013). *A ética da Investigação em Ciências Sociais*. Revista Brasileira de Ciências Política, nº 11, Brasília, maio-agosto. pp. 169-191.

GARCIA, Sílvia (S/D). *Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário*.

Disponível em [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE\\_3642.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3642.pdf).

GUERRA, Isabel Carvalho (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril, Principia Editora, 2006.

FLEK, Felícia (2007). *O contador de histórias: uma nova profissão?* PGCIN / UFSC.

FRETES, Vasco Manuel Cunha (2014). *A arte da empatia*. International Biocentric Foundation, através da Escola de Biodanza Sistem Toro de Portugal.

KRETZMANN, Carolina Giordani (2007). *Multiculturalismo e diversidade cultural: comunidades tradicionais e a proteção do patrimônio comum da humanidade*. Universidade de Caxias do Sul. Tese de mestrado.

KUHN, Marisa Canello; SCORTEGAGNA, Silvana Alba (2016). *Relevância da empatia no desenvolvimento inter-relacional em equipes de trabalho*. EGEP – Encontro de Estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. Passo Fundo.

LAGO, Filipe Monteiro da costa; PRADO, Denise Figueiredo Barros do (2015). *Representação de práticas culturais populares: o que o mundo separa o Esquentão! Junta*. NAMID/UFPB

Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>.

HORTA, Ana Paula Beja (2010). *Associativismo Imigrante*. Revista Migrações. Observatório da Imigração, ACID I.P.

LALANDA, Piedade (1998). *Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica*. *Análise Social*, vol. XXXIII (148), 1998 (4º), 871-883.

LARAIA, Roque de Barros (2014). *Cultura um conceito antropológico*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

LUZ, Rita Miguel da (2014). *A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar. Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e Comunicação.

LUCIANO, Ana Maria Vieira (2014). *O contador de histórias: das representações literárias ao contexto educativo atual*. Universidade Aberta.

MAALOUF, Amin (1998). *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel.

MAALOUF, Amin (2009). *Um mundo sem regras. Quando as nossas civilizações se esgotam*. Lisboa: Difel.

MOTA, Luciene; ECHER, Silvana & BONILLA, Maria (2011). *As resinificações da arte de contar histórias na contemporaneidade*. Boitotá. Universidade Estadual de Londrina.

MOZZATO, Anelise Rebelato & DENIZE, Grzybovski (2011). *Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios* Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4>

NUNES, Sheila Marocco (2018). *Contaço de histórias e empatia: Relações estabelecidas a partir do reconto de crianças*. Instituto de Psicologia. UNB- Universidade de Brasília.

OIVEIRA, Verônica Macário de; MARTINS, Maria de Fátima & VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa (2012). *Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: Pistas teóricas e metodológicas*. Simpoi.

CAPRINO, Mônica Pegurer; PERAZZO, Priscilia Ferreira (2011). *História oral e estudos de comunicação e cultura*. Revista FAMECOS Mídea, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v.18, n.3, 801-815.

PISCITELLI, Adriana G. (2005). *Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico*. Universidade Estadual de Campinas – PAGU.

PRESSER, Nadi Helena; GONZÁLEZ, José António Monteiro (2017). *Práticas culturais e comportamento social em informação*. Porto Alegre.

Disponível em <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245233.11-31>

RAMOS, Natália (2013). *Interculturalidade(s) e Mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas*. Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI).

RAMOS, Jorge Lopes Machado (2011). *A dita-cuja: uma narrativa de tradição oral sobre a filha do diabo, reinterpretada para a literatura infanto-juvenil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

RODRIGUES, João Paulo Vieira (2013). *Os avós na família e sociedade contemporâneas. Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural*. Universidade Aberta.

SANTOS, Neide Medeiros (2010). *Contar histórias: Uma arte milenar*. Graphos. João Pessoa, Vol 12, N. 2.

SCHERMACK, Keila de Quadros. (S/D). *A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento*. UPF.

Disponível em <http://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>

SILVA, Alesson Luiz Gois da; LIMA, Alexandro Laurentino de; SILVA, Andrea Souza e; COSTA, Edyja Gomes da; SILVA, Jocilene Gomes da; SILVA, Max Rodolfo Roque da (1983). *Entre contos e cantos: linguagem e literatura oral a partir das tradições do sertão nordestino*. Revista Encontros de Vista – Quarta edição – ISSN 1983-828X.

SILVA, Acildo Leite da (2004). *Memória, Tradição oral e a afirmação da identidade étnica*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Tese de mestrado.

SILVA, Daiana Ruff da (2006). *Mídia, migrações contemporâneas e interculturalidade: um percurso através das histórias de vida*. Rastros - Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação Vol 7

SISTO, Celso (2007). *Contar histórias, uma arte maior*. Disponível em <https://pt.slideshare.net/rofisi/contar-histrias-celso-cisto>

TEIXEIRA, Ana Paula (2006). *O contador de histórias: protagonista do mendo da imaginação*. Universidade Federal de Goiás, Escola de Musica e Artes Cênicas.

TICA, Anna; PEDRO, Nuno & POLO, Toni. (2011). *Nôs terra*. Solidariedade Imigrante - Associação para a Defesa dos Direitos dos Imigrantes. Registo Vídeo.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato (2008). *Contaço de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação*. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01.

UNESCO (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*.

UNESCO (2003a). *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*

UNESCO (2003b). *Oral traditions and expressions including language as a vehicle of the intangible cultural heritage*.

Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/en/oral-traditions-and-expressions-00053>

VENTURA, Flávia Priscila (2012). *Narrativa e experiência: percepções, práticas culturais e memória de pessoas migrantes*. Universidade Estadual Paulista Lúlio de Mesquita Filho.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria (2016). *Memória e identidade de mulheres imigrantes artistas*. XIII Encontro Nacional de História Oral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA**

## Guião das Entrevistas

Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Sexo: M      F

Data nascimento:

Lugar de nascimento:

Nacionalidade(s):

Data de chegada a Portugal:

Profissão:

Situação profissional (atual):

Escolaridade:

Agregado Familiar:

Local de Residência:

### **I. Percurso Migratório**

1. Por que razões decidiu emigrar?

2. Como foi o processo de tomada de decisão de emigrar?

3. Porque motivos escolheu Portugal como país de destino?

4. Tem experiência emigratória noutros países? Quais?

5. Que expectativas tinha à chegada a Portugal?

6. Pode referir como foi o seu percurso emigratório para Portugal? Veio sozinho/a? Com familiares? Com um contrato de trabalho? Especificar.

7. Tem a sua situação regularizada em Portugal? Especificar.

8. Quando emigrou tinha a expectativa de utilizar a arte de contar estórias no país destino?

## **II. Processo de Integração em Portugal**

9. Sente-se integrado/a na sociedade portuguesa? Porquê?

10. Considera que a sua família se sente integrada / acolhida em Portugal?

11. Quais as principais dificuldades que sentiu nos primeiros tempos em Portugal?

12. Quais os fatores que mais contribuíram para facilitar a sua integração em Portugal?

13. Como percebe a relação da sociedade portuguesa com as populações migrantes a residir no país?

14. Reportando-se à sua experiência migratória noutros países, sentiu diferenças na forma de acolhimento dos imigrantes? Pode identificar as principais diferenças?

15. Dada a sua experiência migratória, como avalia as políticas de integração em Portugal, comparando-as com a dos países de emigração onde estabeleceu residência? Indique os principais aspetos positivos e negativos.

16. (Para os/as entrevistados/as que não possuem a nacionalidade portuguesa). Considera que a obtenção da cidadania portuguesa é um importante fator de integração? Porquê?

17. (Para os/as entrevistados/as que possuem a nacionalidade portuguesa). Sente que a obtenção da cidadania portuguesa contribuiu para reforçar os laços de pertença à sociedade portuguesa?

18. Pode indicar as relações que mantém com o país de origem?

19. Pretende manter residência em Portugal? Remigrar? Regressar ao país de origem?

20. Vindo de um país com diferentes práticas culturais, sentiu dificuldade em manter as suas práticas culturais?

21. Que estratégias utilizou para reproduzir as suas práticas culturais?

22. Sentiu que as suas práticas culturais se modificaram, no processo de adaptação e integração no contexto migratório? Como?

23. Tiveram as estórias alguma influência na forma como conseguiu reproduzir as suas práticas culturais?

24. Constituiu a língua (ou o português de Portugal para os brasileiros) alguma barreira à atividade de contar estórias?

25. (para quem não tem o português como língua-mãe). Quando conta, utiliza a língua portuguesa ou a sua língua natal?

### **III. Migrantes Contadores de Estórias. Integração e Interculturalidade**

26. Qual a sua ligação à tradição oral de contador de estórias? Como aprendeu e com quem, a ser contador/a de estórias?

27. Quais os principais motivos que o/a levaram a ser contador de estórias em Portugal?

28. Como foi a sua trajetória de contador de estórias em Portugal?

29. Que estórias conta? Para quem? Onde?

30. (para os que contam estórias originais e /ou da sua tradição oral). Quando conta as estórias da sua autoria ou da sua ancestralidade, sente que está a dar a conhecer a sua cultura de origem?

31. Dar a conhecer a sua cultura de origem é um objetivo, ou isso é-lhe indiferente?
32. Considera que os públicos-alvo entendem o significado das estórias contadas?
33. Sente por parte dos seus ouvintes alguma empatia com a sua cultura de origem?
34. Qual a sua perceção da importância, ou não, da empatia criada com os ouvintes para o conhecimento da sua cultura de origem? Teve alguma importância na sua integração?
35. Sente que ser contador/a de estórias foi um fator importante de integração na sociedade portuguesa? Como?
36. Considera que ser contador/a de estórias no contexto migratório promove espaços de interação positiva e de dinâmicas de interculturalidade? Especificar.
37. Que tipo de políticas considera necessárias para a promoção dos contadores/as de estórias migrantes no contexto português e a nível transnacional, como agentes de interculturalidade?

## **ANEXO II - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

### **INFORMADO**

## Declaração de consentimento informado

Eu, Valter Peres, estudante nº N° 901875, encontro-me, presentemente, a realizar o projeto de investigação, subordinado ao tema *Migrantes Contadores de Estórias – Integração e Interculturalidade*, no âmbito da dissertação de mestrado em Relações Interculturais, Curso de Mestrado em Relações Interculturais da Universidade Aberta. No quadro desta pesquisa, e no que respeita às opções metodológicas, a recolha de informação centra-se na aplicação de entrevistas em profundidade, que têm por base um guião temático.

As entrevistas serão registadas em formato áudio visual, para posterior transcrição e análise. É garantida a absoluta confidencialidade de dados e somente eu, enquanto investigador, terei acesso às gravações. É, igualmente, assegurada a possibilidade de anonimato, caso desejado.

A duração de cada entrevista está estimada em 65 minutos. Qualquer dúvida adicional relativa ao estudo, suas metodologias e objetivos poderá ser colocada ao investigador.

Caso concorde participar neste estudo, agradeço que preencha os espaços abaixo.

Eu, \_\_\_\_\_, tendo tomado conhecimento dos objetivos do estudo em questão, compreendendo o papel que devo desempenhar neste, tendo sido devidamente esclarecida/o em todas as minhas questões, aceito participar no estudo, estando igualmente ciente de que em qualquer momento poderei interromper a minha participação.

Data:

Assinatura:

**ANEXO III - EXCERTO DO MAPA DE ANÁLISE DE  
CONTEÚDOS DE UMA DAS ENTREVISTAS**

Nome: <b>Matia</b>		Indicadores		Indicadores		Indicadores		Unidade de contexto	
Tema	Categorias	Indicadores	Indicadores	Indicadores	Indicadores	Indicadores	Indicadores	Indicadores	Indicadores
1 P e r c u r s o M i g r a t ó r i o		1. Porque razões decidiu emigrar?	Por amor	Por amor	Por amor	Por amor	Por amor	Foi por amor. Acho que nunca contei a história num serão, mas foi por amor, foi como dizia, vir atrás da minha companheira que é portuguesa, então a grande motivação para vir para cá era esta	
		2. Como foi o processo de tomada de decisão de emigrar?	O processo de migração foi preparado durante um ano, com duas ou três visitas à namorada. Teve até o cuidado, juntamente com a namorada de preparar o conhecimento do país, da língua, recorrendo a livros e música. Inicialmente com bilhete de regresso dali a nove meses "tinhamos de ver como andava a relação"	O processo de migração foi preparado durante um ano, com duas ou três visitas à namorada. Teve até o cuidado, juntamente com a namorada de preparar o conhecimento do país, da língua, recorrendo a livros e música. Inicialmente com bilhete de regresso dali a nove meses "tinhamos de ver como andava a relação"	O processo de migração foi preparado durante um ano, com duas ou três visitas à namorada. Teve até o cuidado, juntamente com a namorada de preparar o conhecimento do país, da língua, recorrendo a livros e música... temos lá um livro que é... da planeta tangerina com... cos post-it a traduzir em italiano, ela enviava, eu ia lendo e ia percebendo assim mais coisas... então a preparação não era só, não era só de fazer a mala... e arranjar a vida.	O processo de migração foi preparado durante um ano, com duas ou três visitas à namorada. Teve até o cuidado, juntamente com a namorada de preparar o conhecimento do país, da língua, recorrendo a livros e música... temos lá um livro que é... da planeta tangerina com... cos post-it a traduzir em italiano, ela enviava, eu ia lendo e ia percebendo assim mais coisas... então a preparação não era só, não era só de fazer a mala... e arranjar a vida.	Planeei vir pa cá, num planeamento de quase um ano... com um grande apoio da minha companheira, então... mandava-me canções e músicas... temos lá um livro que é... da planeta tangerina com... cos post-it a traduzir em italiano, ela enviava, eu ia lendo e ia percebendo assim mais coisas... então a preparação não era só, não era só de fazer a mala... e arranjar a vida.		
		Razões							Estive em Portugal (antes) duas ou três vezes a visitá-la
		3. Porque motivos escolheu Portugal como país de destino?	Por amor, por vir atrás da sua namorada.	Por amor, por vir atrás da sua namorada.	Por amor, por vir atrás da sua namorada.	Por amor, por vir atrás da sua namorada.	Por amor, por vir atrás da sua namorada.	Tinha claro que vinha pá cá... no início foi para nove meses. O plano era vir para cá por nove meses, já assim com a ideia de, de ficar, mas logo vemos... tínhamos que ver como é que andava a relação, ir morar juntos e tudo, então, o primeiro bilhete foi para nove meses, depois logo vemos...	
		4. Tem experiência emigratória noutros países? Quais?	Não tem experiências de viver noutro país, que não seja Itália, país de origem e Portugal	Não tem experiências de viver noutro país, que não seja Itália, país de origem e Portugal	Não tem experiências de viver noutro país, que não seja Itália, país de origem e Portugal	Não tem experiências de viver noutro país, que não seja Itália, país de origem e Portugal	Não tem experiências de viver noutro país, que não seja Itália, país de origem e Portugal	**** Onde estive a viver, sim, foi (Portugal) o primeiro	
		5. Que expectativas tinha à chegada a Portugal?	Não conhecendo bem Portugal, sendo originário de uma pequena aldeia e vindo após ter estado a viver numa média/pequena cidade aquando dos estudos, o vir para uma capital e a possível vida cultural de Lisboa, trazia-lhe expectativa, sobretudo por Portugal não ser muito conhecido em Itália. Mas nenhuma expectativa se sobrepunha ao vir ter com a sua namorada	Não conhecendo bem Portugal, sendo originário de uma pequena aldeia e vindo após ter estado a viver numa média/pequena cidade aquando dos estudos, o vir para uma capital e a possível vida cultural de Lisboa, trazia-lhe expectativa, sobretudo por Portugal não ser muito conhecido em Itália. Mas nenhuma expectativa se sobrepunha ao vir ter com a sua namorada	Não conhecendo bem Portugal, sendo originário de uma pequena aldeia e vindo após ter estado a viver numa média/pequena cidade aquando dos estudos, o vir para uma capital e a possível vida cultural de Lisboa, trazia-lhe expectativa, sobretudo por Portugal não ser muito conhecido em Itália. Mas nenhuma expectativa se sobrepunha ao vir ter com a sua namorada	Não conhecendo bem Portugal, sendo originário de uma pequena aldeia e vindo após ter estado a viver numa média/pequena cidade aquando dos estudos, o vir para uma capital e a possível vida cultural de Lisboa, trazia-lhe expectativa, sobretudo por Portugal não ser muito conhecido em Itália. Mas nenhuma expectativa se sobrepunha ao vir ter com a sua namorada	Não conhecendo bem Portugal, sendo originário de uma pequena aldeia e vindo após ter estado a viver numa média/pequena cidade aquando dos estudos, o vir para uma capital e a possível vida cultural de Lisboa, trazia-lhe expectativa, sobretudo por Portugal não ser muito conhecido em Itália. Mas nenhuma expectativa se sobrepunha ao vir ter com a sua namorada	Havia toda a camada da relação com a minha companheira... talvez duas coisas: de um lado... acho que na altura, Portugal era assim mais esquecido na Itália, então... vá sim, é um país algures na península ibérica, ninguém sabia muito bem o que é que era e a segunda camada, acho que é, sobretudo vir pra Lisboa... venho de um vale muito pequenino, antes de vir pá cá, morava numa cidade onde estava a estudar, que é mais ou menos do tamanho de Viseu, mas para a altura foi um pequeno salto do vale para uma cidade... uma cidade pequena então andava muito à procura do salto maior que era vir para uma capital, então talvez, mais do que vir para Portugal, eu vinha para Lisboa, as expectativas eram de, Lisboa, a vida cultural... sendo que todas estas camadas eram... eram... são mais pequenas em relação à coisa maior que é vir atrás da minha companheira e estivesse ela em Viseu, ou em Lisboa, era igual...	
		6. Pode referir como foi o seu percurso emigratório para Portugal? Veio sozinho/a? Com familiares? Com um contrato de trabalho? Especificar.	Veio sozinho	Veio sozinho	Veio sozinho	Veio sozinho	Veio sozinho	*****	
	7. Tem a sua situação regularizada em Portugal? Especificar.	Sendo Italiano, no espaço Schengen tem a sua situação regularizada	Sendo Italiano, no espaço Schengen tem a sua situação regularizada	Sendo Italiano, no espaço Schengen tem a sua situação regularizada	Sendo Italiano, no espaço Schengen tem a sua situação regularizada	Sendo Italiano, no espaço Schengen tem a sua situação regularizada	Sim, como italiano residente no estrangeiro... mas isto veio muitos anos mais tarde...		